



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

***Over the rainbow: as realidades cristãs nas ressignificações de
sexualidades***

**São Carlos - SP
2023**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

Fernando Augusto de Souza Guimarães

Over the rainbow: as realidades cristãs nas ressignificações de sexualidades

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Sociologia. Linha de Pesquisa: Estrutura social e desigualdades.

Orientado pelo Prof. Dr. André Ricardo de Souza

**São Carlos - SP
2023**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Folha de Aprovação

Defesa de Tese de Doutorado do candidato Fernando Augusto de Souza Guimarães, realizada em 11/08/2023.

Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Andre Ricardo de Souza (UFSCar)

Profa. Dra. Janine Targino da Silva (UCAM)

Prof. Dr. Marcelo Tavares Natividade (UFC)

Prof. Dr. Jorge Leite Junior (UFSCar)

Profa. Dra. Priscila Martins de Medeiros (UFSCar)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia.

Agradecimentos

Quatro não é um número surpreendente em termos de grandeza, ainda mais quando quantifica anos de formação educacional, pois quatro anos passam num piscar de olhos. E assim foi em relação ao desenvolvimento desta pesquisa de doutorado que apesar da pandemia de COVID-19, passou voando, ao menos foi esta minha impressão. Como o tempo, muitas pessoas passaram pela minha vida e de uma forma ou de outra, todas cooperaram com o desenvolvimento desta pesquisa e meu próprio, enquanto pessoa e sociólogo. Peço desculpas antecipadas pela memória falha e minha incapacidade em nomear todos, mas saibam que sou sinceramente grato a cada um de vocês: muitíssimo obrigado.

Para além das formalidades, começo agradecendo a Crislene por toda a companhia, dedicação, apoio e incentivo ao longo deste processo, nada como a sabedoria e o amor de mamãe para superação das dificuldades e obstáculos da vida. Agradeço ainda a Dona Palmira e Maria, que sempre estiveram presentes, mesmo sem saberem ao certo o que é a sociologia e para que serve o doutorado, mas com o carinho e amor de avós me deram força e ânimo para chegar até aqui. Minha querida irmã, Mariana, outra peça fundamental no meu quebra cabeça da vida, muito obrigado.

Não posso deixar de agradecer a meu orientador, André Ricardo de Souza, que me acompanha na Universidade a mais de uma década e a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da UFSCar. Estendo meus agradecimentos especialmente aos professores Célia da Graça Arribas, Jorge Leite, Marcelo Natividade, Janine Targino Silva e Priscila Medeiros. No âmbito do PPGS, sou grato a todos os membros que passaram pelo Núcleo de Pesquisas de Religião, Economia e Política (NEREP): Giulliano Placeres, Vinicius Manduca, Breno Batista, Natália Cannizza, Mariana Monti, Humberto Ramos, Claudirene Bandini, Flávio Sofiati, Pedro Simões, Rodrigo Toniol, Roberson Marcomini e Vitor Guidotti. Bem como aos companheiros de turma: Ana Sabadin, André Sales, Cristiane Melo, Diego Pereira, Inaê Vasconcellos, Marzane Souza, Thalles Breda e Rosana Sorbille.

Sou grato a todos os amigos e amigas que conheci em São Carlos ao longo desta caminhada e nomearei poucos: Tayla Nayara Barbosa que junto do seu Jerônimo foram essenciais no meu processo de aprendizagem desde a graduação e me incentivaram sempre com seu brilhantismo e otimismo. Aos irmãos Gustavo e Natália Tamanaka, muito obrigado pelos debates, incentivo, companhia em aulas e eventos e, principalmente, o acolhimento na casa de vocês. Por fim, agradeço aquele que me acompanhou na parte final desta etapa, Luiz Francisco Ananias, e me ensinou a como trabalhar com seriedade sem deixar de aproveitar a vida! Muito obrigado a todos! Por me ajudarem e suportaram todo o meu “bom humor”! Por último e não menos importante, agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pela bolsa de pesquisa que tornou tudo isso possível.

*“Somewhere, over the rainbow, skies are blue,
And the dreams that you dare to dream really
do come true”¹.*

(Na voz de Judy Garland. Composto por Harold Arlen com letra de Yip Harburg)

¹ Em algum lugar acima do arco-íris, os céus são azuis,
E os sonhos que você se atreve a sonhar
Realmente tornam-se realidade.

RESUMO

Nesta tese é analisada sociologicamente as dinâmicas de conflito e disputa nas explicações sobre a diversidade sexual no cristianismo, traçando uma comparação entre a interpretação sobre a homossexualidade produzida no âmbito institucional das maiores vertentes cristãs brasileiras e a percepção de indivíduos LGBTQIA+ que se identificam com tais instituições religiosas. A pesquisa teve como ponto de partida o trabalho de campo em ambiente digital, por meio da observação das interações estabelecidas nas redes sociais por indivíduos LGBTQIA+ que defendem e afirmam sua identidade religiosa e usam tais plataformas para promover espaços de acolhimento, formação e enfrentamento às instituições das quais fazem parte, bem como de suas respectivas lideranças. O universo selecionado engloba católicos, evangélicos, sobretudo membros da Igreja Adventista, e espíritas, tendo em vista a compreensão de sua atuação nas mídias sociais, com foco em seus discursos, de modo a compará-los com as explicações oficiais das instituições religiosas da qual fazem parte, destacando os argumentos e instrumentos discursivos mobilizados para pressioná-las por mudanças. As conclusões apontam para a centralidade da experiência religiosa na construção das narrativas de vida e discursos destes cristãos.

Palavras-chaves: Cristianismo. Homossexualidade. Diversidade sexual.

ABSTRACT

In this thesis, the dynamics of conflict and dispute in explanations about sexual diversity in Christianity are maintained sociologically, drawing a comparison between the interpretation of homosexuality produced within the institutional scope of the largest Brazilian Christian branches and the perception of LGBTQIA+ individuals who identify with such religious institutions. The research had as its starting point the field work in a digital environment, through the observation of the protected ones in the social networks by LGBTQIA+ individuals who defend and affirm their religious identity and use such platforms to promote spaces of reception, formation, and confrontation to the institutions of the which they are part, as well as their respective leaders. The selected universe encompasses Catholics, Evangelicals, especially members of the Adventist Church, and spiritists, with a view to understanding their role in social media, focusing on their speeches, in order to compare them with the official authorities of the religious institutions that they belong to, highlighting the instruments and discursive mobilized to pressured changes in them. Thus, it points to the centrality of religious experience in the construction of life narratives and discourses of these Christians.

Key-words: Christianity. Homosexuality. Sexual diversity.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. Sugestão de novos perfis

FIGURA 2. Post sobre pastor adventista bissexual

LISTA DE SIGLAS

FEB – Federação Espírita Brasileira

CID – Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde

CPDF – Congregação para Doutrina da Fé

CPEC – Congregação para a Educação Católica

DSM – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais

LGBTQIA+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, e demais grupos e variações de sexualidade e gênero

USE – União das Sociedades Espíritas

SUMÁRIO

Introdução	12
1 Contando as cores do arco-íris	24
1.1 As cores que faltam	30
1.2 A escolha do prisma	33
1.2.1 Comparando modelos	43
2 O poder da palavra	51
2.1 Em busca da verdade	51
2.1 Matrimônio e reprodução	55
2.2 Homossexualidade	60
2.2.1 A explicação católica sobre a homossexualidade	63
2.2.2 As explicações espíritas	66
3 Será que é?	73
3.1 Gays católicos	77
3.2 Gays espíritas	79
3.3 Gays evangélicos do adventismo	87
4 Conclusão	90

Introdução

Este trabalho resulta de projeto de pesquisa concebido em 2018. Entre sua elaboração e o início efetivo da pesquisa, houve a vitória do então candidato extremista de direita à Presidência da República Jair Messias Bolsonaro que representou a emergência de um governo autointitulado “conservador nos costumes e liberal na economia”. Tal vitória atestava o recrudescimento do conservadorismo no Brasil, tendência reforçada pelas Jornadas de Junho de 2013 (GALLEGO, 2018), e seus vínculos com alguns segmentos religiosos, deixando às claras os laços entre religião e política, principalmente quanto aos evangélicos (ALMEIDA, 2019; ALMEIDA; TONIOL, 2018; AVILLA; PORTELLA; FERREIRA, 2005; BURITY, 2018; MACHADO, 2012). Em consonância com a estratégia eleitoral adotada por Bolsonaro, ao se apresentar ostensivamente como cristão², outras lideranças religiosas expressaram seu apoio a ele e endossaram o discurso anticorrupção em suposta defesa da moral e dos bons costumes.

Naquele pleito eleitoral ainda foi possível observar a manipulação e a disseminação de pânicos morais por parte de líderes religiosos e políticos que se tornaram atores centrais na determinação das pautas debatidas na esfera pública técnico-mediatizada (MISKOLCI, 2021). A atuação destes atores políticos e religiosos nas mídias sociais, por meio do compartilhamento de postagens e vídeos, teve capacidade de estabelecer e alterar a agenda política (DA CONCEIÇÃO; CAPELLA, 2018), especialmente, no que diz respeito aos discursos sobre o combate à chamada ideologia de gênero, entendida como capaz de cercear as liberdades individuais daqueles que defendem os valores tradicionais da família³ (BUSIN, 2011; MACHADO, 2018) e combate à doutrinação política por meio da associação Escola sem Partido (PENNA, 2018; PAOLIN, 2022). Embora formulado no âmbito do catolicismo (SCALA, 2010; MACHADO, 2018), o discurso de combate à ideologia de gênero passou a ser massivamente utilizado no segmento evangélico em defesa dos princípios cristãos da

² Católico, ele recebeu, em 2016, um batismo simbólico nas águas do Rio Jordão, em Israel, pelas mãos do assembleiano pastor Everaldo Dias Pereira, que fora candidato presidencial dois anos antes.

³ Composta, necessariamente, por um homem e uma mulher, casados e monogâmicos, juntos de seus filhos.

família e da heterossexualidade. Isto se ampliou, ainda mais, após o reconhecimento legal das uniões entre pessoas do mesmo sexo pelo Supremo Tribunal Federal, em 2011, e todo o debate sobre a criminalização da homofobia e transfobia, que culminou na decisão de sua equiparação aos termos da Lei de Racismo em 2019.

De forma geral, os discursos disseminados nas mídias sociais, buscaram interromper os avanços em prol da igualdade de gênero e dos direitos sexuais reivindicados pelos movimentos feministas e LGBTQIA+⁴ (MISKOLCI; CAMPANA, 2017; NATIVIDADE, 2016) por meio da disseminação do medo de que tais avanços influenciassem a sexualidade das crianças, que seriam incentivadas a serem LGBTQIA+ e, também, pela suposta ameaça à liberdade religiosa dos cristãos que condenam tais comportamentos sexuais e identidades de gênero (MISKOLCI, 2007). Tais polêmicas em torno de gênero e sexualidade, disseminadas durante a campanha eleitoral de 2018, contaram, inclusive, com a disseminação de notícias e informações falsas, as chamadas *fakenews*, sobre os adversários políticos de Bolsonaro, como a acusação de criação do “kit gay” por Fernando Haddad enquanto ainda era Ministro da Educação no governo de Dilma Rousseff⁵ (SIMÕES et al, 2009). O conjunto de avanços no âmbito jurídico e a possibilidade de inclusão do debate sobre gênero e sexualidade no currículo escolar foram entendidos como tentativa de implementação da “ditadura gay” no país (ARBEX, 2012). O discurso de combate a tais iniciativas veio a ser mais uma justificativa entre aquelas que endossaram a mobilização de indivíduos e grupos conservadores.

A ampla divulgação destes discursos em plataformas e mídias sociais, com destaque para WhatsApp e Facebook, evidenciaram a importância e o alcance destes meios de comunicação na formação da opinião pública à agenda política,

⁴ Ao longo do texto optei pelo uso da sigla LGBTQIA+: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, Queer, Intersexo, Assexual, sendo o + indicativo de inclusão de outras identidades de gênero e orientações sexuais que não se encaixam no modelo heterossexual.

⁵ As *fakenews* sobre o “kit gay” fazem referência ao programa Brasil sem Homofobia formulado em 2004 com o intuito de combater o preconceito e a violência contra a população LGBTQIA+. Parte do projeto envolvia a abordagem de temas sobre gênero e sexualidade nas escolas públicas, dando origem ao Programa Escola sem homofobia, que dentre suas ações, contou com a elaboração de uma cartilha escolar. Este material foi acusado de promover a homossexualidade e a promiscuidade entre as crianças, e, por isso, rotulado como “kit gay”. Este rótulo foi intensamente utilizado pelo então deputado federal pelo Rio de Janeiro, Jair Messias Bolsonaro. Em face da controvérsia gerada, em 2011, o projeto foi vetado pela presidente Dilma Rousseff.

concomitantemente à capacidade de promoção e condenação de pessoas envolvidas nestes debates (FREITAS, 2017). Gerando medo e cautela àqueles que se identificavam como progressistas e/ou LGBTQIA+, a ponto de algumas atividades realizadas por estas pessoas se iniciarem, mesmo quando em ambientes virtuais fechados e considerados seguros, com ressalvas sobre a preservação de imagem de todos os envolvidos. O medo de represálias e perseguições dentro e fora das redes sociais se tornou uma constante e levou a construção de mecanismos de proteção e segurança. Como pode ser observado na fala abaixo

Então quando vocês fizeram suas matrículas, sua inscrição, no link da plataforma, vocês concordaram com um termo de zelo no uso de imagens, na publicação de imagens, nós temos pessoas dentro desta sala de aula e de outras salas de aula que são pessoas não publicamente assumidas ou que estão em posições institucionais que não podem ter sua imagem publicamente divulgadas e associadas a **este grupo**. Por isso, é extremamente importante que vocês tomem todo tipo de cuidado na hora de postar um print, postar uma foto. Se aparece no quadradinho uma outra pessoa e você não sabe se essa pessoa é publicamente assumida, não poste. Se você não sabe se esta pessoa está oficialmente vinculada e que pode estar fazendo parte do grupo, não poste. Vocês assinaram o termo de consentimento quando preencheram o formulário e é importante dizer que a gente sabe que não vai precisar fazer isso, mas que, caso alguma das pessoas tenham sua imagem vinculada sem autorização em quaisquer redes sociais das pessoas que estão aqui, pior ainda, de pessoas que não estão aqui, a gente vai estar disponibilizando esta gravação, aonde todos vocês que estão aqui presentes, concordam com a não divulgação de imagem de terceiros não autorizados, para a pessoa tomar a medida que for. Mas a gente sabe que não vai precisar acontecer, que é só um protocolo, que tá sendo gravado, aquela coisa básica e normal. (BERNARDO⁶, julho de 2021).

Este trecho foi extraído da primeira aula do módulo 6 do curso sobre cristianismo e sexualidade promovido pelo Laboratório de Formação de Lideranças Evangélicas Afirmativas – FLEA.lab, em conjunto com o grupo Evangélicxs pela diversidade e a Plataforma Intersecções. Estas aulas ocorreram entre os dias 13 e 15 de julho de 2021, e foram ministradas pela Pastora Ana Ester, assumidamente lésbica.

⁶ Os nomes de todos que, gentilmente, aceitaram participar desta pesquisa foram trocados com o intuito de preservar suas identidades. Especialmente, porque alguns destes, embora mantenham páginas e perfis on-line, conservam sua identidade pessoal em sigilo, preservando sua privacidade por meio do anonimato.

O curso foi completamente on-line e teve duração de oito meses, sendo descrito, em sua página na internet, como:

Um espaço único de formação e mentoria sobre a diversidade sexual e de gênero no mundo evangélico que vai reunir a juventude, ativistas e lideranças evangélicas progressistas de todo o país.

Neste sentido, se entende a preocupação com a segurança e privacidade dos organizadores do curso como decorrente não apenas do contexto político atual, mas também do intuito de expansão dos participantes (homossexuais não assumidos, por exemplo) e a criação de um ambiente capaz de promover intercâmbio de experiências. Como pode ser observado na maneira como a fala de Bernardo termina

Por causa disso, também quero dizer para vocês serem bem-vindos a um espaço seguro, aqui vocês podem falar sobre o que vocês quiserem, vocês podem falar sobre suas dores, sobre suas instituições, sobre suas organizações, vocês podem falar sobre o que passa e toca a realidade de vocês (BERNARDO, julho de 2021).

O FLEA.lab foi idealizado em conjunto com o Grupo Evangélicxs pela Diversidade, que conta com perfis nas redes sociais: Facebook (com mais de 2200 seguidores) e Instagram (mais de 6800 seguidores). O Evangélicxs surgiu formalmente em 2017 com o intuito de promover novas interpretações religiosas e leituras do sagrado em prol da diversidade sexual e de gênero, tendo sido fundado por Flávio Conrado, Tálita Santana e Bob Luiz Botelho Cordeiro após participarem do Festival Reimaginar⁷ em 2016 no Distrito Federal.

De acordo com seu manifesto, o grupo não propõe a formação de uma denominação nem instituição religiosa, existindo apenas enquanto espaço de articulação capaz de promover uma rede de contato entre pessoas LGBTQIA+, especialmente, aquelas que se identificam como evangélicas.

Somos uma iniciativa que cultiva a espiritualidade como alimento diário e poder sobrenatural para o alcance de liberdade, justiça, equidade, respeito e acolhimento **de pessoas LGBTI+ na prática da fé cristã evangélica**. Queremos **receber gente de todas as partes e conectá-las**, para que possamos dar suporte, cuidado e esperança a pessoas LGBTI+ que sofrem intolerância, violência ou alguma forma de opressão dentro de suas famílias ou igrejas. **Nossa experiência**

⁷ Organizado pelo grupo Novos Diálogos com o intuito de estimular debates sobre “Bíblia, Gênero e Sexualidade” a partir de pessoas LGBT e membros de diversas igrejas protestantes, o festival Reimaginar teve uma segunda edição em 2018.

com Cristo nos leva a produzir conteúdo a partir de uma profunda reflexão teológica inclusiva, afirmativa, comunitária e progressista. Defender os direitos humanos, lutar por igualdade e promover a cidadania é a nossa maneira de garantir a vida plena e abundante da população LGBTI+ na sociedade (EVANGÉLICXS, [2017]. grifo nosso).

O principal objetivo do grupo, ‘conectar’, justifica sua existência unicamente nas redes sociais, bem como as parcerias estabelecidas com outros grupos, como a *Red Latinoamericana y del Caribe por la Democracia (RedLad)* e o *Grupo de Estudios Multidisciplinares sobre Religión e Incidencia Pública (GEMRIP)*. A tradução da Cartilha: 12 Mitos sobre as Religiões e a Diversidade Sexual é fruto de tais parcerias (QUERO, 2018). Vale destacar a motivação que o Manifesto apresenta à realização das ações do grupo: “a experiência com Cristo” de pessoas LGBTQIA+.

[Missão] organizar um movimento de pessoas LGBTI+ evangélicas que pautam a diversidade sexual e de gênero em diálogo com a fé evangélica, presente nacionalmente, com iniciativas que promovam sua afirmação nas igrejas, organizações evangélicas e na sociedade. [Visão] ser uma referência sobre diversidade sexual e de gênero numa perspectiva evangélica, promovendo olhares e práticas emancipadoras e afirmativas de pessoas LGBTI+ evangélicas, na relação com igrejas, organizações evangélicas e sociedade civil (EVANGÉLICXS, 2021).

Produzir reflexões e ações de afirmação da diversidade sexual e de gênero no campo evangélico brasileiro é entendido como *chamado* decorrente da *vocação* missionária do grupo (EVANGÉLICXS, 2021). Em outras palavras, o trabalho desse agrupamento é envolto de significado religioso e interpretado como a materialização da vontade divina, transformando o chamado e a vocação em elementos motivadores na filiação de novos membros com intuito de promover afirmação e ações em prol da defesa da diversidade sexual e de gênero. É possível se associar ao grupo por meio de um cadastro online, disponível em seu site, que apesar da despretenção com discussões psicológicas, dá destaque ao sofrimento psicológico que os LGBTQIA+ evangélicos experienciam, entendido como resultante da falta de convívio entre LGBTQIA+ evangélicos e pressões geradas por iniciativas que oferecem tratamento à homossexualidade (NATIVIDADE, 2006).

Neste sentido, o curso de Lideranças Evangélicas Afirmativas, embora fosse pago, se destinava a cristãos, especialmente aqueles identificados como LGBTQIA+, independentemente de suas denominações, pois o foco do curso era oferecer uma releitura da Bíblia que contemplasse a existência da diversidade sexual, relativizando assim os trechos bíblicos em que a homossexualidade e outras práticas sexuais são condenadas (ROSAS et al, 2021; VELIQ, 2021). Apesar de ser realizado em ambiente virtual, o medo e cautela passaram a compor a ordem do dia no cotidiano da maioria destes indivíduos, até entre aqueles já “assumidos” e “fora do armário”, pois o recrudescimento do conservadorismo foi acompanhado da percepção de aumento da violência⁸. Esta mudança de cenário é, mesmo entre aqueles que se denominam cristãos, comumente associada ao crescimento do espectro religioso conservador, principalmente, evangélico, desconsiderando-se a diversidade denominacional, característica deste segmento, tratando-o como um grupo homogêneo. Razão que ratifica a importância desta pesquisa feita, de modo geral, dada a heterogeneidade no universo cristão.

Além da reconfiguração política e socioeconômica, ocorrida a partir da eleição e início do governo de Bolsonaro, é preciso considerar devidamente a pandemia de Covid-19, iniciada em março de 2020. Pois ela suspendeu todas as etapas previstas no cronograma inicial e alterou o cotidiano do mundo todo em razão da necessidade de quarentena e isolamento social. Sua importância não se deve apenas em termos de contextualização do momento de execução da investigação, mas também para justificação das escolhas metodológicas adotadas em razão de dois fatores: impossibilidade de realização de atividades investigativas presenciais e a reconfiguração das interações e vivências religiosas por meio do uso das mídias sociais como alternativa ao fechamento dos templos (ADAM; SBARDELLOTTO, 2021; STEPHANINI e BROTTTO, 2021). O modo como as pessoas vivenciaram práticas religiosas modificou-se naquele período forçando a realização da pesquisa remota.

⁸ Levantamentos realizados naquele ano mostram o aumento de 33% no número de mortes violentas de pessoas LGBTQIA+, fruto das políticas realizadas no governo Bolsonaro. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2022-05/numero-de-mortes-violentas-de-pessoas-lgbti-subiu-333-em-um-ano>; <https://pp.nexojournal.com.br/linha-do-tempo/2022/Pol%C3%ADticas-para-LGBTI-no-governo-federal-ascens%C3%A3o-e-queda>. Acesso em 20 de março de 2023.

A pandemia contribuiu para a difusão da presença religiosa nos massivos meios de comunicação, especialmente nos casos do catolicismo e do protestantismo, que expandiram, ainda mais, a atuação de suas emissoras de TV e rádio às mídias digitais, como Facebook, Instagram e YouTube (SOUZA; MANDUCA; PLACERES, 2014; CUNHA; BELLOTTI, 2016; CUNHA, 2017). Ademais, o isolamento social, ao diminuir as interações face a face, impôs o uso de tecnologias como instrumentos mediadores de contatos considerados seguros, aumentando intensamente o número de usuários dessas mídias. O segmento que mais aderiu ao seu uso foi o de pessoas com mais de 60 anos de idade⁹, que seguiram de modo mais rigoroso o isolamento e a quarentena, em resguardo quanto aos riscos de agravamento da Covid-19. Segundo dados reunidos pelas agências de marketing digital *Hootsuite* e *We are social*, no relatório Digital 2021, o Brasil é o terceiro território nacional que mais usa redes sociais no mundo. Entre janeiro de 2020 e janeiro de 2021, o país registrou aumento de 10 milhões de novos usuários nessas mídias, totalizando 150 milhões ou 70,3% da população. Os três aplicativos mais utilizados são WhatsApp, Facebook e Instagram, sendo o acesso por smartphones o mais comum¹⁰ (KEMP, 2021).

Neste contexto, a incursão etnográfica digital nas mídias sociais propiciou o monitoramento de grupos e conteúdos progressistas, em especial, aqueles produzidos por LGBTQIA+ cristãos, classificados na presente pesquisa como de gays católicos, gays evangélicos e gays espíritas. Esta escolha metodológica se justifica pelo reconhecimento dos efeitos que a revolução da internet e das mídias digitais, aliadas a mobilidade de acesso, tiveram na formação de novas subjetividades, alterando modos de ser, perceber e agir desses indivíduos (MISKOLCI, 2011; NICOLACI-DA-COSTA, 2002). A perspectiva adotada considera as mídias sociais como o conjunto composto pela rede (sites e plataformas de comunicação) e os aparelhos de acesso a ela. As plataformas selecionadas, Facebook e Instagram, foram encaradas como constitutivas da realidade social e não enquanto um lócus

⁹ Houve acréscimo de 66% no número de interações em mídias sociais feitas por pessoas desta faixa etária (BRITO, 2021).

¹⁰ Quase um terço dos acessos à internet no Brasil são realizadas exclusivamente por meio de smartphones. Percentual que reflete a desigualdade de acesso à internet no país, pois grande parte destes usuários utilizam apenas os dados móveis (3G e 4G) e a popularidade do WhatsApp, Facebook e Instagram, pode ser entendida como decorrente dos planos de telefonia móvel que oferecem pacotes de dados ilimitados no uso destas plataformas.

geográfico apartado do mundo material, se afastando, assim, da definição usual do termo ciberespaço (LEVY, 2005).

A partir das contribuições de Nancy Baym (2010) e Christine Hine (2009), foi possível tratar o espaço das mídias sociais (*on-line*) como extensão da realidade material (*off-line*). Entendendo-as como componentes de um único processo comunicativo, sendo sua contínua interação capaz de alterar as sociabilidades presentes no mundo empírico¹¹. Por isso, há designação das mídias sociais enquanto formadoras de contextos culturais organizados a partir de certos códigos e valores autônomos em relação ao mundo *off-line* (HINE, 2009). Os efeitos metodológicos desta perspectiva residem no destaque conferido à autonomia dos próprios indivíduos na escolha dos contextos em que queiram se inserir, devido à busca ativa e seleção dos códigos e valores com os quais se têm afinidade ou de acordo com os objetivos de sua interação. Além disso, mesmo em se tratando de grupos e comunidades fechadas, como as existentes no Facebook, a autonomia no processo de seleção dos conteúdos, contatos e limites de interação, proporciona aos usuários a expectativa de aceitação.

Dada a percepção de homogeneidade desses contextos culturais ancorados na noção de uma comunidade composta por indivíduos iguais ou, ao menos, com os mesmos interesses (MISKOLCI, 2011). Por isso, embora o WhatsApp seja o aplicativo mais utilizado no país, ele foi deixado de lado por não oferecer autonomia aos seus usuários através da busca ativa de pessoas ou grupos de acordo com seus interesses em temas específicos. Diferenciando-se do Facebook e Instagram. Esta escolha, contudo, não desconsidera seu papel na difusão de conteúdos nem na formação de redes de apoio e contato entre indivíduos. De tal modo que esta plataforma pode ser encarada como uma segunda etapa na socialização dos sujeitos aqui considerados. O primeiro contato com outros cristãos LGBTQIA+ se dá através do Facebook e Instagram, sendo este vínculo, posteriormente, fortalecido por meio do contato pelo WhatsApp. Cabe lembrar que o Instagram pertence ao Facebook.

¹¹ Optou-se pelo uso dos termos trabalho de campo e etnografia em ambiente digital em razão desta perspectiva.

É dentro desta perspectiva que as mídias digitais foram então abordadas: enquanto contextos culturais capazes de agregar indivíduos LGBTQIA+ de acordo com suas nuances de crença religiosa. O intuito foi compreender as dinâmicas de associação e difusão dos discursos de normalização¹² da diversidade sexual produzidos por esses indivíduos no seio das três maiores vertentes do cristianismo brasileiro: católicos, protestantes e espíritas kardecistas¹³. Em razão da pandemia, a etnografia em mídias digitais envolveu ainda a audiência de *lives* no Instagram, Facebook e YouTube, participação em eventos, cursos e encontros promovidos por LGBTQIA+ cristãos entre os anos de 2020 e 2021, além de entrevistas através de WhatsApp e Google Meet.

Antes, faz-se necessário, porém, um adendo sobre o papel dos algoritmos na experiência dos usuários de tais plataformas. Embora tenham surgido enquanto canais de comunicação, o Facebook e o Instagram se tornaram grandes canais de publicidade e atuam como plataformas para a divulgação de produtos e serviços. A título de exemplificação, o Facebook conta com espaço de *marketplace*, que em poucas palavras, nada mais é que um espaço de compra e venda de produtos, aos moldes de vitrines de um shopping center virtual. O efeito mais notável desta mudança se deu no desenvolvimento de seus algoritmos, linhas de programação por detrás do funcionamento da plataforma, que se tornaram capazes de oferecer conteúdo (conjunto de propagandas) personalizado, em certa medida, a seus usuários, com base nos perfis seguidos e conteúdos curtidos. Por isso, é possível dizer que as plataformas passaram a se organizar conforme a lógica mercantil, relacionando-se com seu conjunto de usuários como um grande mercado consumidor.

O efeito mais notável dos algoritmos é a constituição das chamadas “bolhas”, universos homogêneos onde todos compartilham, praticamente, das mesmas ideias e visão de mundo, havendo, inclusive, apontamentos quanto a sua expressiva interferência na eleição de 2018 (REIS; ZANETTI e FRIZZERA, 2020). Entretanto, esta constatação não inviabiliza a perspectiva e a abordagem aqui adotadas. Já que

¹² O enfoque sociológico buscou demonstrar como as experiências religiosas possibilitam a construção destes discursos de normalização (MISKOLCI, 2009).

¹³ Tratado a partir daqui apenas como espíritas. Em razão da superação da classificação das religiões mediúnicas em espiritismo de umbanda e espiritismo kardecista (CAMARGO, 1961).

o funcionamento dos algoritmos pressupõe a organização deste mercado em nichos, formados a partir dos interesses dos usuários. Ou seja, é a partir do uso individual de cada usuário que o algoritmo seleciona e sugere novos conteúdos.

De maneira simplificada, é possível compreender o funcionamento do algoritmo através do trabalho de campo efetuado nestas mídias. Todo o trabalho etnográfico desta pesquisa foi feito a partir de perfis pessoais, tanto do Facebook quanto do Instagram. Não houve nenhuma tentativa em se ocultar o sujeito do conhecimento, fosse através da criação de um perfil anônimo ou da construção deliberada de uma conta *low profile*.

O termo *low profile* descreve o comportamento discreto nas mídias sociais, se referindo às pessoas que costumam ficar longos períodos *offline* e que não fazem muitas postagens, seja no *feed* ou nos *stories*. *Feed* e *stories* definem dois tipos de postagens nestas plataformas. O *feed* é destinado a postagens de conteúdos a serem “guardados”, normalmente os momentos entendidos como importantes ou especiais. Já os *stories* são postagens efêmeras, que ficam disponíveis por apenas 24 horas, sendo deletadas ao fim deste período, por isso, são voltados à divulgação de conteúdos cotidianos. Aliás, após a compra do Instagram pelo Facebook em 2012, tanto as funcionalidades quanto os conteúdos de ambas as plataformas passaram a ser compartilhadas. A ponto de todo o conteúdo postado no Instagram poder ser compartilhado também no Facebook de maneira simultânea, sem a necessidade sequer de se mudar de aplicativo.

As contribuições de Débora Leitão e Laura Gomes (2017) possibilitam a caracterização do trabalho de campo desenvolvido como perambulações e acompanhamentos. As perambulações dizem respeito à navegação efêmera e transitória pelas plataformas com o intuito de compreender, neste caso, o léxico característico dos grupos e perfis de cristãos LGBTQIA+, bem como o fluxo de imagens e conteúdos utilizados, especialmente, os memes e *hashtags*¹⁴. Neste tipo de interação foi possível o mapeamento de contas e perfis entendidas como

¹⁴ No contexto digital, os memes são mensagens, normalmente imagéticas, vídeos ou fotos, com tom humorístico ou sarcástico que viralizam na internet, sendo muito compartilhadas em pouco espaço de tempo. As *hashtags*, por outro lado, são marcadores e indexadores das publicações, utilizadas para classificar seu conteúdo, podendo assim, serem utilizadas na pesquisa de conteúdo específico.

referências no campo, além da construção ativa do *bias*, ou tendência, que orientaria a ação do algoritmo. Em termos práticos, me aproveitei do funcionamento do algoritmo no mapeamento de novos perfis e contas de LGBTQIA+ cristãos, pois ao curtir e seguir perfis que poderiam compor o campo de pesquisa aqui delineado, o algoritmo começou a sugerir novas páginas e conteúdos semelhantes, como pode ser visto na Figura 1, em relação aos perfis “ibcp2023”, “rainbowbelievers” e “esquerdistaecrista”.

Figura 1. Sugestão de novos perfis



Em outras palavras, o meu histórico de pesquisa resultante da etapa exploratória possibilitou que o algoritmo cooperasse com o trabalho de campo no ambiente virtual indicando conteúdos novos à medida em que eram criados. Além disto, a opção pelo uso do perfil pessoal pretendeu construir um elo de confiança entre o pesquisador e seus colaboradores, facilitando a participação do mesmo em grupos e comunidades *on-line* em que era preciso a autorização de moderadores para tornar-se membro. Em razão do mestrado e da pesquisa exploratória realizada durante a elaboração do projeto desta pesquisa, o meu perfil pessoal nas redes sociais supracitadas agregou como amigos e seguidores algumas pessoas religiosas conhecidas no campo LGBTQIA+, facilitando a interação com novas pessoas e participação em novos grupos e eventos. Ou seja, a partir de alguns poucos contatos, criou-se um efeito cascata que ampliou a rede necessária à realização da pesquisa e

na qual pretendia me inserir. Outra justificativa para tal escolha metodológica residiu na tentativa de reproduzir a experiência de interação entre pesquisador e colaboradores existente nas entrevistas e trabalho de campo face a face no ambiente mediado.

Com relação à definição de acompanhamento, este pode ser entendido enquanto etapa ulterior do trabalho de campo, pois aqui, diferentemente das perambulações, houve necessidade da minha identificação, para o estabelecimento de contato com outros usuários destas mídias. Justificativa para a opção do uso de meu perfil pessoal na elaboração da pesquisa: aumento da confiança em relação aos interlocutores e possibilidade de encontros presenciais, que só poderiam se efetivar a partir da confiança dos colaboradores da pesquisa, seja pela certeza de que meu perfil não era falso, como também pela certeza sobre quem seria a pessoa do outro da tela, algo que, apesar de todos os contratempos advindos da pandemia, proporcionou resultados satisfatórios da pesquisa.

Por fim, a organização do texto se dá do seguinte modo: o primeiro capítulo trata da análise do cenário religioso brasileiro e discute os dados demográficos disponíveis a fim de esclarecer os preâmbulos desta pesquisa e os recortes do objeto de pesquisa. O segundo capítulo é dedicado à análise histórica da relação entre sexualidade e religião no desenvolvimento do cristianismo. Já o terceiro capítulo discute as tensões entre discursos religiosos oficiais sobre sexualidade e a compreensão dos fiéis de três vertentes religiosas - católica, espírita e adventista - sobre o tema. O capítulo final apresenta as considerações finais.

1 Contando as cores do arco-íris

A combinação entre o governo de Jair Bolsonaro e a pandemia de Covid-19 impactou a produção e disseminação de conhecimento científico no país, de diversas maneiras, dada, sobretudo, a redução nos investimentos em educação e pesquisa. Mas em se tratando das pesquisas sociais, houve prejuízo ainda maior, em razão do descaso político que levou, entre outras coisas, à falta de recursos para à realização do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), previsto para 2020, tendo sido feito com atraso e ainda sem previsão para divulgação completa dos dados (VIECELI, 2023). Deste modo a discussão pretendida neste capítulo, análise do cenário religioso brasileiro contemporâneo a partir de dados demográficos e seleção do recorte da pesquisa se pautaram, sobretudo, nos dados do recenseamento de 2010, que ainda segue fornecendo as bases para a descrição demográfica do campo religioso brasileiro.

Os dados deste último censo consolidaram as tendências de encolhimento dos católicos e ampliação dos evangélicos, acompanhado do aumento no número de espíritas e dos sem religião, confirmando assim, o declínio de religiões tradicionais e aumento de formas de religiosidade não institucionalizadas (FREESTON, 1993; PIERUCCI, 2013; NOVAES, 2013). Apesar da diminuição, o segmento católico aparece predominante no país, com 64% da população, seguido pelos evangélicos com 22%, os sem religião, com 8%, e os espíritas 3% (LEWGOY, 2013). Os evangélicos estavam agrupados em três segmentos internos: pentecostais (60%), missionários (18%) e não determinado (21%). Entre os pentecostais as maiores denominações eram: Assembleia de Deus (29%), Congregação Cristã do Brasil (5%), Igreja Universal do Reino de Deus (4%) e Igreja do Evangelho Quadrangular (4%). Já as maiores vertentes missionárias eram: Batista (8%), Adventista (3%) e Luterana (2%)¹⁵.

¹⁵ Os percentuais foram calculados em razão ao total de evangélicos e são apresentados sem arredondamentos. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107>. Acesso em: 17 de janeiro de 2023.

Em se tratando das religiões afro-brasileiras, o censo de 2010 repetiu o percentual do censo anterior, no qual este segmento representa 3% da população. Entretanto, a análise detalhada dos dados indica mudança em sua composição interna, pois o número de adeptos do candomblé aumentou, enquanto o percentual daqueles que se dizem membros da umbanda diminuiu, tendência observado ao longo dos últimos trinta anos (PRANDI, 2013). Convém ressaltar o problema histórico da quantificação dos adeptos deste segmento religioso (CAMARGO, 1961). Em grande medida porque parte destes se declaram católicos ou espíritas. Há pertencimento múltiplo e identidade mal definida resultante de um mecanismo de resistência que tenta escapar do preconceito sofrido pelos adeptos de tais cultos. Aliás, no momento da escrita deste capítulo, tomo conhecimento de que há no censo, ainda em curso, a possibilidade do registro de duplo pertencimento religioso, o que propicia, ainda mais tal escamoteamento, dificultando a compreensão específica do dado demográfico. Como os dados não foram disponibilizados, é cedo, claro, para analisar os efeitos de tal mudança. O que se pode afirmar, com certeza, é que tal mudança diminui a acuidade das análises comparativas da série histórica.

O Instituto Datafolha, embora com metodologia e abrangências distintas do IBGE que realiza amostragem maior, em todos os municípios do país, apresentou um levantamento sobre o cenário religioso brasileiro em 2020¹⁶. Os dados do Datafolha, se comparados ao do último censo, possibilitam a construção de um retrato mais acurado da pluralidade religiosa brasileira. Segundo o levantamento do Datafolha, feito em junho de 2022, o percentual de católicos caiu para 51%, o de evangélicos subiu para 26%, o dos sem religião foi a 12%, seguido pelo dos espíritas, com 2% da população.

Convém destacar que a identificação como sem religião não implica na ausência de religiosidade, pois seu crescimento expressivo não corresponde ao aumento do número de ateus e agnósticos, consideradas identificações daqueles que não possuem religiosidade (AMARAL, 2013). A soma de ateus e agnósticos representa menos de 0,39% dos brasileiros, conforme o censo de 2010. Recente

¹⁶ A pesquisa foi realizada em dezembro de 2019 e seus dados estão disponíveis em: https://drive.google.com/file/d/15aYTx8vvrYwvJvVC_tSS4N8ijxlwl-n6/view. Acesso em: 15 de janeiro de 2023.

pesquisa do *Global Religion 2023* confirmou que o Brasil segue sendo o primeiro colocado no ranking de países com maior número de pessoas que acreditam em Deus ou em um poder maior. De acordo com o levantamento, 89% dos brasileiros acreditam em Deus, sendo que 76% dizem seguir alguma religião (IPSOS, 2023). A diferença entre aqueles que creem em Deus e aqueles que dizem seguir uma religião é de 13 pontos percentuais, índice ligeiramente maior que o divulgado pelo Datafolha sobre o percentual de pessoas sem religião. Os dados levantados pela pesquisa Ipsos ratificam não apenas o aumento do percentual de pessoas sem religião, como também a conclusão de que estas têm alguma religiosidade pois seguem acreditando em Deus ou na existência de uma força maior.

Este aumento no número de pessoas sem religião pode ser entendido como efeito da modernidade sobre o fenômeno religioso, tal qual apontado pela socióloga Danièle Hervieu-Léger (2015). Para a autora, a modernidade leva à desconstrução dos sistemas tradicionais de crença e pertencimento religioso em razão de uma religiosidade desinstitucionalizada ou sincrética. Em sua obra, ela tece um paralelo entre as figuras do peregrino e do convertido como expressões das possibilidades de vivência religiosa na modernidade. O peregrino representa a mobilidade de pertença e individualização da identidade religiosa. Nas palavras da autora:

Ora, a “condição de peregrino” se define essencialmente a partir desse trabalho de construção biográfica – mais ou menos elaborada, mais ou menos sistematizada – efetuado pelo próprio indivíduo. Esta construção narrativa de si mesmo é a trama das trajetórias de identificação percorridas pelos indivíduos. Existe formação de uma identidade religiosa quando a construção biográfica subjetiva se encontra com a objetividade de uma linhagem de crença, encarnada em uma comunidade na qual o indivíduo se reconhece. Esclareçamos, imediatamente, que essa referência nem sempre implica adesão completa a uma doutrina religiosa, tampouco a incorporação definitiva em uma comunidade, sob o controle de uma instituição que fixa as condições de pertença. Muito mais frequentemente, ela se insere nas operações de bricolagem que permitem ao indivíduo ajustar suas crenças aos dados de sua própria experiência. Cada um assume a responsabilidade pessoal de dar forma à referência à linhagem com a qual se identifica. Essa “religiosidade peregrina” individual, portanto, se caracteriza, antes de tudo, pela fluidez dos conteúdos de crença que elabora, ao mesmo tempo pela incerteza das pertenças comunitárias às quais pode dar lugar (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 89 e 90).

Já a figura do convertido se desdobra em três categorias: do indivíduo que muda de religião, do indivíduo sem-religião que se converte a uma tradição religiosa e, por fim, a terceira categoria representa os “convertidos de dentro”, em outras palavras, é composta pelos indivíduos que buscam a refiliação religiosa.

A passagem de uma religião a outra chama atenção, sobretudo, porque dá lugar, ao mesmo tempo, à opção de uma nova adesão e à expressão desenvolvida de um refuto – ao menos de uma crítica – de uma experiência anterior. Quando eles contam sua trajetória espiritual, os indivíduos em questão citam, de fato, muitas vezes, as condições nas quais eles se afastaram de sua religião de origem, considerada “decepcionante”, por ser alheia aos verdadeiros problemas dos indivíduos de hoje, incapaz de oferecer respostas a suas angústias reais e de lhe fornecer o apoio eficaz de uma comunidade... No entanto, não se deve subestimar o protesto sociorreligioso apresentado pelas conversões, pois eles dizem respeito, como costuma ser o caso, a indivíduos religiosamente socializados, em busca de uma intensidade espiritual e comunitária que as grandes igrejas não oferecem (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 109 e 110).

Como se verá, a primeira e a última categoria de convertidos são as mais úteis para a análise aqui desenvolvida. Isso se deve às especificidades demográficas brasileiras, com baixo número de ateus e agnósticos acompanhado pela presença de religiosidade naqueles que se dizem sem religião. De fato, o percentual de brasileiros que poderiam se enquadrar na categoria de convertidos que não possuíam filiação religiosa é baixo. Conforme a amostra selecionada nesta pesquisa, os entrevistados¹⁷ se enquadram nas categorias de convertidos que mudam de filiação religiosa ou de convertidos que retornam a seu grupo de fé depois de algum período afastados. Como é o caso de Elias e Lucas.

Antes, não, eu fui católico, muito praticante, minha família era católica, cidade pequena, coronelismo, católico, tudo, né? Eu era o cara, com 16 anos. Tem ideia? Com 15, eu era o auxiliar de escritório da igreja. Eu que marcava os casamentos, marcava os batizados, separava a roupa do padre e tal. E era também dos grupos de jovens. Preparava as coisas das missas, então assim, super praticante ali dentro, né? Pro trabalho assim, mas era tudo ritual, tudo, tudo, tudo ritualístico, que é uma crítica do espiritismo. Não é crer só na base do ritual. Só que aí comecei a fazer faculdade de biologia. Não foi a graduação, nem foi exatamente a biologia, porque eu não fiquei questionando o criacionismo, sionismo, não foi essa pegada, se foi Deus que criou isso, nunca foi uma pauta para mim. É que a igreja perseguiu ele

¹⁷ Foram selecionados 9 indivíduos para entrevistas, sendo três deles espíritas, três católicos e dois adventistas e um, que se denominou, apenas, evangélico.

[Darwin] por conta daquele livro, da origem das espécies. O cardeal da doutrina da fé, que é quem cuida, né? Se pode isso ou não pode. Ele foi a público e disse, olha, nós pedimos perdão a Darwin e valorizamos o seu trabalho. Hoje nós vemos a grandeza daquele trabalho e ele falou uma frase que foi muito emblemática, ele falou que tudo evolui. Tudo evolui, tudo tem que evoluir, mas quem permite é Deus. [...] A gente está falando de se soltar, então não foi uma pauta para mim isso aí. Então, o que foi uma pauta para mim é falar que o gay vai para o inferno. Porque eu vou lá ajoelhar para alguém que está falando que só porque eu gosto de alguém, eu vou para o inferno, você tá doido? Mas eu fiquei esperando isso. Eu namorava menina, que namorei por 5 anos. Assim com vida amorosa, afetiva, social, sexual, ativa. Então estava tudo normal, né? E aí, na faculdade, já morando longe dos meus pais, morando longe daquela cidade, dizendo que tinha meninas que andavam de mãos dadas em Bauru e tava tudo bem, né? Não tão bem, mas tava bem. E aí eu comecei a ter contato com meninos. E falei assim, não, chega, não vou me ajoelhar para essas pessoas. Porque na minha cabeça era muito claro, Deus, não essas pessoas. Deus é bacana, essas pessoas nem tanto. E no espiritismo foi onde me encontrei (ELIAS, julho de 2022).

O relato feito em 2022 é de Elias, palestrante espírita¹⁸, que pode ser classificado como convertido que mudou de religião, deixando de ser católico para se tornar espírita. Interessante notar que no caso dele, não foi o conflito em relação à sua sexualidade que desencadeou a mudança de fé, mas, antes, a perda da identificação com a instituição religiosa na qual estava inserido. Ele cita o pedido de perdão da Igreja Católica pela perseguição a Darwin em razão de suas teorias da evolução das espécies, fazendo referência ao pronunciamento do arcebispo de Roma, Gianfranco Ravasi, ocorrido em 2008, no Vaticano, que afirmou que a teoria da evolução era compatível com a Bíblia, mas ponderando que "Deus criou todas as coisas"¹⁹.

Elias se equivoca ao mencionar o pedido de perdão a Darwin, pois não houve. Interessante observar que este episódio aparece em seu relato como responsável por fazê-lo questionar a autoridade da igreja, especialmente, no que diz respeito à suposta seleção dos fiéis que irão para o céu ou inferno, a partir de seus sentimentos e

¹⁸ Suas palestras contam com bastante público e seus vídeos disponíveis no Youtube têm mais de 100 mil reproduções. Embora seja assumidamente gay e esteja com casamento marcado, seus vídeos são focados em temas fundamentais da doutrina espírita, deixando de lado a questão da sexualidade.

¹⁹ Este posicionamento está baseado nas teorias do Designe inteligente e do Relojoeiro. De modo sucinto, ambas afirmam, respectivamente, que certas características do universo e dos seres vivos não poderiam ser resultado do acaso evolutivo e sim fruto da criação de um ser inteligente; naturalizando a ideia de que, tal qual o relógio, a vida também teria um artífice, não podendo ser resultado de um processo natural e desordenado.

relacionamentos afetivos. Neste trecho, se nota, inclusive, indício causal de sua identificação com a doutrina espírita, pautada na evolução espiritual constante por meio da reencarnação: “tudo evolui, tudo tem que evoluir, mas quem permite é Deus”. O questionamento da autoridade eclesial, traço comum do espiritismo (GIUMBELLI, 2015), transforma a experiência religiosa de Elias em mera performance ritualística, até o momento em que ele muda de cidade para fazer o curso de nível superior e passa a ter relacionamentos afetivos e sexuais com “meninos”. E é só depois de tais experiências que ele se desliga do catolicismo, se assume gay e passa a frequentar o espiritismo e se identificar como espírita.

Este processo de perda da identificação com a instituição religiosa também é relatado por Lucas. Outro jovem católico que se afastou da igreja por motivo similar: a ideia de que para Deus, sua sexualidade não era tão relevante quanto o era para os clérigos, conforme relatado por ele em novembro de 2022.

Aí eu fui entendendo, que existe uma outra forma de ser igreja. Que não era aquela que eu vivia na minha cidade. É porque na minha cidade tinha só uma forma de ser igreja. Que é a forma dos carismáticos, da renovação carismática. Era o único tipo de igreja que eu encontrava ali. Na paróquia, entendeu? A minha cidade é pequena, tem 2 paróquias só, né? Então, veja, é. Enfim, aí só tinha o carismático e eu falei: para a igreja carismática eu não volto, não volto mesmo, não é? Só que aí teve um dia que minha tia, que mora aqui em Uberlândia, me convidou para ir na igreja e na missa e tal, não é? Eu acho que esse dia era de alguma celebração importante. E aí eu fui nessa missa. E aí o padre que estava fazendo a celebração, **eu me reconheci nele**. Na fala dele, os aspectos da teologia da libertação. Eu falei, ó, então agora eu quero participar, agora eu quero voltar e aí voltei para a igreja nesse momento, né? Então fiquei uns 2 aninhos aí afastado da igreja para vir me encontrar e eu vi que depois estudando, né? Eu fui mudando toda a compreensão que eu tinha. Eu tinha uma compreensão de, acho que, eu chamo de infantil, né? Eu tinha uma compreensão infantil da fé, né, das coisas religiosas. Então eu entendia tudo muito literal. Não é que o diabo, o diabo mesmo, que era aquela figura, é cinematográfica, que a gente vê nos filmes. Tem que Deus é aquele velho que está lá no céu de barbinha, não é? É tipo o irmão do Papai Noel, assim, então, aí eu fui mudando essas compreensões, né? Do que é céu, do que é inferno, do que é pecado? Do que é? Né? Lendo, estudando sobre teologia da libertação e indo na missa daquele padre, que foi um dos meus grandes influenciadores nesse sentido de mudança de compreensão (LUCAS, novembro de 2022).

Lucas, diferentemente de Elias, não chegou a deixar a igreja e se converter e, embora tenha entrado em contato com teologias evangélicas e referências da fé afro-brasileira, que aceita e valoriza a homossexualidade, ele nunca frequentou outra igreja. Por isso, seu caso pode ser entendido como representativo do “convertido de dentro”, nas palavras de Hervieu-Léger (2015). Isto porque se afastou de sua paróquia, mas voltou a frequentar a igreja católica quando mudou de São Paulo para Minas Gerais, na cidade de Uberlândia, onde conheceu o cristianismo da libertação e se reconheceu nele.

Ambos os relatos ilustram a aplicação da tipologia do peregrino e do convertido nesta pesquisa e são, de fato, relevantes na explicação da dinâmica de construção das identidades religiosas LGBTQIA+ na modernidade.

1.1 As cores que faltam

Uma vez que as religiões afro-brasileiras: o candomblé e a umbanda, já foram objeto de várias pesquisas, desde a década de 1960, em razão da aceitação e, às vezes, valorização da homossexualidade (BASTIDE, 1961; LANDES, 1967; MATORY, 1988), elas não foram contempladas nesta análise. Cabe ressaltar que nelas, especialmente no candomblé, há notória relação entre atividade sacerdotal e homossexualidade, algo concernente ao protagonismo de indivíduos LGBTQIA+ neste segmento religioso (BIRMAN, 2005; SANTOS, 2008). As variadas explicações sobre este fenômeno indicam ser a homossexualidade entendida como sinal de desenvolvimento religioso ou de maior contato do indivíduo com o mundo espiritual (FRY, 1982 e 1986; FRY e MACRAE, 1983).

No caso específico da umbanda, a aceitação da homossexualidade se dá de modo distinto, devido à inexistência de uma “linha” específica de entidades homossexuais e da influência cristã (espírita e católica) na formação dessa religião (BIRMAN, 1995). Neste sentido, a sexualidade se insere, prevalentemente, na esfera do privado, podendo ser uma característica de qualquer entidade espiritual, seja ela exus, pomba giras, ciganos ou outras. Na umbanda, a sexualidade costuma ser

tratada de modo velado, dentro de certo regime de silêncio (BARROS, 2013). Tratamento este que se aproxima, em certa medida, do existente nos centros espíritas. Isto porque, apesar de ser considerada uma expressão normal da sexualidade humana, em grande parte de sua literatura religiosa, ainda continua sendo vista como um tabu e, por isto, pouco discutida ou então abordada muito superficialmente nos centros espíritas (GUIMARÃES, 2018; PEREIRA, 2020). Motivo pelo qual o espiritismo foi um dos segmentos religiosos selecionados nesta pesquisa, ainda mais em razão das publicações espíritas²⁰ recentes que normalizam a homossexualidade (MOREIRA, 2016 e 2017) e negam posturas conservadoras de espíritas prestigiados (ANDREA, 2012).

A seleção do espiritismo se justifica devido à sua classificação como componente da pluralidade cristã brasileira (SOUZA, 2019). O culto a Jesus Cristo, o preceito da caridade cristã, materializada em obras assistenciais embasam tal tipificação (AUBRÉE E LAPLANTINE, 2009; ARRIBAS, 2010 e 2013; LEWGOY, 2008; SOUZA; ARRIBAS; SIMÕES, 2017; SOUZA; SIMÕES, 2020; TORRES, 2019). Além disso, este segmento aparece como o terceiro maior contingente religioso nos censos e levantamentos estatísticos sobre religião no Brasil, sendo daqui disseminado para outros países (LEWGOY, 2008 e 2011). Apesar do contingente de espíritas ser de apenas 2%, o número de brasileiros que acreditam na reencarnação, uma de suas crenças centrais, é maior. Ademais, como se sabe, é uma religião matriz da umbanda.

Embora as igrejas inclusivas, a princípio, não tenham sido inseridas no grupo de segmentos abordados nesta pesquisa, em face da produção científica já feita sobre elas, sua menção, evidentemente, se faz necessária devido a seu aparecimento nos dados extraídos na realização do trabalho de campo. Sucintamente, se trata de denominações, majoritariamente, pentecostais, surgidas ao longo dos anos de 1960 nos Estados Unidos da América, que pregam uma teologia cristã onde a diversidade sexual é encarada como parte da criação divina, portanto, algo que não pode ser condenada ou considerada pecaminosa (NATIVIDADE, 2010; NATIVIDADE e OLIVEIRA, 2013). A teologia dessas denominações foi, inicialmente, elaborada por

²⁰ O segmento espírita é intelectualizado e valoriza a literatura, sendo um de seus traços o enfoque na produção e divulgação de livros que abordem a sua doutrina, seja de modo direto ou indireto (AUBRÉE, 2012).

meio da contestação da hermenêutica bíblica dos versículos que condenam a homossexualidade (MUSSKOPF, 2008).

O feito das igrejas inclusivas consiste na construção de espaços religiosos de acolhimento a pessoas LGBTQIA+, proporcionando não apenas o pertencimento a uma comunidade religiosa cristã, mas também protagonismo nela, já que muitas de suas lideranças eclesiais são também ativistas de movimentos LGBTQIA+. No cenário brasileiro o surgimento destas denominações ocorreu a partir da década de 1990 e teve fundamental papel na difusão da chamada teologia inclusiva. Para muitos indivíduos descontentes com as instituições religiosas da qual fazem parte, esta teologia indica a possibilidade de outra vivência cristã motivando-os a lutarem por mudanças dentro de suas comunidades religiosas, quando não, levando-os a frequentarem outras igrejas.

Entre essas igrejas inclusivas e o candomblé, que consideram a diversidade sexual como normal, valorizando-a até as denominações que condenam veementemente a diversidade sexual, há outras denominações que mudaram sua postura. No âmbito internacional, algumas igrejas batistas, metodistas e presbiterianas passaram a aceitar o casamento gay e pressionam, tanto as igrejas locais quanto outras denominações a seguirem o mesmo caminho. O interesse sociológico se volta para os conflitos e disputas que tais mudanças criam. Parte destas igrejas evangélicas possui autonomia local, podendo, assim, defender certas ideias e discursos independentemente da postura de outros templos da mesma denominação. Neste sentido, o fato de uma congregação metodista aceitar o casamento gay não implica na obrigatoriedade de todas as suas comunidades o fazerem, criando discrepâncias nas posturas de diferentes comunidades religiosas de uma mesma igreja. Esta especificidade do campo protestante, que aliás se assemelha um pouco ao campo espírita, aliado ao trabalho de campo desenvolvido junto a fiéis LGBTQIA+ da igreja Adventista, justifica a escolha deste conjunto na discussão apresentada adiante²¹.

²¹ É importante ponderar que a Igreja Anglicana, não abordada no presente trabalho devido à não detecção de leigos dela no Brasil manifestadamente homossexuais, conta com pastores LGBTQIA+.

Outros estudos realizados no âmbito do debate científico sobre sexualidade, gênero e religião foram devidamente considerados, buscando-se, sobremaneira, mapear mudanças e posturas dos grupos religiosos em foco. Tais estudos foram feitos mediante entrevistas com líderes religiosos e fiéis, assim como por meio da análise dos discursos e doutrinas (ARRIBAS, 2019; GIUMBELLI, 2005; GUIMARÃES, 2018; MACHADO; PICCOLO, 2010). Outras abordagens envolvem a análise das relações entre religião e política, especialmente no que tange à busca da expansão dos direitos sexuais e reprodutivos (NATIVIDADE, 2016; LUNA, 2019; LUNA; NATIVIDADE, 2020). Não obstante, o objetivo com a presente tese foi realizar uma comparação pontual da visão da homossexualidade nos três segmentos cristãos preponderantes do cenário religioso brasileiro: catolicismo, protestantismo e espiritismo. Quanto ao universo evangélico, foi tomado o caso da Igreja Adventista, em razão do contato com o responsável pelo perfil do Instagram denominado Gaye adventista, que possibilitou o diálogo com um número ainda maior de adventistas assumidamente homossexuais integrantes de um grupo restrito no Facebook, do qual não participei.

1.2 A escolha do prisma

As constatações sobre o cenário religioso brasileiro, notadamente, o alto grau de crença em Deus ou em um poder maior, lança luz às considerações de Georg Simmel (2010) sobre a religião. De modo sucinto, o autor considera que as religiões decorrem da religiosidade individual, se apresentando como conteúdo objetivo capaz de satisfazer uma necessidade da pessoa. Não obstante, ele afirma que nem todos os indivíduos seriam dotados de religiosidade e que nem toda religiosidade resultaria na adesão à uma doutrina ou comunidade religiosa. Independentemente destas variações, a importância de sua contribuição consiste na consideração da religião como criação humana capaz de satisfazer as necessidades religiosas de inteligibilidade e ordenação do mundo, permitindo aos indivíduos interpretá-lo, bem como sua própria vida. A estabilidade de um arranjo específico entre conteúdo e forma religiosa, leva à consolidação da instituição religiosa como agência definidora de normas às quais os sujeitos podem, ou não, aderir (SIMMEL, 2010, p. 37).

Este detalhe é de grande valia, pois na dimensão institucional os conteúdos religiosos são organizados de modo coerente, enquanto na comunidade religiosa, a própria religiosidade dos fiéis se transforma em mecanismo de produção de novos significados e de rearranjos em tais conteúdos. Isto, por sua vez, cria novas necessidades individuais subjetivas que exigem mudanças objetivas nos conteúdos religiosos ou peregrinação em busca de novas comunidades religiosas. Esta dinâmica é responsável pelas mudanças doutrinárias que ocorrem em um pensamento religioso, pois, como já observado, a perda de identificação com a instituição religiosa pode levar ao desligamento do fiel. Neste caso, as instituições deste tipo têm duas alternativas para manterem o monopólio dos conteúdos religiosos: impor-se autoritariamente buscando convencer forçosamente os fiéis de que é capaz de satisfazer suas necessidades religiosas, mediante o risco de encolhimento de sua congregação, ou então, reconsiderar parte de seus conteúdos doutrinários, adequando-os às novas necessidades dos fiéis. Ou simplesmente permitir que as lideranças religiosas façam vista grossa frente a ação dos fiéis, como destacado por Lúcia Ribeiro (2001) em seu trabalho sobre sexualidade e reprodução, acerca da atuação pastoral nas igrejas católicas.

Vale lembrar que este não é um processo pacífico, pois de um lado, o conservadorismo, entendido, apenas, como resistência à mudança, é típico das instituições religiosas. E de outro, a liberdade religiosa, constituída a partir da laicidade do Estado, garante autonomia para que os indivíduos decidam continuar ou não ligados às instituições religiosas, servindo, inclusive, de fator encorajador à afirmação de sua crença (PRANDI, 2013).

O fato é que o conceito de religiosidade amplia a compreensão desta dinâmica, bem como das figuras do peregrino, aquele em que a religiosidade ainda não encontrou um conteúdo religioso objetivo que o satisfaça, e do convertido, aquele que encontra uma religião que contempla suas necessidades religiosas (HERVIEU-LÉGER, 2015). Isto possibilita a definição da identidade religiosa como resultado entre o encontro de uma construção biográfica, subjetiva, com a objetividade de uma doutrina. A religiosidade se torna, então, o elemento principal na adesão à instituição

religiosa. Logo, estas duas características devem ser sublinhadas: a presença da religiosidade e o papel da biografia, a narrativa de si, construída pelos indivíduos.

Simmel já havia salientado que o principal papel da figura de Deus é proporcionar à religiosidade a capacidade de unificação e ordenação do mundo. Deus é o elemento que unifica o *kaos* do universo e da vida em *kosmos*, ordenado e transcendente. Em outras palavras, opera-se a conexão entre os fragmentos da vida e sua totalidade, dotada de significado que supera as aparências dos eventos e fenômenos vividos. Por isso, o fiel é aquele que conecta significados simbólicos à realidade empírica. Tudo para ele, acontece por uma razão e segundo a vontade de Deus, ou de uma força maior. As implicações metodológicas desta perspectiva resultam na centralidade da religiosidade na construção da narrativa biográfica dos fiéis entrevistados ao longo da pesquisa. Com foco especial aos momentos interpretados como “a ação de Deus na minha vida”, pois justificam a busca por novas comunidades de fé, em processos de conversão e reconversão (volta à mesma comunidade religiosa).

A análise sugerida é melhor explicada pelo relato de Jonas. Criado em denominação pentecostal, ele conta que frequentou a igreja até a vida adulta, por volta dos 35 anos de idade, mesmo depois de uma tentativa de suicídio, 15 anos antes em razão da percepção de sua homossexualidade.

Você não quer ser isso, porque ser gay era uma vergonha. Então ser gay é vergonha. Logo, eu não posso seguir, porque eu não quero ser uma vergonha para minha família. E o evangelho quando a minha mãe levou a gente para a igreja, a promessa do evangelho é **transformação**. Então, eu dizia, nossa, Jesus vai me transformar num heterossexual, mas eu estou falando essa palavra hétero hoje, né? Porque antigamente eu dizia assim: Deus vai me transformar num homem, Deus vai tirar isso de mim. Esse desejo que eu tenho por pessoas do mesmo sexo e vai me transformar, **eu vou ser um homem de Deus**. A minha luta desde sempre foi essa. Então eu escondia a sete chaves, não podia falar com ninguém sobre isso. Qualquer sombra de desconfiança eu morria por dentro. Será que alguém percebia alguma coisa? E foi essa luta até meus 35 anos. Eu tentei o suicídio, né?

Esta postura frente a homossexualidade é resultante do regime de invisibilidade sobre o qual a heterossexualidade está construída. Neste regime a homossexualidade precisa existir enquanto o oposto da sexualidade normal, entretanto, devendo-se

manter em regime de silêncio, sem ousar dizer o seu nome (SEDGWICK, 2007). O relato de Jonas demonstrando os efeitos psicológicos que “carregar este fardo” produz.

Tentei o suicídio perto dos 20 anos de idade. Porque não aguentava mais, porque, enfim. Por tudo que eu via, por tudo, porque sou do meio pentecostal e é um dos meios mais nocivos que existe para o LGBT, porque o meio pentecostal, **ele acredita que homossexualidade é um demônio que está na pessoa. Então eu acreditava também que existia um demônio em mim.** Você imagina, não é? É uma, é uma. É uma coisa de louco? Não é uma situação fácil de lidar, não é nem um pouco (JONAS, março de 2023).

De acordo com o relato, é possível identificar que a espera de Jonas pela ação de Deus, entendida como mudança do seu desejo afetivo-sexual por outros homens, não ocorreu. Em outras palavras, ele não teria se tornado um homem de Deus, porque não superou seus desejos homossexuais. Ademais, a persistência de seu desejo era entendida como presença de um demônio, impossibilitando a compreensão de si mesmo como “homem de Deus”. Esta sensação de conflito e tensão entre religião e sexualidade é recorrente nos relatos daqueles que afirmam ter tido dificuldades em compreender seus desejos e, por consequência, compreenderem sua orientação sexual e identidade de gênero. O conflito psíquico existente entre a fé e a sexualidade, quando não leva ao abandono da igreja, pode resultar no atentado contra a própria vida. No caso específico de Jonas, sua tentativa de suicídio é acompanhada da experiência de suicídio de dois amigos que frequentavam a mesma comunidade religiosa e não conseguiram resolver este conflito.

É, e perdi 2 amigos, uma amiga e um amigo para o suicídio. Ela era lésbica. Todo mundo sabia que ela era lésbica e ela e o pai não se davam bem. Com isso, ele humilhava ela. E ela, por sua vez, não entendia. Não havia orientação naquela época. Como a gente tem hoje, né? É, por exemplo, hoje a gente tem mais acesso hoje, hoje está tudo mais, mais fácil, entre aspas, né? Você tem filmes. Você tem novela, é um assunto que está sempre sendo debatido. As pessoas estão falando de atores e atrizes saindo do armário, falando da importância e naquela época não tinha isso. Então, ela não, ela não encontrou amparo e nós não tínhamos. Até a própria igreja, não sabia, a igreja, ela tratava a homossexualidade como o que eu acabei de falar, é um espírito maligno que você precisa de libertação. Aí, ela foi e enfim, deu cabo da vida. E teve um outro rapaz que era casado. Foi descoberta a bissexualidade dele. Ele foi expulso de casa pelo próprio filho. A mulher pediu divórcio. Isolaram ele e ele deu cabo da vida também. E assim, o mais triste. O mais triste é que a igreja. Ela vê

essas mortes. Como apenas números, tipo assim. Ah, eles deram lugar ao Diabo, o diabo veio e levou eles. Não houve um debate, não houve uma reflexão, porque ela fez isto, porque ele fez isso. Não é, porque, porque não, porque a homossexualidade é pecado e nós não podemos discutir sobre isso. Nós vamos trazer esse assunto para a mesa? Não. Ou seja, a vida do LGBT não tem muito valor para essas igrejas. Infelizmente essa é a verdade (JONAS, março de 2023).

Jonas narra que anos após a sua tentativa de suicídio e o suicídio concretizado de dois amigos, uma lésbica e um bissexual, repensou sua participação na comunidade religiosa da qual fazia parte e decidiu abandoná-la. Em seu caso, fica claro não apenas o longo período necessário a mudança de postura como também o modo como a solução pelo suicídio muitas vezes tem prioridade em relação ao abandono da igreja e da fé. Além disso, cabe ressaltar que no caso de Jonas, até o momento narrado, o conflito envolvia apenas o desejo, pois foi só após sua saída da igreja que passou a viver sua sexualidade. A princípio, de maneira velada, se relacionando apenas com homens casados, fora do meio ou discretos, até o momento em que foi pedido em namoro por outro rapaz e decidiu se assumir. Naquele momento, passou a viver uma relação monogâmica aos moldes do modelo heterossexual cristão. Sua narrativa segue até o momento da separação e término desse relacionamento e justificam os eventos que o levaram a primeira das três experiências espirituais que ele considera como momentos em que Deus agiu em sua vida, demonstrando a necessidade de sua reaproximação com a igreja.

Então eu conheci um rapaz. Porque eu dei uma quietada e conheci um rapaz e me apaixonei por ele loucamente. É só que antes de me apaixonar por ele, eu tinha ido numa igreja, a primeira igreja inclusiva que eu fui. Foi a igreja contemporânea de Madureira. Aqui do Rio de Janeiro. Aí, lá nessa igreja, o pastor falou assim, ó, você quer? Você está procurando alguém para namorar? Você tem que sair da promiscuidade. Tem que sair da promiscuidade para você encontrar uma pessoa legal para você. Eu falei, nossa, faz sentido o que esse pastor disse, realmente. Aí foi o que eu fiz. Quando cheguei em casa, eliminei todos os meus contatinhos. E fiquei a virgem, né não? Mas agora você é a virgem para encontrar uma pessoa (JONAS, março de 2023).

Neste trecho é possível observar a tensão existente no modo como as propostas doutrinárias de aceitação e normalização da homossexualidade podem ser acompanhadas de discursos conservadores que impõe a heteronormatividade como

modelo aos relacionamentos homossexuais (BUTLER, 2019, RUBIN, 2003). Neste caso, a aceitação reforça a monogamia.

Aí encontrei um rapaz. Me apaixonei por ele. Ele era afastado da igreja. Porém, ele tinha experiências com o meio. Com a religião de matriz africana também. Começamos a namorar, foi um namoro muito conturbado. Nos conhecemos e na mesma noite ele me pediu em namoro. Eu não tinha experiência nenhuma. Começamos a namorar. E foi um amor assim, muito conturbado. Através dele eu conheci uma tia dele e conheci também as religiões de matriz africana. Até que um dia, ele resolveu terminar comigo mesmo. Eu chorei muito nesse dia, não consegui trabalhar. Aí a tia dele pegou e falou assim, Jonas, hoje eu vou lá no vovô, vovô é um preto velho, uma entidade. Eu vou lá no vovô. E como você está assim despedaçado, você não quer ir comigo? De repente, você vai ter uma palavra lá para você. Bom, eu vou. Só que nesse, nesse, nesse ínterim. Às vezes, as pessoas me encontravam pela rua e falavam assim, ó, você é de igreja, né? **Aí eu tinha isso como um sinal de Deus para mim** (JONAS, março de 2023, grifo meu).

É interessante notar como frustrações, dificuldades financeiras e emocionais e até problemas de saúde acabam sendo motivações comuns que levam a busca por centros espíritas ou terreiros de Umbanda ou Candomblé (PRANDI, 2012 e 1991). Caso que não foi diferente com Jonas, que apesar de seu afastamento da igreja evangélica, mantinha de algum modo os trejeitos típicos de um “crente”. O interessante em seu caso é perceber como este fato é ressignificado, reinvestido com caráter religioso e compreendido enquanto momento de ligação com Deus.

Eu comecei a pensar assim, nossa, isso de repente é um sinal, sei lá, alguma coisa? Aí fui lá para o preto velho, cheguei lá 19 horas. E só fui atendido depois da meia-noite. Quando entrei lá na fila, o preto velho estava fumando o cachimbo. Isso foi um episódio muito emocionante na minha vida. Todas as vezes que eu falo desse episódio, eu me emociono. Porque eu cheguei lá naquele lugar muito quebrado, né? Muito desiludido da vida. Aí quando eu sentei, o preto velho falou assim: o que você está fazendo aqui? Eu falei, eu estou com problemas sentimentais, aí ele pegou, me deu uma carta para eu ler, aí eu li a carta ali, a carta, aí ele pegou e falou assim, essa carta está falando de uma pessoa que você conhece. Eu falei está. Porque a carta descrevia exatamente o meu ex-namorado. Era ele todinho ali, mas até aí tudo bem. Ele falou que legal e aí ele pegou, apontou para o lado esquerdo dele, falou assim: o que é que você está vendo? Eu falei, estou vendo uma bíblia, era exatamente a bíblia. Você sabe quem é o caminho? O preto velho falando para mim. Aí eu disse, eu sei quem é o caminho, o caminho é Jesus. O preto velho pegou e falou assim: exatamente, o caminho é Jesus. Aí eu fiquei, eu fiquei assim, inculcado, eu falei, gente, é um preto velho dizendo que o caminho é

Jesus. Como assim? Aí ele pegou e falou assim, porque você saiu do evangelho? O preto velho falou para mim. Aí ele começou a gritar, assim: volte para o evangelho, volte para o evangelho, aí eu comecei a chorar. Porque eu nunca tinha visto aquele homem na vida. Aquele homem não sabia nada a minha vida e ele estava mandando eu voltar para o evangelho. Como assim gente? Eu voltar? Eu estava normal, estava longe de parecer crente, né? Sem aquela roupa social, né? Eu estava normal e comecei a chorar, ele pegou e levantou o meu rosto, botou a mão no meu queixo e falou assim: **amor não tem gênero. Amor, não tem gênero.** Cara, aí eu comecei a chorar, chorar, chorar, chorar. Ele falou um monte de coisa para mim, um monte de coisa e disse que eu tinha que voltar. **Volta para a palavra e sua primeira experiência** (JONAS, março de 2023, grifo meu).

Durante toda a sua narrativa, este é o momento mais emocionante para Jonas. Pois é neste episódio, entendido como ação de Deus, que toda a sua trajetória de vida e sentimentos são ordenadas e ressignificadas. Este foi o princípio de mudança em sua compreensão sobre a relação entre fé e sexualidade. Apesar de certo ceticismo devido a figura do preto velho, o episódio não foi o único em que “Deus falou com Jonas” e seu relato segue:

Depois eu fui numa cartomante que eu tinha muita, muita curiosidade. Aí na cartomante, a mulher pegou, me atendeu no final da tarde, pediu para eu escolher as cartas, né? Ela separou as cartas. Eu tomei um banho de ervas e fui separar as cartas. Aí ela me falou 3 coisas, a primeira coisa ela falou sobre um problema que eu tinha com meu pai. A segunda coisa, ela falou de um problema que eu tinha na justiça. Que é um que eu fui mandado embora e não pagaram os meus direitos. Até aí tudo bem, aí a terceira coisa foi onde me chamou mais atenção. Ela falou assim, olha, eu não vejo nenhum problema na sua vida espiritual, mas tem uma coisa que você precisa fazer. Eu não sei se você foi de alguma igreja, mas aqui está dizendo que você precisa se religar a Deus, se reconectar a Deus. Gente de novo, preto velho, falou. Aí a cartomante falou, uma cartomante em outro lugar, uma outra pessoa que não me conhecia. Aí eu comecei a chorar e comecei a chorar, porque ali **eu via que era um outro sinal de Deus para mim.** Aí no outro mês, na mesma casa. Eu fui para uma outra sessão que é chamada a mesa radiônica, uma pessoa que fica com um pêndulo. Aí, a mulher lá também. Ela com aquele pêndulo falou praticamente a mesma coisa que o preto velho falou e a cartomante falou, ela disse que eu tinha que me reconectar a Deus. Ela disse que eu era uma pessoa que durante a minha vida foi muito usado por Deus. Deus, através da minha boca, curou muitas pessoas. E ela não sabia nada de mim, nada da minha vida. Aí de novo de se conectar a Deus, então foi 3 vezes assim. Aí eu não tive mais dúvidas. **Eu disse, meu Deus, eu sou viado, e tu me queres como viado?** (JONAS, março de 2023, grifo meu).

No relato é possível notar como fragmentos da biografia de sua vida que, a princípio, pareciam desconexos são relacionados numa narrativa ordenada a partir da percepção da ação de Deus nela. No desenrolar da narrativa, aquela percepção primeira, de pertencer à igreja, presente no caso descrito na praia, ganha, aos poucos, a confirmação de sua veracidade através dos relatos com o preto velho, a cartomante e a sessão de mesa radiônica. Aliás, cabe ressaltar que, até certa medida, estes três casos relatados revelam a persistência de sua religiosidade, não mais configurada na lógica formal de sua antiga igreja, mas sobre a existência de Deus ou, ao menos, de uma força maior.

Mais que explicar a dinâmica dos indivíduos em termos de adesão às instituições religiosas, a religiosidade permite também a análise do surgimento e da configuração destas mesmas instituições, pois as comunidades religiosas resultam da adesão voluntária dos fiéis. Pode-se explicar sua longevidade como resultado da sua capacidade de satisfação contínua das religiosidades destes mesmos fiéis. Por mais óbvio que pareça, essa constatação explica a razão pela qual o cristianismo, embora seja uma só religião – mundialmente abrangente - se desdobra em diversos segmentos ou vertentes contendo diferenças doutrinárias e rituais, bem como diversos tipos de organização institucional. A distinção elementar entre a instituição religiosa formal, prevalentemente, igreja e o conjunto de fiéis que dela fazem parte, sua congregação ou comunidade, foi utilizada como base para descrição das especificidades organizacionais dos segmentos religiosos analisados.

De forma geral, a igreja foi considerada como representativa do sistema doutrinário e ritual dotado de formalidade, responsável pela produção dos bens de salvação, enquanto a congregação, designa a comunidade de fiéis que aderem à instituição religiosa (WEBER, 2009). Essa distinção permite compreender as características de cada uma destas instâncias. Na instituição religiosa a organização burocrática – ou hierocracia nos termos weberianos - impõe uma racionalidade objetiva e impessoal que deriva de seu corpo sacerdotal (WEBER, 1974). Enquanto na congregação, os indivíduos podem rearranjar os conteúdos religiosos a partir de suas experiências e trajetórias de vida, a depender do nível de autonomia que recebem da instituição, esta, por sua vez, se coloca à frente da sua comunidade de

fiéis buscando assegurar a confluência normativa entre conteúdo e forma, expressos na unidade e unicidade da identidade denominacional. Destarte, o monopólio dos bens religiosos é construído nesta tensão entre a instituição religiosa e sua congregação, cabendo àquela a implementação de mecanismos que assegurem a imutabilidade normativa de seu sistema de crença e ritos.

Esta relação estabelecida entre conteúdo e forma (SIMMEL, 2006) nas dimensões da instituição religiosa e da congregação, fornece subsídios à compreensão da dinâmica aqui analisada, qual seja, a dos LGBTQIA+ cristãos que não negam sua identidade religiosa, mesmo discordando do conteúdo doutrinário estabelecido pela instituição. Em outras palavras, tais indivíduos não abrem mão da sua identidade religiosa nem do pertencimento às suas congregações e pressionam as instituições a promoverem certas mudanças doutrinárias e ritualísticas. Pode-se citar como exemplo desta tensão a resposta dos padres católicos da Alemanha que desafiaram uma proibição imposta pelo Vaticano, em 2021.

Em maio, deste ano, o Vaticano publicou uma nota explicativa, redigida e assinada pelo cardeal Luis Ladaria e pelo arcebispo Giacomo Morandi – respectivamente, prefeito e secretário da Congregação para a Doutrina da Fé – onde se encontra, logo no início a resposta da pergunta:

AO QUESITO PROPOSTO: A Igreja dispõe do poder de abençoar as uniões de pessoas do mesmo sexo?” RESPONDE-SE: Negativamente (LADARIA; MORANDI, 2021, p. 1).

O documento católico denota sua relevância já no primeiro parágrafo, ao mencionar que: “em alguns âmbitos eclesiais, estão se difundindo projetos e propostas de bênçãos para uniões de pessoas do mesmo sexo” (LADARIA; MORANDI, 2021, p. 1). Em outras palavras, o documento reconhece que no âmbito de algumas comunidades religiosas têm ocorrido reivindicação pela prática desaprovada pela igreja, qual seja, a bênção de uniões homoafetivas. No entendimento de tais clérigos – atuantes no pontificado considerado progressista, em diferentes aspectos de Francisco – era necessário o esclarecimento sobre a reivindicação desta prática, pois, supostamente a igreja-instituição não teria “poder” para proceder tal bênção e, quanto menos, a congregação – comunidade de fiéis. Na

Alemanha, a publicação deste documento levou ao questionamento por parte de padres e fiéis, que se negaram a seguir a orientação do Vaticano e continuaram abençoando as uniões entre pessoas do mesmo sexo (ANARTE, 2021). Esta postura é coerente com os dados levantados por pesquisas promovidas pelo Instituto Pew Research, em 2020, indicando que 86% da população alemã é favorável ao casamento de pessoas do mesmo sexo, sendo este percentual de 70% em se tratando especificamente do segmento católico (POUSHTER; KENT, 2020; DIAMANT, 2020).

Este caso põe em relevo a tensão existente entre instituição e congregação, demonstrando que, apesar do alto grau de institucionalização da Igreja Católica, ainda assim, é possível que mudanças rituais e doutrinárias aconteçam na comunidade religiosa em razão das experiências dos fiéis. Tanto por parte dos gays católicos que buscam a bênção a suas uniões civis quanto por parte dos padres que as concedem. Aliás, a análise acurada da explicação contida no referido documento demonstra a centralidade do sexo, traduzido nas definições de homem e mulher, com possibilidade de procriação, na definição do matrimônio. De outro lado, é negado o reconhecimento da legitimidade das relações homoafetivas, conforme o modelo heteronormativo, de relação monogâmica (SPARGO, 2017).

(...) para ser coerente com a natureza dos sacramentais, quando se invoca a bênção sobre algumas relações humanas, é necessário – além da reta intenção daqueles que dela participam – que aquilo que é abençoado seja objetiva e positivamente ordenado a receber e a exprimir a graça, em função dos desígnios de Deus inscritos na Criação e plenamente revelados por Cristo Senhor. [...] Por tal motivo, não é lícito conceder uma bênção a relações, ou mesmo a parcerias estáveis, que implicam uma prática sexual fora do matrimônio (ou seja, fora da união indissolúvel de um homem e uma mulher, aberta por si à transmissão da vida), como é o caso das uniões entre pessoas do mesmo sexo. A presença, em tais relações, de elementos positivos, que em si são dignos de ser apreciados e valorizados, não é porém capaz de torná-las honestas e, assim, um destinatário legítimo da bênção eclesial, pois tais elementos se encontram a serviço de uma união não ordenada ao desígnio do Criador (LADARIA; MORANDI, 2021, p. 1).

Em outras palavras, o veto da bênção à união de pessoas do mesmo sexo se justificaria por ser considerado como pecado por parte da igreja. Entendimento este, que, em última instância, é recusado pelas congregações alemãs que abençoam tais uniões. Em outras palavras, este episódio pode ser entendido da seguinte maneira:

as concepções e religiosidades individuais da maioria dos alemães católicos, ao invés de os levarem à mudança de igreja, fez surgir novas práticas no seio das congregações católicas alemães, qual seja, a bênção de uniões homoafetivas. A constatação desta mudança por parte da Igreja Católica levou à publicação da mencionada nota explicativa como tentativa de reenquadrar o comportamento desviante dos leigos e clérigos. Esta ação resultou no tensionamento da relação de poder entre instituição e congregação, levando clérigos alemães a desafiar a autoridade do Vaticano e a própria estrutura de poder católica. Tal episódio, elucidou o emprego dos conceitos analíticos de religiosidade, igreja e congregação no presente trabalho.

A partir dos conceitos analíticos de igreja e congregação, enquanto polos distintos de organização de qualquer segmento religioso – conforme a teoria weberiana - é possível traçar dois modelos ideais de organização religiosa: um primeiro, onde há primazia da instituição, pautada na lógica racional-burocrática que impõe a subordinação da congregação à instituição, fazendo-se agência normativa e fiscalizadora dos fiéis. E outro onde a organização institucional-hierocrática constituiu-se de modo flexível, dando mais autonomia as congregações religiosas. A aproximação de cada corrente religiosa com um destes modelos possibilita compreender a dinâmica de organização dos grupos LGBTQIA+ e o surgimento de novos discursos religiosos que contemplam a homossexualidade, em vez de condená-la.

De modo sucinto o catolicismo, como demonstrado acima, está mais próximo do primeiro modelo, enquanto o espiritismo do segundo. Já o segmento evangélico não pode ser classificado em sua totalidade, dada sua diversidade interna. Em outros termos, a aproximação com um dos modelos propostos depende de cada instituição religiosa específica. No caso da Igreja Adventista, analisada adiante, verifica-se que ela poder ser classificada como um meio termo entre os dois modelos.

1.2.1 Comparando modelos

Compondo o objeto desta pesquisa, a Igreja Católica se constitui como a maior e a mais antiga instituição religiosa. Historicamente, surgidos ambos no século XIX, vem o espiritismo, iniciado em 1857, com a publicação por Allan Kardec na França de o Livro dos Espíritos, e a Igreja Adventista, com sua denominação fundada no Estados Unidos, em 1863, por Guilherme Miller, recebendo o nome de Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Em se tratando da Igreja Católica, A Santa Sé, sediada no Vaticano é a agência produtora das normas que regulam a instituição e está personificada no pontífice, auxiliado por bispos, que falam oficialmente em nome da igreja (ANJOS, 1976). Entretanto, mesmo no âmbito católico, posicionamentos individuais de alguns membros de sua hierarquia, demonstram as disputas e conflitos inseridas em seu seio. Exemplo disso é o episódio ocorrido em 2020, em razão da repercussão de duas falas do papa Francisco sobre a união civil de pessoas do mesmo sexo, reproduzidas no documentário: Francesco, do diretor estadunidense Evgeny Afineevsky. Nas palavras do pontífice: “Os homossexuais têm direito a formar uma família” e “Eles são filhos de Deus e têm direito a uma família. Ninguém deve ser excluído ou forçado a ser infeliz por isso” (BBC, 2020). Tais declarações foram recebidas com entusiasmo e viralizaram nas mídias sociais, entendidas como expressão de apoio às reivindicações civis e políticas de pessoas LGBTQIA+. Interessante notar que, poucos dias depois, o Vaticano se pronunciou sobre esta fala de Francisco, esclarecendo que sua reprodução no documentário havia se dado fora de contexto e que, portanto, o apoio do papa às uniões civis homoafetivas não significava nenhuma mudança na posição da Igreja (G1, 2020; SOUZA; BATISTA, 2020; VAGGIONE, 2017). A declaração reiterou que o posicionamento da Igreja continuava o mesmo, de que o coito homossexual é pecado, sendo por isso, negada a possibilidade de casamento a estas uniões.

Este episódio demonstra como no âmbito da Igreja é possível haver necessidade de cerceamento da fala de seus representantes, com a finalidade de manter-se a unidade da crença. Até mesmo o papa precisou ter seu posicionamento pessoal distinguido da posição da Igreja, que em se tratando da aprovação da união civil homoafetiva, ainda se mostra relutante. Na consideração da relação entre igreja

e congregação as tensões são ainda maiores dada as discrepâncias entre as posturas progressistas e conservadoras acerca da sexualidade.

Organizações leigas como as Pastorais da diversidade sexual²², especialmente, o Grupo de Ação Pastoral da Diversidade de São Paulo (GAPD/SP), o primeiro deste tipo a ser formado (2010), o Grupo Diversidade Católica²³ (2007) e a Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT (2014), representam novas posturas e práticas religiosas no âmbito do catolicismo, bastante diversas daquelas defendidas pela igreja institucional. Estes grupos se reúnem mensalmente para celebração religiosa, quando ocorrem intercâmbio de experiências. A organização destes grupos na Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT tem possibilitado tanto a ação coordenada de tais fiéis frente as suas reivindicações à Santa Sé, como também incentivado a criação de novos grupos. Por meio desta dinâmica entre igreja e congregação surgem novos discursos sobre a sexualidade, que podem ser analisados a partir da contribuição de Lúcia Ribeira (2001) em sua análise dos discursos católicos relativos à sexualidade e reprodução. Segundo a autora, além do discurso oficial do clero romano, é possível distinguir a existência de outros três tipos de discursos no segmento católico: teológico, pastoral e dos fiéis. O discurso teológico é aquele que traduz os debates e pensamentos científicos no campo da teologia, com carácter contingente, em razão dos avanços e mudanças científicas e sociais. Por discurso pastoral a autora entende aquele produzido pelos membros da instituição: seus sacerdotes.

Tal discurso se expressa basicamente em sua atuação pastoral. Aqui também pode-se observar diferenciação interna, não só em função da multiplicidade dos agentes e de suas posições como também pelo fato de a orientação dada ao nível do espaço público não coincidir necessariamente com a que é dispensada ao nível do espaço privado, o que gera ambiguidades e contradições (RIBEIRO, 2001, p. 38)

Por fim, o discurso dos fiéis é aquele construído na vida cotidiana, a princípio é o menos sistematizado, mas tende a tomar corpo e formas específicas à medida que os fiéis passam a participar de grupos ou movimentos leigos. A pedra angular sobre a

²² Como a de Belo Horizonte (2016), fundada pelo padre Marcus Aurélio Mareano e a de Nova Iguaçu (2017), fundada pelo Bispo Dom Luciano Bergamin.

²³ O Grupo Diversidade Católica possui, atualmente, subdivisões regionais, como a Diversidade Católica de Ribeirão Preto e a de Campinas.

qual estes discursos se constroem é a religiosidade, que neste caso, se expressa na forma dos valores cristãos católicos. O foco desta pesquisa se deu sobre os discursos oficiais contidos em documentos institucionais católicos e adventistas comparados aos discursos de seus adeptos LGBTQIA+. Dadas as diferenças na estrutura do campo espírita, que se aproxima do modelo de proeminência da congregação sobre a instituição religiosa e de sua especificidade doutrinária, os discursos espíritas foram analisados através de outra lente analítica, qual seja a autoridade dos seus produtores (ARRIBAS, 2017; LEWGOY, 2006).

No caso do espiritismo, não houve a formação de uma hierocracia com autoridade reconhecida para estabelecer o que, de fato, é o espiritismo, impossibilitando a análise do seu discurso oficial sobre a homossexualidade. Embora a Federação Espírita Brasileira (FEB) seja a instituição que mais se aproxima do tipo ideal de instituição religiosa igreja²⁴, sendo os centros espíritas unidades análogas às congregações, tendo exercido importante papel na difusão e consolidação do espiritismo no país (ARRIBAS, 2010), ainda assim, ela não possui autoridade para se impor quanto à organização dos centros, cabendo as estes, a escolha de se filiarem ou não às federativas estaduais (CAMURÇA, 2022; CAVALCANTI, 2008). Entre a FEB e os centros espíritas há federações estaduais, que organizam o espiritismo regionalmente, tais como: Conselho Espírita do Estado do Rio de Janeiro (CEERJ), Federação Espírita Catarinense (FEC), União Espírita Mineira (UEM)²⁵; ou a partir de interesses específicos, como as Associações Médico Espíritas (AME), Associação Brasileira dos Magistrados Espíritas (ABRAME), Associação Brasileira de Psicólogos Espíritas (ABRAPE). Esta organização por meio de federações e associações que contribui, de algum modo, para a autonomia dos centros espíritas, impedindo a formação de uma hierocracia.

Tal especificidade aliada à inexistência de uma hierarquia sacerdotal, pulveriza a autoridade para ditar o que é o espiritismo em todos os seus níveis institucionais,

²⁴ Neste país, sendo o equivalente em âmbito mundial o Conselho Espírita Internacional (CEI), com sede, tal como a FEB, em Brasília.

²⁵ A fluidez de referência para os centros espíritas se faz maior porque, em São Paulo, por exemplo, há duas federativas estaduais que concorrem entre si: a Federação Espírita do Estado de São Paulo (FEESP) e a União das Sociedades Espíritas de São Paulo (USE).

acirrando conflitos e disputas internas (SOUZA; ARRIBAS; SIMÕES, 2017). O efeito imediato desta configuração reside na existência de diferentes interpretações e explicações espíritas sobre a vida, inclusive, da homossexualidade. Por isso, a compreensão dos consensos existentes no espiritismo acerca da veracidade de um discurso exige a determinação das fontes de autoridade existentes em seu âmbito. Segundo Célia Arribas (2017), é possível estabelecer uma tipologia da autoridade espírita tomando como ponto de partida as referências que legitimam tais autoridades. Em sua elaboração, Arribas propõe três tipos ideais de autoridade: institucional, carismática e intelectual. De forma sucinta, a autoridade institucional se ancora nos cargos existentes nas instituições espíritas, ou seja, derivam da organização racional burocrática das instituições. Já a autoridade carismática está relacionada à mediunidade dos indivíduos, sendo fruto de uma característica individual, que no caso espírita, consiste na comunicação com o mundo espiritual. E por fim, a autoridade intelectual diz respeito àquela construída por intermédio do conhecimento profundo sobre a chamada doutrina espírita. Estes três tipos ideais possibilitam a compreensão da construção da autoridade espírita e a legitimidade dos discursos aqui considerados. Diferentemente dos discursos oficiais católicos e adventistas, as explicações espíritas sobre a homossexualidade estão pulverizadas em muitos livros e palestras produzidas por intelectuais, médiuns e autoridades institucionais. Contudo, tal qual afirma Marcos, outrora católico e agora espírita de Bauru, dirigente da mocidade de um tradicional centro espírita, as instâncias de organização interferem na escolha dos conteúdos abordados em palestras e cursos, não apenas em razão de questões doutrinárias (entenda-se legitimidade do discurso), mas também políticas.

É a nossa crítica com a USE. Porque eles ficam questionando os nossos temários com as referências bibliográficas, mas aí, eu, a gente vira para eles e fala assim, mas vocês não vendem na livraria de vocês? Então, parem de vender na livraria de vocês! A porque não sei o que lá está no index proibitório e querem que a gente pare de colocar na bibliografia... E em relação à FEB é uma briga. Né? Então, depende de quem está na presidência da FEB e da USE. A USE é muito poderosa e atualmente elas estão numa rixa. Há uma rixa muito grande entre a USE e a FEB. É que está mais conservador. Não é, depois que eles derrubaram na última eleição, o... que era aqui da nossa região. Eu já tive que ir em vários lugares, esqueci o nome dele, que era o... Antigo presidente da FEB, não é ele. Ele tentou mudar

algumas coisas financeiras, umas coisas lá, e o pessoal o puxou da reeleição. Não deixou ele se reeleger. Então, e agora está um presidente lá na FEB, que acho que ele era aposentado do exército, umas coisas assim. Então a USE aqui está meio ilhada, parece que só votou nele porque o candidato era do estado de São Paulo, né? E ele é muito bom mesmo. Então há uma briga, né? Mas a USE também tenta, como toda instituição, tenta colocar os seus parâmetros. É uma indicação, né? Então eles não, não têm uma lista, mas se eles levam uma bibliografia lá, duvidosa, eles vão questionar, eles vão lançar? É uma sugestão, já passou. É e se o autor do temário bateu o pé e a bibliografia ficou. Eles não proibiram, não é? Mas é uma indicação assim, não usa tal bibliografia, usa tal. Não é por causa disso, disso e disso. Você tem coisas que são doutrinárias, mas tem outras que são questões políticas, né? (MARCOS, julho de 2022)

A percepção de Marcos, que pode ser enquadrado como autoridade institucional, deixa explícitas as tensões e disputas em torno da escolha dos livros a serem utilizados em eventos espíritas bem como a necessidade em se defender certos interesses, bibliografias, especialmente, no que tange ao tema da sexualidade.

Um único adendo se faz necessário quanto à construção da autoridade no segmento espírita. A doutrina espírita está assentada sobre a explicação da relação entre o mundo material e o mundo espiritual, nela os espíritos são imortais e enquanto não encarnados no mundo material, existem no mundo espiritual. Sendo a mediunidade entendida como a capacidade de comunicação com os espíritos. Assim, é preciso reconhecer que o grau de mediunidade, é entendido como expressão de uma aproximação com o mundo espiritual, sendo necessário fazer distinção entre o médium e os espíritos que se comunicam através dele (PRANDI, 2012). Tal distinção é importante para compreender o que é o posicionamento do médium e o que é o posicionamento de cada espírito em particular. Pois em alguns casos, há divergência entre as falas pessoais dos médiuns e dos espíritos que se comunicam por intermédio dele. Em se tratando da homossexualidade, é possível citar o caso de Divaldo Franco e o espírito Joanna de Ângelis, sua mentora espiritual. Para Franco uma das causas da homossexualidade seria a necessidade de expiação por lides em existências passadas, enquanto para Joanna de Ângelis, esta explicação não é válida (PEREIRA, 2020).

Esta relação é interessante, pois ao mesmo tempo em que a autoridade do médium se constrói em sua relação com espíritos, já que a autoridade e prestígio do

médium é relativa à autoridade e prestígio do espírito com o qual se comunica podendo conferir-lhe autoridade, também pode ser utilizada de maneira coercitiva, com intuito de corrigir-lhe. Durante o trabalho de campo era comum afirmações como: “Divaldo não aprendeu nada com o espírito Joanna de Ângelis!”, por parte daqueles que conferem maior legitimidade ao discurso do espírito em detrimento ao do médium.

As tensões existentes no campo espírita se expandem para além do conflito organizacional da relação entre instituição religiosa e congregação. A pulverização da autoridade espírita e a consideração da existência dos espíritos como fato possibilitam a profusão de inúmeros discursos e conferem maior autonomia a seus adeptos em processo de identificação religiosa.

Por fim, em relação a organização da Igreja Adventista, esta se dá por meio de governo representativo. Como o próprio manual da denominação explica em sua página 22:

Esse modelo reconhece que a autoridade da Igreja repousa sobre seus membros e é expressa por meio de representantes devidamente eleitos em cada nível da organização, com responsabilidade executiva delegada a entidades e oficiais representantes para dirigir a igreja no nível respectivo (MANUAL, 2022, p. 29).

A organização da igreja se dá em cinco níveis, que, partindo da comunidade local (congregação) se aglutinam em associação local, união de igrejas, união-associação ou união-missão, e associação geral e suas divisões (igrejas). Neste sentido, há autonomia da congregação local em relação a associação mundial, mas não aos moldes do segmento espírita, que é independente da aprovação central seu reconhecimento e funcionamento. Aqui, é possível delinear os discursos oficiais da denominação e os discursos oficiais de seus adeptos. Contudo, as tensões e conflitos resultantes destes dois polos da organização se fazem presente, como nos casos de Saša Gunjević, pastor adventista alemão que se assumiu bissexual e de Jeremias, que será abordado adiante. A declaração de Saša sobre sua orientação sexual teve grande repercussão nas mídias sociais e após debates ocorridos no seio da igreja local na qual fazia parte e das instâncias superiores que as representavam, as associações, a controvérsia se encerrou com a ratificação de sua habilitação às funções pastorais.

Figura 2. Post sobre pastor adventista bissexual



Antes da análise detalhada dos discursos de cada segmento religioso aqui considerado sobre a homossexualidade, é preciso uma visão mais geral sobre o debate no seio do cristianismo, que se segue no próximo capítulo.

2 O poder da palavra

O cristianismo é uma religião ética, com preceitos escritos, contidos, principalmente, na Bíblia, que orientam o comportamento de seus fiéis²⁶. A consolidação do cristianismo em religião ética se dá em virtude da centralidade conferida à palavra, ao texto escrito. Trata-se de religião da palavra, como diz Weber (2009), característica que deve ser levada em consideração nas pesquisas sobre tradições cristãs, pois, em grande medida, é tido como sagrada, o que justifica a perpetuação dos discursos e normas pelas instituições religiosas. Por isso, este tópico é dedicado a discussão dos textos bíblicos que fundamentam os discursos cristãos que condenam a diversidade sexual e de gênero.

2.1 Em busca da verdade

A Bíblia não apenas fundamenta o cristianismo, mas é considerada a própria consolidação da palavra do Deus cristão. Ela não é vista como fruto do trabalho humano, antes, o humano é que é entendido como instrumento da vontade e da inspiração divina²⁷, característica esta que lhe confere grande autoridade, pois expressa “a verdade do mundo” e do único Deus existente. Sendo assim, não surpreende o fato de ser invocada e utilizada na explicação de gênero e da sexualidade. Dentre os textos bíblicos de condenação da homossexualidade, também denominados textos de terror pelos LGBTQIA+ cristãos, o *Gênesis* (1:27 e 28) contém os primeiros elementos teológicos na construção dos discursos condenatórios.

E Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de deus o criou; homem e mulher os criou. Além disso, Deus os abençoou e Deus lhes disse: “Tenham filhos e tornem-se muitos; encham a terra, tenham

²⁶ É importante dizer que os espíritas também têm a bíblia como grande referência doutrinária, embora a reinterpretem relativizando determinados aspectos e considerando os preceitos da reencarnação e da mediunidade (SOUZA, TORRES, 2022). A valorização da Bíblia vem aumentando no segmento espírita mediante a formação de grupos e a realização de atividade de estudo, principalmente, do Novo Testamento (TOREES, 2019).

²⁷ Esta característica explica interpretações como as de Jonas, de que Deus falou por meio de intermediários para que retornasse ao evangelho.

domínio sobre os peixes do mar, sobre as criaturas voadoras do céu e sobre toda criatura vivente que se move sobre a terra” (GÊNESIS, 1:27 e 28).

Os discursos de condenação da diversidade de gênero e sexualidade se respaldam, sobremaneira, nesses versículos por conterem a concepção divina no momento da criação: homem e mulher. A existência de dois gêneros passa a ser entendida como fruto do desejo divino e a heterossexualidade como consequência do objetivo da criação humana: ter filhos e povoar a Terra.

Ainda em *Gênesis* (19:4-9) é narrada a história de Sodoma e Gomorra, duas cidades, que, segundo o relato, foram destruídas por Deus através de uma chuva de fogo e enxofre. A ira divina se ascendeu contra a cidade em razão do tratamento considerado desregrado de seu povo.

(...) os homens de Sodoma, cercaram a casa, desde o rapaz até o velho, todo o povo numa só turba. E chamavam a Ló e diziam-lhe: Onde estão os homens que foram ter contigo hoje a noite? Traze-os para fora a nós, para que tenhamos relações com eles. Por fim, Ló saiu a eles à entrada, mas fechou a porta atrás de si. Disse então: “Por favor, meus irmãos, não procedais mal. Por favor, eis que tenho duas filhas que nunca tiveram relações com um homem. Por favor, deixai-me trazê-las para fora a vós. Fazei então com elas o que parecer bem aos vossos olhos. Somente não façais nada a esses homens, porque foi por isso que vieram sob a sombra do meu teto. A isso disseram: “Sai daí!” (Gênesis 19:4-9)

Este trecho é usado não apenas para tipificar as relações homossexuais como pecado, como também na criação do termo sodomita, que passou a designar pessoas que praticavam o coito anal. O termo sodomita não apenas designava uma prática sexual condenatória, mas também afirmava a punição merecida por tal pecado: a morte.

Apesar da popularização no uso do termo sodomita, é apenas no livro de *Levítico* que as prescrições normativas sobre o sexo são formalmente apresentadas junto do castigo pela sua infração, confirmando, assim, as interpretações teológicas sobre o relato de Sodoma e Gomorra.

Não tenhas relações sexuais com um homem, assim como se costuma ter com uma mulher. É um ato detestável (Capítulo 18, versículo 22)

Se um homem tem relações sexuais com outro homem, assim como se tem relações com uma mulher, ambos fazem algo detestável. Sem falta devem ser mortos. O próprio sangue deles está sobre eles (Capítulo 20, versículo 13).

A ideia de se fazer algo detestável ou abominável, a depender da tradução, é um dos elementos que classificam a diversidade sexual e de gênero como pecados contra a natureza humana (TORRES, 2006). Interessante notar que as normas contidas no livro de *Levítico*, especialmente nestes capítulos, são as regras, supostamente ditadas por Deus a Moisés, a chamada palavra divina, que deveria ser cumprida em razão do contrato estabelecido entre deus e seu povo escolhido. Estas regras se aplicavam apenas aos israelitas e os distinguiam de outros povos.

Outros textos, que, combinados a estes, servem para justificar a condenação da diversidade sexual e de gênero, estão contidos no Novo Testamento, especialmente, nas cartas de Paulo aos Coríntios (1 Cor. 6:9), aos Romanos (Rom. 1:18-32) e a Timóteo (1Tim. 1:10). Nestas passagens, o apóstolo adverte os cristãos da época a não cometerem os mesmos excessos morais dos idólatras pagãos, inclusive a prática de relações homossexuais²⁸.

O quê! Não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não sejais desencaminhados. Nem fornicadores, nem idólatras, nem adúlteros, nem homens mantidos para propósitos desnaturais, nem homens que se deitam com homens (1 Cor. 6:9).

É por isso que Deus os entregou a ignominiosos apetites sexuais, pois tanto suas fêmeas trocaram o uso natural de si mesmas por outro contrário à natureza, e, igualmente, até os varões abandonaram o uso natural da fêmea e ficaram violentamente inflamados na sua concupiscência de uns para com os outros, machos com machos, praticando o que é obsceno e recebendo em si mesmos a plena recompensa, que se devia a seu erro (...) Embora estes conhecessem muito bem o decreto justo de Deus, de que os que praticam tais coisas merecem a morte, não somente persistem em fazê-las, mas também consentem com os que praticam tais coisas (Rom. 1:26-27,32).

Fornicadores, homens que se deitam com machos, raptos, mentirosos, perjuros, e qualquer outra coisa que haja em oposição ao ensino salutar (1 Tim. 1:10).

Esses três escritos, segundos lideranças cristãs que reiteram discursos de condenação da homossexualidade, embasam os argumentos de legitimidade dos

²⁸ O resultado de uma ampla pesquisa teológica católica, feita na Alemanha, atribui tais interpretações das cartas paulinas a erros de tradução (BAUMERT, 1999).

textos de *Gênesis* e *Levítico*, por reproduzirem no Novo Testamento as mesmas concepções da homossexualidade como pecado contra a natureza humana que deve ser duramente punido. Aliás, o texto de *Romanos* deixa claro que consentir com aqueles que praticam tais pecados implica em receber a mesma punição dos pecadores. Admoestação recorrente em discursos cristãos para defender a postura combativa da igreja católica contra as mudanças em prol da igualdade de gênero e dos direitos sexuais.

Partindo da consideração de que não há diversidade sexual e de gênero, sendo o mundo formado apenas por dois gêneros humanos: homens e mulheres, com desejo sexual orientando a seu “oposto” complementar. O que na perspectiva queer, equivale a reconhecer a heteronormatividade como pressuposto da organização social proposta a partir destes versículos, em razão da centralidade e imposição da heterossexualidade enquanto única forma de desejo possível aos homens e mulheres por deus criados (MISKOLCI, 2014; SPARGO, 2017; BUTLER, 2019). O efeito desse discurso é a naturalização do desejo heterossexual e das relações afetivas entre homens e mulheres próprias do ideal do casamento cristão, bem como da ordem social e cultural dela decorrente que classifica como abjeta e patológica qualquer outra identidade de gênero e desejo, sobretudo da homossexualidade, renegada à invisibilidade (PELÚCIO, 2014; SEDGWICK, 2007).

Não obstante, outra epístola de Paulo que acompanha os textos citados mesmo sem tratar especificamente sobre o sexo é trecho de Hebreus 10: 26-28, ao dizer que não há perdão para a prática do pecado deliberado.

Pois, se praticarmos o pecado deliberadamente, depois de termos recebido o conhecimento exato da verdade, não há mais nenhum sacrifício pelos pecados, mas há uma certa expectativa terrível de julgamento e (há) um ciúme ardente que irá consumir os que estão em oposição. Qualquer homem que tiver desconsiderado a lei de Moisés morre sem compaixão, pelo testemunho de dois ou três.

Este texto é usado, por vezes, para coagir os fiéis a se manterem conforme normas prescritas sobre o que é considerado o bom sexo, a heterossexualidade, e os modos corretos de ser homem e mulher, reiterando a interpretação binária do gênero. Em última instância, o discurso de negação da diversidade sexual e de gênero, embasado biblicamente, se complexifica ao classificar qualquer comportamento

anormal como fruto de escolha deliberada do sujeito, ou seja, um pecado sem perdão. Toda a retórica sobre a ideia de “escolha” da homossexualidade se constrói aqui, pois possibilita a responsabilização individual dos sujeitos por seus desejos (pecaminosos) praticados deliberadamente. Foi observado, frequentemente, na pesquisa a menção deste texto como fonte da culpa e medo de cristãos LGBTQIA+.

Em suma, estes são os trechos bíblicos elementares utilizados na composição dos discursos institucionais das igrejas que condenam a diversidade sexual e de gênero, sendo também reinterpretados e mobilizados juntos a outros textos por parte dos fiéis que buscam mudanças nas instituições às quais se vinculam a partir de outras teologias. O uso dos textos bíblicos como justificativas da interpretação cristã sobre a sexualidade escondem o contexto histórico-cultural de sua escrita – onerando uma leitura bíblica contextualizada, como aquela feita por teólogos e lideranças religiosas de perfil liberal e progressista - bem como o processo de consolidação desta única maneira de pensa-los, fazendo-se necessário o debate histórico acurado da relação entre religião e sexualidade. Tais iniciativas foram encontradas nas comunidades *on-line* voltadas à cristãos LGBTQIA+ e tendem a constituir o primeiro debate existente no seio desses grupos. Na prática, o processo de conciliação entre fé e sexualidade deste segmento cristão começa por meio da relativização das interpretações bíblicas condenatórias, sem, contudo, negar a legitimidade e a centralidade deste livro.

2.2 Matrimônio e reprodução

Partindo das explicações católicas oficiais de condenação da diversidade sexual e de gênero pautados nos “clássicos” bíblicos apresentados acima, nota-se que estas retomam a relação entre sexo e procriação contidas na encíclica *Casti Connubi* de Pio XI, publicada em 1931. Nela o papa rechaça a possibilidade de separação entre sexo e procriação, reiterando uma interpretação católica que remonta a Santo Agostinho e Tomás de Aquino, opondo-se as afirmações dos bispos anglicanos proferidas na conferência da cidade inglesa de Lambeth em 1930, mais especificamente a resolução 15.

Onde houver clara obrigação moral de limitar ou evitar a paternidade, o método [adotado] deve ser decidido com base nos princípios cristãos. O método principal e óbvio é a abstinência completa do intercurso sexual (na medida do necessário) para uma vida de disciplina e autocontrole vivida no poder do Espírito Santo. No entanto, nos casos em que houver clara obrigação moral no sentido de limitar o evitar a paternidade, e onde houver uma razão moralmente sólida para evitar completamente a abstinência, a Conferência concorda que outros métodos possam ser usados, desde que realizados a luz dos mesmos princípios cristãos. A Conferência registra sua forte condenação do uso de quaisquer métodos de controle de concepção por motivos de egoísmo, luxo ou mera conveniência (THE LAMBETH, 1930, p. 7 – tradução minha).

Naquela década o debate sobre sexualidade se deu em face da liberação no uso de métodos contraceptivos por parte dos anglicanos, ato condenável no catolicismo²⁹ e se estendeu ao longo dos anos seguintes até que Pio XII, em 1951, publica o documento *Alocução às Partejas* que, apesar de reforçar as condenações da encíclica anterior, abria possibilidade de regulação dos nascimentos por meio da abstenção periódica (RIBEIRO, 2001). Logo após o término do Concílio do Vaticano II, em uma encíclica produzida durante sua realização: *Gaudium et Spes*, publicada por Paulo VI em 1965, o uso de contraceptivos não foi reiterado, mas se abriu a possibilidade de regulação familiar por parte dos cônjuges através da análise consciente das condições do casal.

Desempenhar-se-ão, portanto, desta missão com a sua responsabilidade humana e cristã; com um respeito cheio de docilidade para com Deus, de comum acordo e com esforço comum, formarão rectamente a própria consciência, tendo em conta o seu bem próprio e o dos filhos já nascidos ou que prevêm virão a nascer, sabendo ver as condições de tempo e da própria situação e tendo, finalmente, em consideração o bem da comunidade familiar, da sociedade temporal e da própria Igreja. São os próprios esposos que, em última instância, devem diante de Deus tomar esta decisão (PAULO VI, 1965, p. 23).

Três anos mais tarde, esta possibilidade de decisão consciente, apenas dos homens, foi rechaçada por Paulo VI ao promulgar a Encíclica *Humanae Vitae*, que rejeitava o relatório do Vaticano II e reafirmava as considerações de Pio XI e Pio XII

²⁹ A despeito de posições contrárias da parte de católicas feministas, teólogos da libertação e agentes de pastoral progressistas no seio do catolicismo são encontradas no livro de Lúcia Ribeiro (2001).

(DENTZ, 2021). Aqui é claro a tensão existente mesmo na dimensão da igreja na produção do discurso oficial sobre o sexo, atrelada a necessidade de procriação.

É interessante lembrar que, em se tratando do catolicismo, ao longo da década de 1960, a realização do Concílio do Vaticano II marca um ponto de inflexão nos debates relativos ao matrimônio e a família. Dando origem a duas correntes de pensamento: os que reafirmavam a perspectiva do *Castii Conubii*, como *Humanae Vitae*, e outra que buscava novas perspectivas visando o *aggiornamento*, ou seja, a adaptação da igreja à modernidade.

Em se tratando da compreensão da sexualidade, foi no pontificado de Paulo VI em decorrência da produção do primeiro documento católico sobre homossexualidade: *Declaração acerca de algumas questões de ética sexual*, em 1975, que o debate se desloca do campo do matrimônio e da família para tratar especificamente da homossexualidade. O documento inaugurou a apreciação da questão homossexual no catolicismo e a passou a explica-lo por meio da distinção entre condição ou tendência homossexual e atos homossexuais. A tendência é uma característica dos indivíduos e, por si só, não constitui pecado. Por sua vez, os atos homossexuais são “intrinsecamente desordenados” e inaceitáveis em todos os casos. Desde então, outros documentos foram produzidos no âmbito da igreja a partir desta visão. Contudo, se faz necessária a contextualização histórica de sua produção, já que a associação comum entre cristianismo e imposição do matrimônio voltado a reprodução é falaciosa. Tal concepção moral é mais antiga que o próprio cristianismo e foi constituída no pensamento filosófico pagão, através do denominado regime dos *afrodisia* (BOSWELL, 1981).

Definido em função do casamento, da procriação, da desqualificação, do prazer e de um laço de simpatia respeitosa e intensa entre os cônjuges; foi uma sociedade pagã que se deu a possibilidade de nele reconhecer uma regra de conduta aceitável por todos – o que não quer dizer, longe disso, efetivamente seguida por todos (FOUCAULT, 2020, p. 21).

Este ideal remonta ao pessimismo sexual estoico que associava a atividade e o prazer ao perigo resultante do desperdício da energia vital da pessoa, entendida, sobremaneira, no derrame do sêmen masculino. Por isso, a abstinência sexual era prescrita com o intuito de se atingir um corpo saudável, aliás, estes são os subsídios

à construção cristã do ideal de celibato e valorização da virgindade (RANKE-HEINEMANN, 2019). Como demonstra Foucault (2020), foi nos primeiros dois séculos do cristianismo que o sexo recebeu tratamento severo em razão do objetivo cristão de se alcançar uma existência à semelhança de Deus, resultando na redução da sexualidade ao casamento e regulação por meio do matrimônio. Embora, aceitável, ainda assim, o casamento era preterido frente à abstenção sexual, justificando-se apenas nas atividades sexuais com intuito reprodutivo. A reformulação do pessimismo sexual no âmbito cristão também foi responsável pela condenação do prazer sexual enquanto pecado, caracterizando, nas palavras de Gayle Rubin (2003) a negatividade sexual cristã, sustentada, especialmente, nas epístolas do apóstolo Paulo de Tarso no Novo Testamento.

A primeira explicação católica, já na década de 1970, sobre a homossexualidade contida em documento da Congregação para a Doutrina da Fé (SEPER, HAMER, 1975), se ampara neste pressuposto, por meio da distinção entre tendência e ato homossexual. Pois aquele com tendências, desejos, homoafetivos que mantém abstinência sexual, conservando sua castidade, não comete pecado. O pecado é praticado apenas no momento de consumação do desejo no coito sexual. Neste sentido, o tratamento dispensado a homossexualidade nega, inclusive, a possibilidade de seu exercício por meio do casamento, atestando a concepção católica, outrora já mencionada, de que o matrimônio resulta da união (heterossexual) de apenas um homem e uma mulher com intuito de procriação. Bem como o próprio limite do modelo heteronormativo na conquista do reconhecimento das relações homoafetivas e dos sujeitos LGBTQIA+. Em se tratando do catolicismo, ao menos em relação ao seu discurso oficial, a reprodução de relacionamentos homossexuais monogâmicos pautados no amor e na fidelidade não produz o deslocamento das relações homossexuais no contínuo da hierarquia sexual, tornando-a normal (RUBIN, 2003).

Embora cristã, a doutrina espírita não compartilha da negatividade sexual presente no catolicismo e na igreja adventista. No espiritismo o sexo é considerado uma energia presente em toda a matéria, sendo responsável pela capacidade produtiva e criativa dos seres, é entendida, portanto, como uma força positiva

fundamental à vida (FRANCO, 2016; BARCELOS, 2014). Na perspectiva doutrinária do espiritismo, é negado o carácter pecaminoso e maléfico do sexo e do prazer sexual, contudo, se afirma “o impositivo de discernimento e responsabilidade em sua aplicação, e que, por isso mesmo, deve estar controlada por valores morais que lhe garantam o emprego digno” (XAVIER, 2015, p. 20). A satisfação de tais impositivos morais se dá através do aprendizado da monogamia pautada na fidelidade e amor. Aliás, segundo o espiritismo, o amor é a única energia disponível no universo com maior relevância e poder que a energia sexual. Não sendo de se estranhar que as relações sexuais consumadas no amor sejam consideradas normais e saudáveis, mesmo quando homoafetivas.

O espiritismo, diferentemente de outras denominações, é a única vertente religiosa cristã que possui a reencarnação e a imortalidade do espírito como princípios doutrinários de cosmogonia. Tais princípios são encontrados nos textos de Alan Kardec, especialmente em sua obra seminal que explica que o espírito não é deus nem matéria, mas pode ser considerado como sinônimo de inteligência, já que “a inteligência é um atributo essencial do espírito. Uma e outro, porém, se confundem num princípio comum, de sorte que, para vós, são a mesma coisa” (KARDEC, 2013, p. 82). O espírito é então entendido como princípio inteligente responsável pelo senso moral e o pensamento que anima os corpos físicos sendo a imortalidade do espírito essencial à compreensão do princípio da reencarnação e de seu mecanismo de funcionamento. Segundo Kardec (2013), a reencarnação é o mecanismo que possibilita os espíritos alcançarem a perfeição por meio de reiteradas vivências num corpo material. Essas experiências conferem aos espíritos a possibilidade de aprendizado por meio da expiação ou missão. No primeiro caso, como mecanismo compensatório por erros cometidos em existências anteriores e no segundo, visando aumento da evolução espiritual individual ou coletiva. Desta especificidade doutrinária é estabelecido os graus de desenvolvimento espiritual a partir do emprego da energia sexual. A energia sexual pode ser empregada por instinto, sensação e sentimento. Em espíritos primitivos, em baixo grau de evolução, o sexo é fruto do desejo instintivo, sendo, posteriormente, empregado com intuito de satisfação do desejo e do prazer, etapa média de evolução espiritual, para posteriormente, ser orientado através do discernimento e razão, justificado, sobretudo, pelo amor. O ponto de inflexão neste

processo de evolução espiritual no emprego da energia sexual é a constituição da monogamia, conquistada, a duras penas, por meio de experiências dolorosas resultantes da poligamia (XAVIER, 2015).

A consideração positiva da energia sexual, acompanhada da relevância da monogamia baseada nas emoções, leia-se amor, tornam possível o reconhecimento e normalização das relações homoafetivas, ao menos daquelas baseadas no modelo heteronormativo, nos discursos oficiais espíritas.

No que diz respeito, especificamente a Igreja Adventista, a condenação da homossexualidade se justifica nos textos bíblicos ora já apresentados e ressaltam que não passam de práticas que visam corromper os princípios da criação divina. Qual seja, de que homens e mulheres se tornassem uma só carne e povoassem a terra (GENERAL, 1987). Este discurso, característico dos anos 1980 e que associavam o crescimento da onda “gay” a ação de forças demoníacas, vem sendo amenizado desde então, por meio da afirmação da necessidade de acolhimento das pessoas LGBTQIA+. Este tipo de discurso é, inclusive, encontrado no seio do catolicismo e de outras vertentes evangélicas, e afirma que tal acolhimento não deve ser confundido com a aceitação do pecado.

2.3 Homossexualidade

As relações e práticas homossexuais não são fruto da modernidade, pelo contrário, estiveram presentes em diversas civilizações (ENDJSO, 2014; CROMPTON, 2003). O coito anal, em antigas religiões do Oriente Médio, por exemplo, era entendido como mecanismo de conexão com os deuses, sendo, inclusive, citado como prática entre deuses, caso da mitologia egípcia no relato sobre a disputa de Seth e Hórus pelo trono de Osíris (WALKER, 1977)³⁰. O único efeito da modernidade

³⁰ Observa-se sua presença também na mitologia afro-americana das divindades africanas sobremaneira os orixás (PRANDI, 2001).

sobre estas práticas se deu na maneira pela qual elas passaram a ser apreendidas através do mecanismo da sexualidade (FOUCAULT, 2014b e 2014c).

A palavra homossexual foi cunhada em 1869 pelo húngaro Karoly Maria Benkert ao contestar a criminalização das relações sexuais entre homens na Alemanha (MISKOLCI, 2007), sendo posterior o surgimento do termo heterossexual para se referir ao desejo sexual normal. De certo modo, o léxico inventado por Karoly se referia aos indivíduos que tinham certas práticas sexuais, entendidas naquele momento a partir da visão jurídica, que os consideravam crimes. Até aquele momento, a significação das práticas sexuais esteve à mercê da perspectiva religiosa que, como já mencionado, se constituiu na interpretação do texto bíblico a partir de certas proposições filosóficas pagãs.

Nas considerações de Michel Foucault (2014a e 2014b) sobre o processo de constituição do regime da sexualidade no ocidente, a sexualidade é entendida como regime discursivo amparado em relações de poder-saber-prazer que estabelecem a verdade sobre o sexo. Este regime discursivo tem efeitos concretos na realidade social, ao justificar o controle de corpos individuais e populacionais por parte do Estado e outras instituições. Entretanto, não é a sexualidade que se impõe sobre o sexo, antes, é a própria materialidade do sexo, naturalizada nas características biológicas do corpo que é utilizada na explicação de comportamentos sexuais. O sexo se tornou “o princípio causal dessa unidade ficcional, ele se tornou significante único e significado universal” (FOUCAULT, 2014a, p. 168).

A construção do dispositivo da sexualidade se deu no campo científico, mais especificamente das ciências médicas, psiquiatria e psicologia por meio da utilização da confissão, como mecanismo capaz de revelar a verdade sobre o sexo. Destaca-se a contribuição de Foucault (2014b) sobre o tratamento da sexualidade enquanto construção social discursiva amparada em relações de poder sobre o monopólio da verdade do sexo capaz de estabelecer o comportamento normal e seus desvios. Para o filósofo, o desejo se tornou produto da sexualidade, já que a sexualidade ao pressionar os indivíduos a se reconhecerem em seu regime de verdade, transformo-os em sujeitos. Mas como ele próprio propôs, a resistência é coextensiva ao poder sendo que os efeitos do poder sempre fornecem subsídios a sua resistência.

Por isso, a consideração sucinta de uma história da homossexualidade passa pela compreensão das mudanças em seu significado. A princípio, compreendida a partir do ponto de vista moral religioso, que persiste atualmente em algumas denominações, como a católica e a adventista, ao ser tachado como pecado. Posteriormente, sobre o viés jurídico, considerado crime, para, por fim, ser diagnosticado enquanto doença. Esta última mudança não deve ser entidade simplesmente enquanto fruto no avanço dos conhecimentos científicos, pois, foi antes, impulsionada pela organização de protestos, como o do próprio Karoly (CECCARELLI, 2008). A descriminalização da homossexualidade foi entendida como um avanço social, já que esta deixou de ser punida, em muitos casos, inclusive, com pena de morte. Mas o desenvolvimento dos conhecimentos médicos sobre a cura desta “condição”, submeteu essa população de degenerados, ao longo do século XIX, a tratamentos experimentais questionáveis, muitos dos quais resultavam em morte. Em outras palavras, não houve melhoras consideráveis na realidade de vida da maioria destes sujeitos.

Com a consolidação da medicina ao longo do século XX, houve classificação da homossexualidade no Código Internacional de Doenças (CID) em 1948, enquanto desvio sexual. Esta situação se manteve até 1973, quando, após a configuração do movimento iniciado no *Stonewall Inn* em 1969 e os conflitos que se seguiram, finalmente, a homossexualidade deixou de ser considerada doença pela Associação Americana de Psiquiatria e outras associações médicas ao longo dos anos 1970 e 1980 (MARTINS *et al*, 2014). O episódio ocorrido no bar *Stonewall Inn* é considerado o início da organização dos movimentos sociais homossexuais, pois marca a resistência dos fregueses do bar contra ação violenta da polícia contra eles na madrugada de 28 de junho (RIBEIRO, 2011). As reivindicações destes grupos por reconhecimento de direitos civis e jurídicos se manteve até a década de 1980, quando a epidemia do HIV/AIDS ressignificou a homossexualidade. A infecção do HIV foi associada aos indivíduos homossexuais a ponto de ser denominada de a peste ou câncer gay e considerada por algumas lideranças religiosas punição divina (PAULA e LAGO, 2013; DANIEL e PARKER, 1991).

De certo modo, a expansão dos direitos da população LGBTQIA+ se interrompe ao longo das décadas de 1980 e 1990, devido a pandemia de HIV/AIDS. Mas é preciso lembrar que os avanços conquistados pela população LGBTQIA+ não foi homogêneo. A própria retirada da homossexualidade do CID foi acompanhada da patologização de outros desejos e identidades de gênero, a saber, daqueles, outrora, denominamos transexuais (BENTO e PELÚCIO, 2012). Apenas em 2022 com a publicação mais recente do CID, a transexualidade deixou de ser listada na categoria de transtornos mentais, estando agora presente no item “Condições relacionadas à saúde sexual”, em decorrência do seu entendimento enquanto disforia de gênero. A eminência de tal fato levou algumas lideranças espíritas vinculada ao campo médico a endossarem o discurso médico científico elaborando explicações que conciliavam tais mudanças às explicações espíritas (MOREIRA, 2017 e 2017).

De forma geral é dentro deste contexto histórico que as explicações religiosas sobre a homossexualidade foram elaboradas, tanto em razão das mudanças sociais e culturais ocorridas na interpretação do gênero e da sexualidade, quanto por pressão de grupos LGBTQIA+.

2.3.1 A explicação católica sobre a homossexualidade

Desde a distinção entre tendência e ato homossexual, apresentada na *Declaração* (SEPER; HAMER, 1975), outros documentos continuaram o debate teológico na igreja. A justificativa encontrada na *Carta de atendimento pastoral de pessoas homossexuais*, publicada em 1986, pelo então cardeal prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, Joseph Ratzinger – que viria, duas décadas depois a ser o papa Bento XVI - reconhece o aumento do debate público sobre o “problema do homossexualismo” como mola propulsora da consideração deste tema pela instituição romana e se dirige aos bispos católicos com o intuito de fornecer orientações sobre o atendimento pastoral de homossexuais em consonância com os ensinamentos doutrinários católicos. A carta resgata os argumentos da *Declaração acerca de algumas questões de ética sexual*, reafirma o caráter pecaminoso dos atos

homossexuais e ressalta a necessidade da instituição se manter firme frente às pressões de grupos homossexuais que reivindicam mudanças na concepção da igreja.

Entretanto, na discussão que se seguiu à publicação da Declaração, foram propostas interpretações excessivamente benévolas da condição homossexual, tanto que houve quem chegasse a defini-la indiferente ou até mesmo boa. Ao invés, é necessário precisar que a particular inclinação da pessoa homossexual, embora não seja em si mesma um pecado, constitui, no entanto, uma tendência, mais ou menos acentuada, para um comportamento intrinsecamente mau do ponto de vista moral. Por este motivo, a própria inclinação deve ser considerada como objetivamente desordenada. Aqueles que se encontram em tal condição deveriam, portanto, ser objeto de uma particular solicitude pastoral, para não serem levados a crer que a realização concreta de tal tendência nas relações homossexuais seja uma opção moralmente aceitável (RATZINGER; BOVONE, 1986).

Neste sentido, a Carta, reforça a perspectiva da igreja consolidada no *Catecismo da Igreja Católica*, onde há três parágrafos dedicados à consideração sobre a homossexualidade. São os parágrafos: 2357, 2358 e 2359, sob o tópico: *Castidade e Homossexualidade*. O documento reconhece a existência desta atração sexual e afirma não haver explicação de sua origem psíquica. Além disso, seguindo a tradição bíblica, declara:

Que os apresenta como depravações graves, a Tradição sempre declarou que os atos de homossexualidade são intrinsecamente desordenados. São contrários à lei natural, fecham o ato sexual ao dom da vida, não procedem duma verdadeira complementaridade afetiva sexual, não podem, em caso algum, ser aprovados (CATECISMO, 1991, §2357).

Os parágrafos seguintes afirmam que as “tendências homossexuais” se constituem em provação, devendo ser “acolhidas com respeito, compaixão e delicadeza”, evitando-se a discriminação. Esse acolhimento dos homossexuais católicos se dá por meio do chamado à castidade. Postura reproduzida no *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, onde é, novamente, afirmada a necessidade de respeito à dignidade humana das pessoas homossexuais, mas é negada a equiparação entre matrimônio e união entre pessoas do mesmo sexo, lembramo-nos que para a igreja o matrimônio se realiza apenas na união entre um homem e uma mulher.

O documento segue explicando que o respeito devido às pessoas homossexuais não deve ser confundido com a legitimação de comportamentos imorais nem com o reconhecimento do direito ao matrimônio. E mais uma vez, é prescrita a necessidade da castidade aos homossexuais. O tema da homossexualidade ganha força novamente em 2003, quando é publicada as *Considerações sobre os projetos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais* (RATZINGER; AMATO, 2003), marco no recrudescimento da postura da Igreja Católica. O documento afirma a necessidade do clero e dos fiéis defenderem a família e a moral, posicionando-se contra o reconhecimento jurídico da união civil entre homossexuais e a criminalização da homofobia. Naquele momento, a Holanda já havia aprovado, em 2001, a legalização da união entre pessoas do mesmo sexo e a Bélgica, seguindo o pioneirismo holandês, havia feito o mesmo em 2003. Em outras palavras, a instituição católica reafirmou sua postura sobre a questão, o que pode ser entendido, de alguma maneira, como uma tentativa de conter as mudanças no âmbito civil de extensão dos direitos da população LGBTQIA+. Inclusive, as Considerações incentivavam os leigos católicos a participarem da esfera política, já que esta participação é proibida a hierarquia da igreja, como representantes da boa moral e a votarem contra tais projetos

O documento reafirma ainda a necessidade da castidade como mecanismo de controle da tendência homossexual, evitando-se assim, o pecado das práticas homossexuais. Sob o papado de Bento XVI, dois anos depois, foi publicada a *Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendências homossexuais* (GROCHOLEWSKI; MILLER, 2005) Este estabelece como papel do clero – bispos e superior geral – julgar as inclinações e tendências daqueles que aspiram à ordenação, pois a igreja “embora respeitando profundamente as pessoas em questão, não pode admitir ao Seminário e às Ordens sacras aqueles que praticam a homossexualidade, apresentam tendências homossexuais profundamente radicadas ou apoiam a chamada *cultura gay*” (GROCHOLEWSKI; MILLER, 2005). Tal publicação é interessante por expressar a preocupação do papa com o tema, já que Joseph Ratzinger, o Bento XVI, esteve envolvido na elaboração da *Carta sobre atendimento pastoral de pessoas homossexuais* (RATZINGER; BOVONE, 1986) e nas *Considerações sobre os projetos de reconhecimento legal das uniões entre*

peças homossexuais (RATZINGER; AMATO, 2003), momento de endurecimento da postura da instituição.

Com a renúncia de Bento XVI, em fevereiro de 2013, houve no mês seguinte a eleição do cardeal de Buenos Aires, Jorge Mário Bergoglio, tornando-se o papa Francisco, primeiro papa a não ter participado do Concílio Vaticano II. Durante seu pontificado, destaca-se a produção de dois documentos o *Relatório Final do Sínodo dos Bispos ao Santo Padre Francisco* (2015) e o *Responsum da Congregação para a Doutrina da Fé a um dubium sobre a bênção de uniões de pessoas do mesmo sexo* (LADARIA; MORANDI, 2021). O Relatório do Sínodo reafirma a impossibilidade de equiparação entre matrimônio e união de pessoas do mesmo sexo, citando inclusive, o documento *Considerações sobre os projetos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais* (RATZINGER; AMATO, 2003). Este relatório é o único dos documentos citados que associa castidade e sexualidade de modo amplo, não especificamente à homossexualidade. Já o *Responsum da congregação*, como mencionado anteriormente, expõe a tensão existente entre instituição e congregação existente no segmento católico, demonstrando que, apesar do alto grau de institucionalização do catolicismo, ainda assim, é possível que mudanças rituais e doutrinárias aconteçam na comunidade religiosa em razão das experiências dos fiéis. Apesar de condenar as práticas homossexuais como pecado, o documento afirma a necessidade de acolhimento das pessoas com tendências homossexuais, pois estas podem receber bênçãos individualmente.

2.3.2 As explicações espíritas

Como mencionado, no espiritismo há uma diversidade de explicações sobre a homossexualidade em decorrência da inexistência de um poder central que a organize enquanto instituição. Dado a polissemia de vozes sobre o assunto, optou-se aqui pela consideração das principais explicações espíritas sobre a homossexualidade, que remontam as obras de dois médiuns Chico Xavier que psicografou os livros *Sexo e destino* (XAVIER; VIEIRA, 2013) e *Vida e Sexo* (XAVIER, 2015); e Divaldo Pereira

Franco, que psicografou as obras ditadas pelo espírito Joanna de Ângelis, *Constelação Familiar* (FRANCO, 2015) e *Encontro com a paz e a saúde* (FRANCO, 2014), e escreveu outra de própria autoria, *Sexo e Consciência* (FRANCO, 2016)³¹.

A obra ditada por André Luiz (XAVIER; VIEIRA 2013), *Sexo e destino*, foi escrita com a ajuda de Waldo Vieira em 1963 e consiste numa narrativa que apresenta lições sobre o sexo, o amor e o destino, por meio do relato das experiências de espíritos encarnados e desencarnados³². No que tange especificamente a homossexualidade, o vocábulo é encontrado duas vezes ao longo de toda a obra, apenas em sua segunda metade, trecho psicografado por Chico Xavier. Este trecho aponta que no futuro, os espíritos evoluídos, tratarão como normais aqueles que sofrem preconceitos em razão de sua condição de “invertidos”³³. E que independentemente da condição dos espíritos – de normais ou invertidos – todos devem seguir os padrões sublimes do amor. Entretanto, chama a atenção para duas causas da homossexualidade:

Tendo Neves formulado consulta sobre os homossexuais, Félix demonstrou que inúmeros Espíritos reencarnam em condições inversivas, seja no domínio de **lides expiatórias ou em obediência a tarefas específicas**, que exigem duras disciplinas por parte daqueles que as solicitam ou que as aceitam. Referiu ainda que homens e mulheres podem nascer homossexuais ou intersexos, como são suscetíveis de retomar o veículo físico na condição de mutilados ou inibidos em certos campos de manifestação, aditando que a alma reencarna, nessa ou naquela circunstância, para melhorar e aperfeiçoar-se e nunca sob a destinação do mal, o que nos constrange a reconhecer que os delitos, sejam quais sejam, em quaisquer posições, correm por nossa conta (XAVIER; VIEIRA, 2013, p. 271, grifo meu).

Segundo o espírito André Luiz, a homossexualidade é resultado de duas causas: lides expiatórias ou obediência a tarefas específicas. Embora a noção de punição e castigo não seja mencionada, a ideia de lide expiatória induz a possibilidade de que a homossexualidade seja uma experiência imposta com intuito de proporcionar ao espírito a reparação por atos cometidos em encarnações passadas e, assim, evoluir. O fundamento desta explicação repousa na consideração do princípio da

³¹ Análise mais detalhada sobre os discursos espíritas que explicam a homossexualidade são encontradas em GUIMARÃES, 2018 e PEREIRA, 2020.

³² Termos utilizados por espíritas para distinguir os espíritos que possuem corpo carnal e existem no plano material, os encarnados; daqueles que não possuem corpo material e existem apenas no plano espiritual, também chamados de desencarnados.

³³ O termo é usado como sinônimo para homossexuais.

reencarnação como mecanismo capaz de proporcionar a evolução espiritual por meio da lei de causa e efeito. De acordo com a doutrina espírita, nada acontece por acaso nem por intervenção divina, pois tudo, o sofrimento e a felicidade, é consequência do comportamento individual dos espíritos imortais no passado, ou seja, resulta de suas ações em encarnações pretéritas (CAMURÇA, 2022; PRANDI, 2012). Por isso, a ideia de lide expiatória como causa da homossexualidade pode ser entendida como espécie de “karma” resultante de más ações e escolhas em existências passadas.

O outro motivo listado pelo espírito André Luiz, de obediência a tarefas específicas, a princípio, parece não se distinguir da necessidade de resolução de lides expiatórias, afinal, a tarefa específica seria a evolução ou reparação no que diz respeito ao sexo e amor. Esta segunda causa, contudo, é melhor compreendida com as explicações do espírito Emmanuel, contidas em *Vida e sexo* e ditada em 1970.

Entre a produção das duas obras ocorreu a organização dos movimentos homossexuais e gays, de modo que, ambas as produções podem ser entendidas como reflexo das discussões que ocorriam no momento de sua produção, inclusive, no âmbito católico. O interessante é notar as mudanças ocorridas na no tratamento do tema, pois o livro ditado pelo espírito Emmanuel (XAVIER, 2015) não apresenta estrutura narrativa, estando, antes, organizado em capítulos que discutem temas específicos por meio de perguntas e respostas. Emmanuel inicia a obra reiterando a necessidade de superação dos preconceitos contra aqueles considerados “anormais” e complexifica a explicação de André Luiz ao enumerar três causas para a homossexualidade: histórico de reencarnações consecutivas em um mesmo tipo corporal, em outras palavras, espíritos que encarnam repetidas vezes como homens, podem se tornar homossexuais quando encarnam como mulheres e vice versa; necessidade de aprendizados específicos relacionadas a lides expiatórias por ações em vidas passadas; e, por fim, reflexo de alto grau evolutivo do espírito que escolhe a condição homossexual com o intuito de se resguardar das relações sexuais e afetivas, direcionando toda a sua energia sexual na execução de trabalhos específicos. De certo modo, a explicação de Emmanuel parece reconhecer como as diferenças sexuais hierarquizam corpos e produzem tratamentos distintos aos sujeitos (BUTLER, 2020).

Outro detalhe importante à compreensão das explicações sobre a homossexualidade envolve a concepção espírita de que todo espírito é composto por níveis de feminilidade e masculinidade, como já dito por André Luiz.

Empenhou-se a repetir que na Crosta Planetária os temas sexuais são levados em conta, na base dos sinais físicos que diferenciam o homem da mulher e vice-versa; no entanto, ponderou que isso não define a realidade integral, porquanto, regendo esses marcos, permanece um Espírito imortal, com idade às vezes multimilenária, encerrando consigo a soma de experiências complexas, o que obriga a própria Ciência terrena a proclamar, presentemente, que masculinidade e feminilidade totais são inexistentes na personalidade humana, do ponto de vista psicológico. **Homens e mulheres, em espírito, apresentam certa percentagem mais ou menos elevada de características viris e feminis em cada indivíduo**, o que não assegura possibilidades de comportamento íntimo normal para todos, segundo a conceituação de normalidade que a maioria dos homens estabeleceu para o meio social (XAVIER; VIEIRA, 2013, p. 270, grifo meu).

Neste sentido, a primeira causa apresentada por Emmanuel, resulta destes percentuais de masculinidade e feminilidade construídos ao longo das encarnações dos espíritos, ou seja, correspondem a uma espécie de memória destas experiências passadas. E neste caso, não haveria nenhuma anormalidade na homossexualidade. A segunda causa apresentada por Emmanuel se assemelha a explicação dada por André Luiz e neste sentido, resulta da necessidade de aprendizado por ações pretéritas. Já a última causa associa a homossexualidade a condição espiritual evoluída, em que não há o exercício da sexualidade.

Acerca das contribuições de Chico Xavier destaca-se então: seu pioneirismo no debate do entendimento da homossexualidade segundo a doutrina espírita, a multiplicidade de suas causas e, o mais importante, a necessidade de reconhecimento de sua normalidade. Inclusive, em 1971, ao participar de um programa na TV Tupi intitulado Pinga Fogo, ao ser perguntado sobre a “questão do homossexualismo”, o médium diz que segundo a orientação de espíritos amigos, tanto a homossexualidade como a bissexualidade e a assexualidade são condições normais da natureza humana (XAVIER, 2018). Vale ainda destacar a importância do médium na consolidação e difusão do espiritismo no país (LEWGOY, 2004).

Com a morte de Chico Xavier em junho de 2002, Divaldo Pereira Franco, passou a ser reconhecido pela maioria dos espíritas como o médium vivo mais importante dentro do espiritismo. Parte do prestígio de que Divaldo goza resulta não apenas de sua dedicação à divulgação da doutrina espírita e a trabalhos caritativos, como também dos anos de convivência com Chico Xavier. O médium possui inúmeras obras, tanto psicografadas quanto de sua própria autoria. Para a discussão aqui pretendida, foram selecionadas algumas obras publicadas entre os anos 2008 e 2015. A saber: *Constelação Familiar* (FRANCO, 2015) e *Encontro com a paz e a saúde* (FRANCO, 2014), e *Sexo e Consciência* (FRANCO, 2016).

Em relação ao espírito Joanna de Ângelis é preciso destacar sua notoriedade dentro do campo espírita, que a reconhece como figura central na consolidação daquilo que denominam psicologia transpessoal. E embora o tema da homossexualidade não seja o mote de suas obras, ela dá destaque a esta questão por meio de orientações para os pais que “notam tendências homossexuais” em seus filhos:

Não considerem a ocorrência com **uma infelicidade ou punição divina**, como era normal nos redutos onde predominava ou remanesce a desinformação. A problemática não é de natureza homo ou heterossexual, mas sim moral, colocando acima da opção a conduta de cada qual na maneira correta de conduzir a existência (FRANCO, 2015, p. 106, grifo meu).

Neste trecho, de Ângelis não se preocupa em explicar as causas da homossexualidade, mas, antes, reafirma a necessidade de não a encarar como punição ou com tristeza, pois a questão que a envolve é de natureza moral. A mesma moral envolvida na heterossexualidade. Ou seja, o que está em voga é menos os motivos da homossexualidade e mais a maneira como a sexualidade é vivida.

E para não nos delongarmos em considerações desnecessárias, concluiremos que, em torno do sexo, será justo sintetizarmos todas as digressões nas normas seguintes: **Não proibição, mas educação. Não abstinência imposta, mas controle. Não impulso livre, mas responsabilidade.** Fora disso, é teorizar simplesmente, para depois aprender ou reaprender com a experiência. Sem isso, será enganar-nos, lutar sem proveito, sofrer e recomeçar a obra da sublimação pessoal, tantas vezes quantas se fizerem precisas, pelos mecanismos da reencarnação, porque a aplicação do sexo, ante a luz do amor e da vida, é assunto pertinente à consciência de cada um (XAVIER, 2015, p. 1, grifo meu).

Neste caso, a normalização da sexualidade se dá por meio de preceitos morais aplicáveis a qualquer orientação sexual. A moral espírita diz que a sexualidade tem de ser exercida com educação, controle e responsabilidade. O equivalente a dizer que o sexo de modo geral, deve estar pautado em sentimentos, amor, e ser vivido na monogamia, buscando o respeito mútuo e a fidelidade (GUIMARÃES, 2018).

Já em *Encontro com a paz e a saúde* (FRANCO, 2014), o espírito de Joanna de Ângelis não apenas reafirma que a homossexualidade não possui traços de patologia, mas chega a mencionar o posicionamento da Organização Mundial da Saúde – OMS sobre o tema. Além disso, é apresentado um breve resumo sobre a causa da homossexualidade, semelhante a primeira causa listada por Emmanuel, de que na mudança entre os dois tipos corporais possíveis, homem e mulher, “as marcas (arquétipos) da existência anterior fixem-se na constituição atual, sem nenhum caráter de natureza cármica” (FRANCO, 2014. P. 89).

Constatado que o homossexualismo não tem natureza patológica, nem é impositivo neuronal, conforme os estudos de nobres neurocientistas da atualidade, reconhecida a tese pela Organização Mundial de Saúde, podemos afirmar, sim, que se encontra geneticamente assinalando alguns neurônios, de forma que a produção de hormônios seja compatível com as heranças espirituais do passado, sempre as grandes delineadoras do presente e do futuro, ou com as necessidades evolutivas... O fato de alguém amar outrem do mesmo sexo não significa distúrbio ou desequilíbrio da personalidade, mas uma opção que merece respeito... (FRANCO, 2014, p. 88).

Já em seu livro de autoria própria, Divaldo Franco (2016) não apenas se preocupa em estabelecer as causas da homossexualidade, como reforça a ideia de que esta decorre de inúmeros motivos. Os pontos interessantes com relação a apresentação do médium envolvem a reprodução das causas já conhecidas e citadas pelos espíritos de André Luiz e Emmanuel, por meio de Chico Xavier, como também de sua mentora, o espírito Joanna de Ângelis.

No caso da homossexualidade, a finalidade desta inversão de polaridade sexual é estimular o indivíduo a superar as dificuldades provocadas pela sua conduta na encarnação anterior, quando ele **se entregou às paixões desgovernadas**. Além das causas espirituais, em decorrência de encarnações anteriores, **a homossexualidade pode originar-se na encarnação atual**, em mecanismos de

experimentações sexuais que o ser realiza quando está atormentado, sobretudo, na fase da adolescência, quando anseia por descobrir seus valores e aspirações (FRANCO, 2016, p. 141, grifo meu).

A novidade que Divaldo acrescenta à explicação de que a homossexualidade resulta do histórico de encarnações dos espíritos, tese das lides expiatórias ou inversão do corpo biológico entre encarnações, é admitir, com todas as letras, que o motivo para tanto seja o uso descontrolado do sexo no passado. Dentre as muitas causas listadas, o médium ilustra situações, que não mantêm nenhuma relação com a campo espiritual como possibilidades que levam a homossexualidade, mormente, de cunho psicológico. Outrossim, no que diz respeito as causas espirituais da homossexualidade, Divaldo menciona a possibilidade de esta ocorrer como consequência da presença de espíritos obsessores³⁴.

Em suma, tanto as contribuições ditadas pelo espírito Joanna de Ângelis quanto as reflexões de Divaldo Pereira Franco reforçam as explicações da homossexualidade ditadas pelos espíritos André Luiz e Emmanuel, apresentadas por Chico Xavier. Contudo, apenas a postura de Divaldo Franco aponta explicações questionáveis sobre a homossexualidade, primeiro, por apresentar causas que transbordam a esfera espiritual, abordando questões psicológicas; segundo, por associar de modo explícito a possibilidade de que a dinâmica espiritual da reencarnação responsável pela homossexualidade resultaria da entrega descontrolada às paixões.

³⁴ Espíritos obsessores são espíritos em baixo grau evolutivo que ainda muito apegados a existência material, se agarram as pessoas com baixo padrão moral, influenciando suas ações com intuito de satisfazer seus desejos (CAVALCANTI, p. 2008, 119).

3. Será que é?

Neste capítulo são analisados os discursos de alguns fiéis e o funcionamento da rede existente nas mídias sociais na formação de referências para a produção e difusão de novas interpretações do cristianismo a partir da experiência de pessoas LGBTQIA+. Com exceção das entrevistas, a maior parte dos dados obtidos durante a quarentena mais rígida da pandemia resultam da participação em cursos e palestras, bem como da audiência de lives realizadas por cristãos LGBTQIA+ sobre religião e sexualidade, não estando gravadas nem disponíveis *on-line*, uma vez que as lives realizadas no Instagram ficam armazenadas apenas para o usuário que a realizou, não podendo ser acessada por outros indivíduos e a maioria dos cursos realizados por chamada de vídeos foram compartilhadas por apenas uma semana após sua realização, sendo excluídos pelo seus palestrantes. O trabalho de campo desenvolvido em ambiente digital nesta etapa da pesquisa pode ser definido como acompanhamento (LEITÃO; GOMES, 2017), pois se assemelha ao trabalho etnográfico “presencial”.

De maneira geral, independentemente da denominação religiosa dos palestrantes, a sexualidade pode ser considerada o principal fator no processo de identificação dos consumidores dos cursos acompanhados. O que, em certa medida, resulta da identidade cristã genérica presente já no título dos cursos e palestras assistidos: *Teologias cristãs e a questão LGBTQIA+*; *Gênero, sexualidade e experiências religiosas*; *Teologias da diversidade sexual e de gênero*; *Sexualidade, empoderamento e reconciliação na reconstrução de si*. Os responsáveis por tais cursos estavam distribuídos entre os segmentos católicos, evangélico - pertencente a ICM, e espírita. Embora os títulos não contenham identificações sobre nenhuma igreja específica, a denominação religiosa dos responsáveis pelos cursos nunca esteve oculta, estando explícita na escolha das trilhas sonoras reproduzidas ao longo do curso e na maneira como as orações eram realizadas. Inclusive, é interessante ressaltar a surpresa dos palestrantes com a presença de outros segmentos religiosos em falas como: “Nossa, tem até espírita aqui!”. Surpresa ainda maior quando algum dos participantes se identificavam como heterossexual. No curso *Teologias da*

diversidade sexual e de gênero, por exemplo, houve o caso de um pastor que se identificou como heterossexual casado e com duas filhas que frequentou o curso para, segundo ele, compreender a questão LGBTQIA+ e apoiar alguns jovens de sua congregação.

Quadro 1. Lista de cursos e palestras

Curso	Responsável	Vertente religiosa
Teologias cristãs e a questão LGBTQIA+	Murilo Araújo	Católica
Gênero, sexualidade e experiências religiosas	João Victor F. Oliveira	Católica
Teologias da diversidade sexual e de gênero	Ana Ester	Evangélica
Sexualidade, empoderamento e reconciliação na construção de si	Jean Paul	Espírita

Em relação a formação educacional dos palestrantes é preciso dizer que todos possuíam nível superior, alguns com nível de pós-graduação *strictu sensu* outros ainda em período de formação. O que explica o modo como a construção das críticas teológicas eram feitas, qual seja, a partir de uma perspectiva científica, partindo de filósofos como Michel Foucault e Judith Butler que eram citados constantemente, junto dos teólogos Marcela Althaus-Reid (2019) e André Sidnei Musskopf (2008). De certo modo, estes quatro autores podem ser considerados o núcleo duro sobre o qual a crítica das teologias de condenação à diversidade sexual e de gênero, bem como os cursos eram construídos. Interessante notar a maneira como a referência científica, Foucault e Butler, se orienta a partir de uma produção internacional baseadas nos contextos europeus e americanos, enquanto a referência teológica se espelha em autores latino-americanos, Althaus-Reid e Musskopf, argentina e brasileiro, respectivamente.

Todos os cursos assistidos eram baseados em aulas expositivas, com slides que apresentavam sucintamente a história do movimento LGBTQIA+, os textos bíblicos que justificavam os discursos conservadores, as teorias pós-estruturalistas e as principais contribuições teológicas favoráveis à diversidade sexual e de gênero. A

demonstração dos argumentos históricos, linguísticos e culturais da época de escrita dos textos bíblicos não apenas relativizava a sua hermenêutica, como também possibilitava a construção da legitimidade e autoridade dos palestrantes, já que apenas um deles, a única mulher, era teóloga de formação com título de doutora (Ana Ester). O recurso discursivo de construção desta autoridade se baseava, muitas vezes, na analogia da experiência destes sujeitos homossexuais com a de Jesus. Já que este ao perdoar e acolher os pecadores, questionou o monopólio religioso dos sacerdotes judaicos, os fariseus, que acabaram não apenas o perseguindo, como também foram responsáveis pela morte de Cristo. Neste sentido o paralelo traçado é de que os cristãos LGBTQIA+ que confrontam as autoridades institucionais em suas congregações se assemelham a Cristo, por expandir o acolhimento da igreja aos pecadores, sendo por isso perseguidos. Há aqui o reconhecimento do sofrimento e perseguição da vida dos LGBTQIA+ como sinal de que estes são servos de deus trilhando o caminho da salvação, apesar da sua orientação sexual e identidade de gênero.

A partir deste paralelo, o próprio monopólio da graça é contestado com intuito de deslegitimar os discursos de negação da diversidade sexual e de gênero, bem como construir a legitimidade de outros discursos. Não obstante, esta contestação não se dá pela afirmação do carisma destes sujeitos, mas opera com base na submissão dos discursos religiosos aos discursos científicos, uma vez que ela tem por base a ciência. O argumento mais elementar recorre aquelas mudanças mencionadas sobre a classificação da homossexualidade no CID, se a ciência considera a diversidade sexual e de gênero normal, como seria possível que a religião adotasse outra postura?

Outra especificidade destes cursos consistia na centralidade atribuída a experiência individual destes sujeitos na ressignificação dos conteúdos religiosos. Os cursos poderiam ser considerados como laboratórios de produção da teologia *queer*, caracterizada por André Sidnei Musskopf (2008) enquanto a teologia criada a partir dos estudos *queer* e relacionada ao movimento LGBT a partir dos anos 1990. Esta teologia se distânciava daquela dita inclusiva em razão de suas perspectivas de análise, já que a teologia inclusiva mantém uma perspectiva reformista por meio da leitura

defensiva e apologética ou ofensiva dos textos bíblicos tradicionais enquanto a teologia *queer* parte da experiência desde um lugar social específico que busca transgredir as regras de normalidade estabelecidas pela heterossexualidade compulsória e heteronormatividade. A diferença entre ambas remonta a importância da experiência sexual e de gênero das pessoas não-heterossexuais que passam a compreender a sua religiosidade a partir desta perspectiva, com objetivo de instaurar uma nova perspectiva teológica constituída a partir de suas experiências, sem necessariamente se preocupar com a contestação da hermenêutica hegemônica que nega suas experiências. Isto porque a reinterpretação dos textos bíblicos de condenação da diversidade sexual e de gênero não rompe com a base heteronormativa das escrituras sagradas.

O mecanismo utilizado para produção desta nova perspectiva teológica por parte dos cristãos LGBTQIA+ se efetiva através dos testemunhos. Os testemunhos podem ser considerados discursos que contam, de algum modo, a ação ou interferência de deus na vida dos fiéis. Da perspectiva aqui adotada, é entendido, como já dito, na utilização do conceito de deus pela religiosidade a fim de unificar a história de vida, aderindo a ela coerência e sentido para além dos fatos empíricos (SIMMEL, 2010). Se compararmos a tese de Foucault (2014b) sobre o papel da confissão como mecanismo de consolidação do saber-poder que instaura o dispositivo da sexualidade com o testemunho, seria possível compreendê-lo enquanto subversão da lógica da confissão, pois naquela, os sujeitos “contam” a verdade sobre seu sexo a um terceiro que a julga, analisa e diagnostica, enquanto neste, esta verdade já é proferida pelo próprio sujeito e legitimada através de sua religiosidade ao reconhecer a ação de deus em sua vida. Embora distintas, tanto a confissão quanto o testemunho, estão baseadas no discurso sobre o sexo, o que as distingue é o sujeito da interação capaz de legitimá-las: um terceiro (padre, psiquiatra, psicólogo) ou o próprio sujeito do discurso. Sendo o efeito prático desta mudança a própria diversidade de verdades. Em outras palavras, o testemunho rompe com a lógica normativa externa aos sujeitos estabelecidas pelo poder-saber e utilizada de métrica para julgar toda e qualquer experiência confessada, possibilitando que toda e qualquer experiência seja por si só “normal” ao abrir mão de um padrão ou norma de referência ao julgamento. Os efeitos do mecanismo de testemunho tendem a criação de espaços religiosos ecumênicos,

onde a posse da verdade única e exclusiva de uma igreja é substituída pela verdade dos sujeitos, confirmada através da experiência da ação divina.

Em suma, acompanhamento dos cursos mencionados tornou possível o reconhecimento do mecanismo criado pelas redes sociais, ao agrupar e agregar indivíduos com os mesmos interesses (cristianismo, diversidade sexual e de gênero), de promover uma nova perspectiva teológica, a *queer*, que prescindiu da religião, pois dada a sua característica elementar, que parte da experiência dos indivíduos para compreensão do fenômeno religioso, rompe com a lógica normativa da sexualidade bem como com a rigidez institucional das igrejas, reivindicando seu lugar dentro delas (SERRA, 2019). Se a autonomia do sujeito promovida pela modernidade levou a configuração das figuras do peregrino e convertido (HÉRVIEU-LEGER, 2015), a teologia *queer* poderia ser compreendida como uma intensificação deste mesmo processo. Entretanto, apesar da centralidade da experiência, os discursos dos cristãos LGBTQIA+ ainda assim se orientam por alguns argumentos e lógicas dos discursos institucionais da denominação religiosa com a qual se identificam, sendo considerados individualmente nos tópicos a seguir.

3.1 Gays católicos

Embora o catolicismo siga hegemônico, desde há muito se reconhece a diversidade nos modos de vivenciá-lo, como entendido entre a percepção do catolicismo tradicional popular e o catolicismo internalizado (CAMARGO, 1961). Neste sentido, a identidade católica pode ser utilizada mesmo por indivíduos que não frequentam regularmente nenhuma congregação ou por aqueles que reconhecem não acreditar mais na Igreja e se mantêm apegados ao ritual religioso, caso do espírita Elias ao justificar sua conversão ao espiritismo.

Com 15, eu era o auxiliar de escritório da igreja. Eu que marcava os casamentos, marcava os batizados, separava a roupa do padre e tal. E era também dos grupos de jovens. Preparava as coisas das missas, então assim, super praticante ali dentro, né? Pro trabalho assim, mas era tudo ritual, tudo, tudo, tudo ritualístico, que é uma crítica do espiritismo. Não é crer só na base do ritual (Elias, julho de 2022).

Ou o caso de reconversão de Lucas, que se afasta de sua congregação em razão da desidentificação com o segmento carismático e se aproxima da igreja ao descobrir a teologia da libertação. A participação nas Pastorais da Juventude e da Diversidade sexual são entendidas como insistência na identidade católica apesar do afastamento da congregação e reconhecimento de si na teologia da libertação.

Tem preconceituoso que está falando que eu tinha que sair da igreja. Eu falo, não, eu quero transformar por dentro, não quero sair, porque se eu sair, eu vou dar espaço para aqueles que estão. Não é com discurso conservador, né? Eu quero disputar esse espaço. E quem fala isso também é um teólogo, André, então como? Ele fala muito isso também, né? Por que que a gente não, né? Não, vem cá, não questiona, né? A religião, a gente tem que questionar a religião também. Não é ele falando do movimento LGBT, o movimento LGBT questiona tudo, porque não questionar a religião, tem que questionar também, né? Então a gente está fazendo esse questionamento aí... Acho que a gente não precisa sair [da igreja]. Mas assim, eu entendo quem sai. É porque, realmente, igual se fosse a minha cidade, eu daria conta de ficar lá participando? Naquela igreja não dá. Porque é. É, não tem outro modelo, é só a carismática. **Aquela carismática fala que a gente tem que negar o nosso eu**, né? E então não voltaria, não é? Voltei porque eu descobri esse outro tipo de igreja. Por isso que eu divulgo, por isso que eu vivo, divulgando teologia da libertação para tudo quanto é lado que eu saio. Eu divulgo porque vai que tem gente que não conhece (Lucas, novembro de 2022, grifos meus).

Quando perguntando sobre episódios de preconceito ou violência dentro da congregação em que participava, Lucas informou não se lembrar de nenhum, mas em sua fala, ao se referir ao discurso carismático, menciona que os cristãos homossexuais tem de negar quem são, deixando, assim, claro o teor de violência simbólica sofrida. E até mesmo a imposição do manto de invisibilidade que cobre a homossexualidade, decorrente do regime do armário sobre o qual a relação homo/hetero é construída (SEDGWICK, 2007). A fala destacada, de fato, coaduna com o discurso oficial da igreja católica de que as tendências homossexuais embora existam, não podem se realizar nas práticas homossexuais. Ou seja, aos homossexuais católicos, a prescrição para uma fé sadia é a negação da consumação do desejo.

Não houve defesa de nenhum discurso oposto ao discurso oficial da igreja, ao menos, não nos termos de uma teologia inclusiva de releitura dos textos bíblicos. Embora tenha havido menção da figura do papa e de suas falas, para Lucas, a

mudança na igreja deveria vir por baixo, pois, segundo ele, mesmo entre os LGBTQIA+ ainda há preconceitos a serem superados. Por isso a movimentação dos católicos LGBTQIA+ é necessária, já a potencialidade das mídias sociais, para ele, apresenta um caráter duvidoso, por conta de uma experiência que envolveu a divulgação dos vídeos de “um padre que fala bem dos LGBT”.

É, eu acho que faz todo o sentido, não é pensar que vai vir alguma mudança a partir da cúpula da igreja. Se fosse assim, o Papa Francisco já tinha feito muita coisa, coitado. Acho que tem que pensar que o negócio vai ter que ser de baixo para cima mesmo, né? Mas eu olho tanta situação, meu Deus, e uma vez que a gente fez o vídeo do padre Léo. Aí eu fui compartilhar nos grupos que eu tinha, né, gente? Dá, dá uma moral aí, né, para o padre? E aí eu compartilhei num grupo do Facebook que eu nem uso mais o Facebook, mas na época eu usava. Era um grupo e o grupo era LGBT, né? Não tinha nada a ver com religião e tal, mas era um grupo LGBT, né? Postei lá sim. Aí o que teve de gente falando mal. Eu falei, gente, mas eu não posso estar vendo isso? O padre fala bem dos LGBT, né? Fala no sentido de conciliar, não é religião com os LGBT, esse povo metendo o pau que está acontecendo, está entendendo? (Lucas, novembro de 2022).

De modo geral, em se tratando do caso católico, nota-se a ausência de discurso específico que atualize a explicação oficial da igreja sobre a diversidade sexual e de gênero. Em certa medida, esta realidade se explica não apenas em razão das múltiplas possibilidades de se ser católico, como também em razão da proeminência ritualística que acaba colocando em segundo plano a preocupação intelectual de compreensão e difusão dos discursos e textos oficiais da igreja. Além disso, há reprodução da dicotomia apresentada por Ribeiro (2001) entre o que os padres falam e deixam de falar, pois mesmo sem mencionar o discurso de separação entre tendência e prática homossexuais, ainda assim, os padres transmitem a mesma necessidade de negação de si necessária aos LGBTQIA+ católicos.

3.2 Gays espíritas

No universo espírita foram entrevistados três indivíduos: Elias e Marcos, já mencionados, e Josué. Os dois primeiros são membros do mesmo centro espírita, sendo Elias um palestrante definido como autoridade intelectual em razão de suas

produções e divulgação da doutrina espírita tanto no centro, quando em rádio e canais do Youtube³⁵.

Acerca das falas de Elias, é interessante notar que ele distingue dois modos de tratamento da questão da sexualidade e gênero no espiritismo:

Essa questão do tratamento, da questão de gênero e sexualidade dentro do centro espírita. É sobre como o espiritismo trata ou como o espírita trata, porque que tem diferença? Parece que não, mas tem (Elias, julho de 2022)

Esta pergunta explícita de antemão a percepção de Elias sobre duas maneiras distintas em se considerar o tema: uma que é a partir da doutrina espírita e outra que demonstra como os espíritas lidam com o assunto. De modo sucinto, a distinção entre o tratamento dado pela doutrina e pelos espíritas foi explicado por meio de uma analogia.

Se eu colocar no papel, posso falar assim, olha aquele que faz tatuagem está condenando o seu corpo, não sei o quê, não sei o quê, não sei o quê, entendeu? Hã?! Mas foi um espírito que me falou, tá? Mas e daí? Para a gente é uma coisa muito lógica, espiritual, gente, é tudo igual, né? Pode chegar uma pessoa do seu lado e falar, pode ser um espírito. Falar é tudo igual, gente. Agora, se tem gabarito para isso, é uma outra conversa. Então, assim, as literaturas, elas, a gente tem que tomar cuidado, porque se não for com uma referência bacana é complicado. E também espíritas são falíveis. Fato de toda, toda, humanidade. Não é? Não é porque foi Chico Xavier, ele era falível. Divaldo Franco é falível, eu sou falível, você é falível. Todo mundo que tá aqui é falível, né? Então, a qualquer momento pode errar, a qualquer momento pode falar bobagem. Como ele pode escrever bobagem, então não é porque é o fulano, que é super famoso e falou, que eu vou acreditar. O conceito do espiritismo é confronto com a lógica, veja se tem coerência, veja se faz sentido, né? Se fizer sentido e se você quiser assimilar, O.K. Mas não há: fulano escreveu, tenho que acreditar cegamente. Não interessa. Pode ser o papa do espiritismo, que não existe, tá? Isso pode ser um papa no espiritismo falando, não interessa, porque se a gente não pode acreditar em tudo o que eles escrevem aqui, que vira dogma. Verdades inquestionáveis. Isto não é espiritismo, porque não tem dogmas. Então, não interessa. Faz sentido? É lógico? É coerente? Porque ah, tem tatuagem, vai pro inferno. Espera aí, porque? (Elias, julho de 2022).

³⁵ Seus vídeos mais reproduzidos são aqueles que tratam, especialmente, de temas que poderiam ser compreendidos como do universo católico: sobre necessidade de batismo ou sobre Maria de Nazaré, por exemplo.

Elias, além de sustentar publicamente seu casamento com outro homem, não tem vergonha de possuir tatuagens. Segundo ele, as tatuagens causam impressão maior que a sua sexualidade, neste sentido, a fala acima tenta demonstrar, a partir do caso da tatuagem, a distinção de tratamento dado pela doutrina espírita e aquele dado pelas pessoas que se dizem espíritas. Para ele, esta distinção existe, principalmente, em razão da inexistência de uma autoridade consolidada no espiritismo, não há papa. E ter sido mencionada por um espírito não confere autoridade, o que tem de ser feito é pensar acerca, conferir, questionar. Mas no fim, o que acaba sendo o primordial na aceitação de uma explicação por parte dos fiéis é a vontade própria: “se fizer sentido e se você quiser assimilar, O.K.”. Ou seja, há no espiritismo uma diversidade de discursos em razão da inexistência de uma autoridade constituída, o que implica na autonomia dos espíritas em reconhecer e legitimar os discursos que julgam verdadeiros, levando ao problema destacado por Elias, de que, os espíritas são falíveis e as vezes legitimam discursos preconceituosos sobre tatuagens, inclusive sobre sexualidade e gênero. Ele não detalhou os discursos de normalização da homossexualidade no espiritismo, mas explicou que:

Essa energia [sexual], ela vai se expandir, então, assim, o espiritismo em si, ele não condena a sexualidade, porque isso não faz diferença nenhuma. Tem muita gente que fala assim, que uma vez até um palestrante se baseando na doutrina, mas ele não sabia da referência, falou aqui: olha, o espírita que está passando pela homossexualidade, ele está sendo punido por um mau uso da sexualidade. Não, não é isso. É uma concepção dele, não do espiritismo. Não é? Os espíritos não falam isso é uma punição, toda e qualquer condição que nós tenhamos rico ou pobre, bonito ou feio, alto, baixo, magro, gordo, e qualquer, né? Sua condição, se é hétero ou não, ou homo, pan, qualquer coisa. Ela não é punição, é uma condição de aprendizado. Condição de aprendizado, não é? Então isso quer dizer que todos vão passar pelo estágio da homossexualidade? Não, todos vão ser ricos, não. Todos vão ser feios, não, todos vão ser bonitos, não, entendeu? Então, cada espírito precisa de uma, de uma experiência para o seu aprendizado. Tem gente que consegue aprender sem vivenciar na pele aquela experiência. Outros pedem para vivenciar na pele. Isso não quer dizer que é uma punição, entende? Então, há teorias de que homossexualidade resultou do mal uso da sexualidade na outra vida? Há. Agora, que a pessoa está sendo punida não tem nada a ver isso. Não é? Tem muitos espíritos, por exemplo, que encarna, né? Como homossexuais, para liderar movimentos. Né, de igualdade, de movimentos, de justiça. Então, isso quer dizer que ele usou mal? Não, né? Mas ele desenvolveu liderança, ele desenvolveu coragem. Ele desenvolveu o senso de justiça, por isso ele encarna, para ajudar esse

grupo. Ele não tem situações, entende? Pode ter aquele que só está pedindo para ter essa experiência. Para compreender melhor, não é. Ele vai ser pai de um homossexual numa outra existência. Então ele antecipa a vivência nessa existência para saber criar o filho, né? A empatia para que quando ele for o pai, de um homossexual, ele tenha mais empatia. Eu sei que parece umas coisas muito viajadas, mas é essa dinâmica, entendeu? (Elias, julho de 2022)

Sua explicação remonta de modo sucinto o discurso de Emmanuel psicografado por Chico Xavier, bem como a contribuição de sua própria pena. Por fim, ele deixa claro que nunca passou por nenhum episódio de preconceito em razão de sua sexualidade. Mas que se abstém de discutir o tema em razão das limitações de seu conhecimento sobre o tema.

A questão da homossexualidade. Não se tem muitas palestras sobre isso. Nos cursos não acontecem tantos cursos voltados, na verdade, é o mínimo, né? O assunto é aplicado de forma mínima, é os livros que tem. São poucos os que se arriscam a falar sobre esse assunto. E quando eu digo arriscar, não é só arriscar na questão do podar, será que vão me podar? Será que vão proibir a questão de não ter conhecimento, já que não se tem cursos e palestras, né? Falta às vezes bagagem, informação, conhecimento para escrever aquele livro. Então é uma reação, né? É um ciclo, né? Você não tem palestra, não tem no livro, não tem um assunto que acontece, né? E tem dirigentes, eles acabam, né? Expressando nas suas decisões. Muito do seu, da sua formação, do seu preconceito. Muitas vezes, então acaba agindo com preconceito, não deveria, mas, acaba. Não é? Mas existem grupos dentro do centro espírita, dos centros espíritas. De maneira geral, que monitoram isso, por exemplo, né? No centro que eu frequento, isso não é uma questão, embora seja uma questão para alguns. Mas a direção geral, a presidência, os diretores, isso não é uma questão. Que, que limite as ações por exemplo? Ali eu consigo fazer palestra, não é? Então, no podcast, trabalhar nos cursos. Ninguém nunca falou não, o Elias é gay, deixa ele de lado, né? E se falou, não teve efeito, né? Combinar que se falou, não teve efeito, então, assim, nunca nem perguntaram, eles sabem que eu sou casado, né? A secretária geral ainda fica brincando lá, fala: cadê ele? Não trouxe ele aqui, então, claro, o negócio é tranquilo, né? Mas. Eu sei que teve situações, por exemplo, é uma coisa muito emblemática. Passa um casal, entra de mão dada ou acariciando ai, que bonitinho, não é? Aí você tem um casal homossexual, né? Isso causa certa, certo desconforto às pessoas. Já que no centro não interessa ser homo, hétero, não pode aqui no centro, viu? Não pode, mas acho bonitinho quando passou hetero. Não é porque é homossexual, não é que aqui dentro não pode, viu, gente? Entendeu? Já teve muito isso nos grupos de jovens (ELIAS, julho de 2022).

Aqui, Elias constata que apesar das explicações espíritas sobre a normalidade da homossexualidade, o tratamento do tema dentro dos centros ainda é incipiente.

Além disso, demonstra que entre a explicação doutrinária e a convivência nos centros há uma lacuna decorrente do preconceito dos dirigentes dos centros. Neste exemplo relatado por ele sobre casais de mãos dadas, a invisibilidade das relações homoafetivas é imposta por meio da aplicação de uma regra “geral” de boa convivência que estabelece restrições a demonstrações afetivas dentro do ambiente religioso espírita. De fato, este relato sobre o grupo de jovens também apareceu, infelizmente, sem grandes detalhes na fala de Marcos, membro do mesmo centro espírita de Elias. Aliás, as posturas de Marcos e Elias foram bastantes distintas. Elias não apenas se assumiu publicamente como gay, mas também contou sobre sua experiência sexual e religiosa, enquanto Marcos, bastante discreto, manteve sua fala centrada na exposição das explicações espíritas sobre a homossexualidade e apresentou um texto impresso onde havia compilado vários trechos dos livros mencionados de *O livro dos Espíritos*, Chico Xavier e Divaldo Pereira Franco. Embora tenha namorado e esteja à frente da mocidade espírita em seu centro, Marcos contou apenas parte da sua trajetória de vida que o levou a filiação ao espiritismo.

Diferentemente de Elias e Marcos que encontraram no espiritismo a aceitação de sua sexualidade, Josué nasceu em família espírita e relata ter enfrentado dificuldades em razão do preconceito de seus parentes, o que o fez se afastar do espiritismo por um período, até que montou o perfil de Instagram: Umgayespírita e se aproximou novamente do espiritismo, sem, no entanto, frequentar nenhum centro espírita específico, mas realizando palestras em vários centros.

Deixa eu começar do começo, né? Eu nasci numa família espírita, não é por parte de pai. É, meus avós são nordestinos e quando eles vieram para o Rio de Janeiro, casaram muito novos. Minha vó tinha 15 anos e meu avô, 18. Meu avô é militar, não é? Da marinha? E a minha vó é costureira e dona de casa, cuidava dos filhos, né? Sempre viveram uma vida assim. Muito simples. É muito, muito pobre mesmo é. E vieram para o Rio de Janeiro por conta da carreira do meu avô, né? Na marinha. É, e aí, aqui no Rio de Janeiro, no município de Duque de Caxias, aqui no estado do Rio, né? Duque de Caxias faz parte da região metropolitana. A minha avó, meus avós alugaram uma casa de um casal que tinha um centro espírita, um em que eram presidentes, né? Deste centro espírita e a minha avó sempre mostrou sinais muito ostensivos de mediunidade. Só que ela não entendia. Eles sempre foram católicos. Não. Ela não entendia do que se tratava aquilo. Até que essa senhora de onde ela alugava o imóvel, né? Convidou minha avó, insistentemente, algumas vezes para ir lá no centro espírita

conhecer, para tratar e falou que ia com ela, que aquilo que ela sentia era mediunidade. Então minha avó foi, meu avô, nunca. Ele não entendia, era muito católico. Então não, não conhecia direito e a avó foi a primeira vez. Gostou muito. E continuou indo e meu avô ficava do lado de fora, esperando, até que um dia meu avô não se aguentou de curiosidade, e entrou também no centro. E a partir dali os dois dedicaram a vida ao espiritismo. Meu avô foi o presidente dessa mesma casa espírita. Ele foi presidente da união municipal espírita da cidade de Duque de Caxias e a minha avó sempre o acompanhando nas posições de direção dentro dessas instituições. Então, eles dedicaram a vida ao espiritismo. Os dois e a família toda por parte do meu pai, né? Também foi se tornando espírita por conta dos dois. Então, os meus tios e meu pai, todos são espíritas, os primos, tudo espírita, é uma família bem grande. E eu nasci nesse meio, quando meus pais se casaram, minha mãe também conheceu o espiritismo e também se reconheceu espírita, né? Então eu cresci dentro dessa família espírita dentro desse centro espírita, frequentando tudo bonitinho lá. Só que aí eu fui me reconhecendo homossexual, nesse processo e a minha família muito cabeça fechada. Né? Então aconteceram várias coisas, meus pais se separaram. É, eu me distanciei um pouco, né? Da família do meu pai, né? Meu pai acabou indo morar em São Paulo e depois ele até voltou pro Rio. Mas eu sempre por conta da minha mãe, também me reconheci espírita e também estava nesse meio e nesse processo de me reconhecer homossexual. E que foi na adolescência, que foi o período que eu mais estava em contato com o centro. É, foi muito conflituoso para mim. Porque minha família era aquele, aquela homofobia que a gente sabe da família tradicional Brasileira, né, das piadas. De bichinha, viadinho, não sei o que. Então tudo isso eu ouvi, eles não falavam de mim, mas falavam de outras pessoas, né? Então, a gente. Cresce ouvindo isso. E eu tinha aquele conflito dentro, dentro de mim. E aí, quando eu fiz 16 para 17 anos, eu comecei a namorar um rapaz. E aí eu queria esconder assim da minha família. Não queria que ele soubesse. Minha mãe sabia, já tinha contado para ela, conversava com ela, mas eu não queria que ninguém soubesse. E aí tinha aquela coisa, minha mãe falou não, você tem que falar pro seu pai, você tem que conversar com seu pai e meu pai sempre é... Pegou muito no meu pé por conta dessa questão de demonstrar uma feminilidade muito grande e ele achar que não tinha que ser assim, que tinha que manter aquela postura de machão, né? E aí eu tive esse conflito muito grande quando eu, até que tive coragem de falar pra ele. Primeira coisa que ele falou era que não tinha que falar pra ninguém, que eu tinha que ficar quieto, que não era para comentar com ninguém da família e tal. Então aquilo para mim era muito conflituoso, muito: meu Deus, como é que eu vou assim para um lugar? Vou pro centro espírita e tenho que esconder de todo mundo. Não posso ser quem eu sou. Eu sempre tive muita dificuldade de ser quem eu sou. Eu sempre fui muito introvertido, justamente para tentar disfarçar, né? Esse primeiro já tinha visitado alguns centros, mas não era espírita, então. Espírita, entende? Enfim. Até por conta da convivência, né? Aí eu casei muito cedo, então eu comecei a namorar com 16 para 17, com 18 anos, eu e ele já estávamos morando juntos. Então, quando isso aconteceu, por mais que eu não tenha

saído do armário, entregou para minha família. Todo mundo já sabia que ele era meu namorado, meu pai. Ai, muita coisa aconteceu. É durante esse período também que eu estava com essa idade. É uma prima se revelou como trans, se identificou como trans, então ela começou a transição nesse período também, e aí foi muito chocante para minha família. Apesar de todo mundo conviver bem, né? Com ela. No início foi difícil para todo mundo, né? Até que a minha avó e meu avô também, acho que foram os que menos sofreram, foram os que menos sofreram, apesar da idade. Falaram num determinado evangelho, no lar que já passaram por muita coisa na vida que hoje eles entendiam, né, que cada um vive a sua existência como quer, como acha melhor e que respeitavam a decisão de cada um. E que eles desconhecem, desconheciam, né? Qualquer coisa contra. Então, a partir dali foi que a família foi moldando um pouco mais o pensamento. Entendendo mais essas questões LGBT, né? E aí? Quando eu. Casei com esse meu ex, acabei me afastando muito do espiritismo, muito, muito, muito mesmo. Estava focado em outras coisas em isto, imagina eu, com 18 anos, médico querendo entrar em faculdade, trabalhando, já que a gente tinha casado, tinha contas para pagar. Então? Não pode ficar lá. De lado? Na minha vida, né? Como acho que ele conhecesse um pouco, ele não buscava isso, né? Espiritualidade. Mas quando foi assim, já no final do nosso relacionamento foi de, sei lá, uns 7 anos depois. É, eu comecei a sentir muita vontade de retornar a falar do espiritismo, a voltar a frequentar um centro. Tudo foi mais tranquilo, quando eu criei uma página que não, que não era um gay espírita, era uma página com outro nome. Eu nem lembro mais. E comecei a postar assim, mensagens nessa página por essa necessidade de querer começar a voltar, né? E comecei a procurar um centro para frequentar também (JOSUÉ, novembro de 2022).

No relato de Josué, a distinção de Elias sobre a diferença no posicionamento do “movimento espírita e dos espíritas” sobre a questão da homossexualidade se torna evidente. Pois, apesar da família espírita, Josué enfrentou dificuldades no seu processo de reconhecimento como homossexual em decorrência dos preconceitos de sua família. A prescrição de um regime de invisibilidade (SEDGWICK, 2007) por parte de seu pai, tanto entre os membros da família quanto no ambiente do centro espírita, foram responsáveis pelas dificuldades enfrentadas por Josué na construção de sua identidade de gênero, embora relevante, esta situação não foi o fator determinante de seu afastamento das rotinas do centro espírita. Este regime de silêncio acerca da homossexualidade já foi constatado em outras pesquisas e se relaciona a explicação espírita da homossexualidade como condição de sublimação da experiência sexual, prescrição similar à proposta pela explicação católica (GUIMARÃES, 2018; PEREIRA, 2020).

O interessante é notar que os mais velhos, o avô e a avó, particularmente, após tomarem conhecimento de uma neta trans, acabaram sendo responsáveis pela mudança de postura da família, ao reconhecerem a autonomia dos indivíduos em escolherem como querem viver suas vidas. Aqui, não foram as explicações espíritas sobre a homossexualidade que cooperaram para a construção da postura dos avós, mas antes a centralidade da autonomia individual na doutrina espírita.

Outro detalhe de grande valia reside na maneira pela qual Josué se reaproxima do espiritismo, por meio das mídias sociais. A princípio, muito provavelmente por meio de um blog e, posteriormente, pelo uso do Instagram. Por meio do Instagram, Josué divulgou textos espíritas e relatos de sobre a visão espírita da sexualidade, participando, especialmente, nos meses de quarentena, de muitas lives promovidas por diversos grupos de mocidade e centros espíritas. E embora se reconheça “espírita, espírita”, não participou ativamente de nenhum centro espírita. Em suas palavras, em razão da percepção da pentecostalização do espiritismo.

Porque eu acho que muita coisa perdeu o sentido, tem muita. Fantasia? Tem muita questão política também. É, não, o que eu acho. Não acho que política não deva ser discutida ou debatida ou analisada. Pelo contrário, eu acho que política faz parte da nossa vida como um todo. Está em tudo, né? Mas as pessoas, sei lá, perderam aqueles valores de respeitar as outras? Por mais que pensem diferente. De onde as pessoas acham que tem alguma salvação? Não sei. Eu acho que está no espiritismo. O movimento espírita se tornou muito pentecostal, sabe? Isso me incomoda. E por isso me afastei do movimento como um todo. E faço assim, o que eu posso, faço minha parte em casa, minhas orações, minha rotina espiritual. Mas não, não estou vinculado a nenhum centro. E mudar o nome do perfil tem um pouco a ver com isso. Desse incômodo de ter, né? O espírita ali. Mas veio também por conta dessa questão de que eu queria aproveitar esse perfil para falar de óleos essenciais, então virou um perfil mais comercial em si. E não queria associar essa parte de negócios e mercado, venda, com espiritismo. Entende? Porque eu sei que aqui a crítica iria vir. Apesar disso. Por mais que não queira dizer nada, porque seu espírita, eu posso me reconhecer espírita e ser um homem de negócios, qualquer coisa que eu quiser profissionalmente, não é só como eu me identifico, não estou dizendo que o espiritismo está vendendo óleos essenciais, não é isso. Né? Então, ali é um gay típico, ou seja, sou eu dizendo que sou espírita, eu não sou representante do espiritismo. Eu só me identifico com ele, né? Mas as pessoas têm dificuldade em entender as coisas, inclusive quando eu coloquei um no nome, um gay espírita, tinha gente que vinha me questionar, porque que eu coloquei um gay espírita? E falo, porque eu sou gay e sou espírita. E sou um, né? Não sou 2, nem 3. Está bem óbvio, já no

nome. Sabe, fazer essas coisas, que as pessoas não entendem, né? Então a gente tem que ficar se explicando, tem que ficar. E aí, por isso, eu decidi tirar o espírita do perfil. Então esse afastamento com o espiritismo, tem menos a ver com a questão da sexualidade de gênero e tudo mais.

O afastamento do espiritismo se deu em razão da percepção de Josué de pentecostalização do “movimento espírita”, que ele entende como resultado da consagração dos textos de Kardec, entendidos como verdade absoluta, e os conflitos decorrentes da atualização da doutrina espírita. No que tange as explicações sobre a homossexualidade, especificamente, ele considera limitante as explicações recorrerem ao Livro dos Espíritos, publicado no século XIX e que conta com apenas três perguntas sobre o tema do sexo. Apesar disto, em suas falas é evidente que ainda conserva traços da religiosidade espírita, ao admitir que ainda realiza seus estudos e pratica suas orações, bem como pela supressão do termo “espírita” no perfil do Instagram após transformá-lo em plataforma de venda de óleos essenciais.

De modo geral, as explicações sobre a homossexualidade presente na fala dos interlocutores espíritas estão ancoradas nos argumentos de Allan Kardec, Chico Xavier e Divaldo Pereira Franco. Em certa medida, apesar da multiplicidade de explicações sobre a diversidade sexual e de gênero, as falas dos gays espíritas demonstram o grau de difusão e legitimidade dos argumentos apresentados no capítulo anterior.

3.3 Gays evangélicos do adventismo

A escolha do segmento adventista se deve ao contato com um mantenedor de uma página no Instagram dedicada a discussão da homossexualidade no âmbito adventista. De certa forma seu depoimento descreve não apenas os novos discursos sobre a normalização da homossexualidade neste segmento religioso como, também, sua própria experiência pessoal, enquanto estimulador deste debate nas redes sociais.

As especificidades do segmento adventista fazem com que certas localidades possuam congregações com posturas e perspectivas distintas daquele do discurso

oficial da igreja, dada a sua organização representacional. O efeito mais notável desta organização leva a migração e convite de certos fiéis por sacerdotes de congregações específicas, caso como o ocorrido com um pastor homossexual casado, que ao se assumir foi convidado a se juntar a uma determinada congregação, que o aceitou, diferentemente daquela onde ele se congregava anteriormente e se assumiu.

Entretanto, o relato selecionado aqui envolve a reação de um pastor e sua congregação sobre a presença de um fiel em um culto após seu post no Twitter viralizar, ao menos entre membros da igreja adventista.

O que aconteceu na época foi o seguinte. Foi durante a pandemia. Eu não lembro agora o certo se foi, 2020 e final de 2021, início de 2021. Acredito, foi. Final de 2020 e repetiu em 2021, porque foi 2 episódios que ele falou de mim. É porque ele foi demitido no final de 2021 e tinha sido um ano antes, então acredito que a primeira vez foi em 2020. O que que aconteceu? Ele na maior igreja, ele falou que eu era o filho do demônio. Ele falou que recebeu, que alguém tinha encaminhando uma postagem. Ele não lembra com muitos detalhes das postagens, mas a postagem, a imagem que ele descreve da postagem era uma postagem que tinha feito no perfil Gay Adventista. E aí ele foi, falou assim, não tenho medo de dizer, é um filho do demônio, um advento do inferno, se referindo a mim e eu lembro que isso repercutiu muito na época e quem tinha feito essa primeira postagem falando sobre isso foi o Adventista subversivo. E aí eu lembro que isso foi num sábado. Eu lembro que eu acordei numa segunda-feira, acho que o vídeo foi postado no domingo à noite, eu lembro que na segunda-feira, quando acordei, várias pessoas começaram a me mandar. Eu achei graça no primeiro momento. De saber de que ele estava se referindo a mim. Mas era uma graça assim, bem assim de limitado a isso, porque eu fiquei muito preocupado, porque eu sabia que aquele dia da programação tinha sido um dia de programação de criança na igreja. Então como que essas crianças iam ser impactadas com aquilo? Que era algo muito forte, falar aquilo, que um gay é filho do demônio. Ainda dentro de uma igreja, de uma religião. Que acredita no, no, que o demônio existe? E aí? E ele fala, é advento do inferno, mas a igreja adventista, não acredita no inferno. E aí tem um toque de contradição, né? Tudo em nome de ofender alguém, de desmerecer, no caso. Só que alguém processou ele. Eu não sei quem é até hoje, porque, aparentemente, quando ele foi demitido. A rádio corredor contou, diz que foi alegado que ele estava, foi demitido não, desculpa. Ele não foi demitido. Ele foi transferido, quando ele foi transferido falaram que ele estava sendo transferido porque estava sendo processado por homofobia. Nisso? Eu fiquei muito feliz quando eu soube, está sendo transferido, mas eu não sei quem estava processando ele.guardo ansiosamente quando esse processo que alguém está processando ele terminar. Que aí vai portal transparência, né? Os no. O juiz Brasil, para descobrir quem está processando e falar assim que bom que você fez isso. Que não tinha como fazer, porque ia dar conflito de

interesse. Mas foi esse o contexto aí. No ano seguinte, ele voltou a falar disso porque a gente foi resgatado essa postagem e aí quando resgataram a postagem, eu fui lá e comentei também. Ele foi. Na pregação dele, foi falou. Sobre? Sobre isso de novo. E que ele, ele na segunda vez, ele ainda confirmou. Falando que ele não se arrependia do que ele falou (Joel, maio de 2023).

Neste episódio, Joel teve um post viral no Twitter, onde importante pastor da igreja comentou chamando-o de filho do demônio, o que aumentou ainda mais a repercussão do post. Após isso, alguém ganhou um processo contra o pastor, o que reacendeu sua ira e o fez continuar proferindo ameaças em seu sermão. Em razão disto Joel resolveu participar de um culto na congregação do dito pastor, que era em outra cidade. Chegando lá se percebeu que todos o reconheceram, inclusive o pastor, que o ofendeu novamente. O que chama atenção neste episódio é o fato de as redes sociais possibilitarem mais do que apenas a agregação de cristãos LGBT, como também seu mapeamento e possível perseguição. Lembro que ao longo do trabalho de campo, algumas reuniões on-line realizadas por católicos em ambientes digitais sofreram invasões de pessoas estranhas ao grupo que agrediram os presentes com ofensas parecidas e condenações sobre o inferno. Inclusive, parte do trabalho de campo desenvolvido teve de ser abandonada em razão do fechamento de tais encontros. Neste sentido, não há como afirmar que este caso se refere apenas ao segmento adventista. O que salta aos olhos é a repercussão negativa que a atuação nas mídias.

Mas o que eles puderem fazer para atacar, eles vão fazer. Sabe, eu fui seguido de carro, o cara me ameaçou e sabia onde eu estudo, sabe, ele sabe. Eu. Eu parei de postar localização e foto depois do que aconteceu. Situações porque é assim, é um perigo real para quem está com a militância dentro de um ambiente conservador (Joel, março de 2023).

Joel relata um caso de perseguição por um carro e ameaça depois do episódio do Twitter que o fez repensar sobre sua “militância” nas mídias, inclusive chegou a parar de postar novos conteúdos por um tempo. Criando um perfil sem identificação pessoal, para não vincular sua identidade a conta que usava nas mídias. Mesmo com o reconhecimento das situações de perigo, sua religiosidade se manteve relacionada a doutrina adventista, o que nunca o fez se afastar da igreja. Inclusive chegou a receber convite de um pastor para trocar de congregação, convite aceito com objetivo

de poder participar de modo mais ativo e mais seguro do cotidiano da vivência religiosa.

Em termos de discurso oficial da igreja adventista, a homossexualidade é condenada, mas em razão da sua organização institucional enquanto igreja, surgem diversas tensões entre congregações com posturas mais progressistas e outras, mais conservadoras. Fato observado pela lide entre Joel e o pastor que o ofendeu como “filho do demônio”, bem como pelo convite de um terceiro pastor para que se congregasse em sua comunidade. Neste sentido, a organização da IASD se assemelha a do espiritismo, dada a autonomia das comunidades locais, congregações, em tomarem posturas distintas da oficial.

4. Conclusão

Nesta tese, inicialmente, foi feito um estudo a respeito do modo como a diversidade sexual e de gênero é interpretada oficialmente em três segmentos cristãos brasileiros, compostos por: católicos, evangélicos e espíritas. Foram considerados: documentos institucionais (produzidos pela igreja, no caso dos católicos), livros relevantes decorrentes de psicografia e análises religiosas (no caso dos espíritas) e importantes trabalhos investigativos já publicados sobre igrejas inclusivas (NATIVIDADE, 2010; NATIVIDADE e OLIVEIRA, 2013), em relação aos evangélicos. Alguns pontos de confronto institucional religioso com as vivências cotidianas de pessoas LGBTQIA+ foram contemplados. Embora haja no meio católico pastorais e grupos que defendem e reivindicam a diversidade sexual e de gênero, observa-se que há na igreja maior rigidez do que a que ocorre no meio evangélico - por ser este, institucionalmente, fragmentado mediante inclusive determinadas igrejas com flexibilidade - e no meio espírita, dado o fato de não haver nesse meio uma autoridade que verticaliza, efetivamente, a organização das comunidades religiosas.

A análise dos dados coletados na pesquisa propiciou conferir a centralidade que a religiosidade tem na interpretação das experiências de vida dos cristãos LGBTQIA+, enquanto algo que norteia suas bibliografias e tensiona, por vezes, sua

relação com as respectivas instituições religiosas. Além disto, ela é o fator primordial na produção de novas interpretações religiosas que consideram a diversidade sexual e de gênero como normais. O testemunho é o mecanismo pelo qual a religiosidade opera na vida destes indivíduos, pois possibilita uma compreensão da ação de deus em suas vidas e, por consequência, justifica a negação dos discursos religiosos oficiais sobre a sexualidade e a diversidade de gênero.

Salienta-se ainda que a identificação dos sujeitos se dá no âmbito da congregação, em termos weberianos (ou comunidade de fiéis) da qual fazem parte, muito mais que com a instituição religiosa, sendo ela igreja ou não, como é o caso do espiritismo. Justo porque é na congregação que a experiência religiosa se desenrola, sendo ela reflexo dos indivíduos que a compõem. Nos casos em que não houve identificação com nenhuma congregação, as mídias sociais se tornaram o mecanismo pelo qual comunidades pautadas em torno de uma homossexualidade cristã são constituídas e na qual estes indivíduos começam a expandir seus conhecimentos científicos e teológicos sobre novas possibilidades de vivências e identidades religiosas.

Cabe notar certa tendência atual de produção de uma teologia queer construída a partir de tais experiências e que busca romper com as lógicas heteronormativas de concepções contrárias às inclusivas pautadas na revisão dos textos bíblicos que consideram os contextos histórico-culturais em que foram produzidas. Tal concepção teológica não apresenta padrão ou norma, condição que deriva da própria concepção e proposta dos estudos queer, justificando o carácter ecumênico dos grupos de LGBTQIA+ religiosos existentes nas mídias sociais, agrupados sobre a identificação genérica de cristão. A proposta queer no campo teológico possibilita a superação do sentimento de negação do eu presente nas falas tanto de católicos quanto de evangélicos que percebem no discurso oficial de suas igrejas a negação de seu desejo e sexualidade.

Ressalta-se ainda as especificidades de cada um dos segmentos religiosos analisados, especialmente do espírita, dado a inexistência de autoridade religiosa capaz de definir a hermenêutica da doutrina espírita, ampliando ainda mais a autonomia dos espíritas em relação a outros segmentos religiosos bem como a

multiplicidade de discursos existentes em seu seio. . Isto, a despeito de grande prestígio que conta nesse meio ainda o médium Divaldo Franco, que têm contundentes posturas antigênero, alinhadas com a extrema direita bolsonarista.

Em suma, verifica-se que católicos, evangélicos e espiritas LGBTQIA+ enfrentam problemas de rejeição em seus respectivos segmentos religiosos, sendo ainda bastante marginalizados, algo que é muito diferente, por exemplo, no candomblé. Entretanto, indivíduos com sexualidades contrapostas à heteronormativa vêm, aos poucos, se agrupando e vocalizando sua identidade, principalmente, através de cursos e atividades afins, veiculadas nas mídias sociais, tendo sido este, especificamente, o objeto desta investigação feita.

Referências bibliográficas

ADAM, Júlio César; SBARDELOTTO, Moisés. Liturgia online na pandemia: reflexões sobre as práticas religiosas de católicos e luteranos no Brasil. **PLURA**, Revista de Estudos de Religião, v. 12, n. 1, 43-60, 2021.

ALMEIDA, Ronaldo de. **Bolsonaro presidente**: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. *Novos Estudos Cebrap*, v.38, n. 1, 2019, p. 185-213.

ALMEIDA, Ronaldo de; TONIOL, Rodrigo. (org.) **Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos**: análises conjunturais. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

ALTHAUS-REID, Marcela. **Deus Queer**. Rio de Janeiro, RJ: Metanoia, Novos Diálogos, 2019.

AMARAL, Leila. Cultura religiosa errante. O que o censo de 2010 pode nos dizer além dos dados. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org.). **Religiões em movimento**: o censo de 2010. Petrópolis: Rio de Janeiro, Vozes, 2013.

ANDREA, Jorge. **Forças sexuais da alma**. Editora FEB, Versão digital, 2012. Disponível em: <http://palestrasdiversas.com.br/Cursos%20Nelson/For%C3%A7as%20Sexuais%20-%20Jorge%20Andrea.pdf> Acesso em: 08 de novembro de 2020.

AVILLA, Maria Betânia; PORTELLA, Ana Paula; FERREIRA, Verônica (Org.). **Novas legalidades e democratização da vida social**: família, sexualidade e aborto. Rio de Janeiro, Garamond, 2005.

ANARTE, Enrique. **Padres alemães desafiam proibição do Vaticano ao abençoar uniões do mesmo sexo**. In: CNN Brasil, maio de 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/padres-alemaes-desafiam-proibicao-do-vaticano-ao-abençoar-unioes-do-mesmo-sexo/> Acesso em: 15 de jan. 2022.

ANJOS, Márcio Fabri dos. **Argumento moral e aborto**. São Paulo: Editora Loyola, 1976.

ARRIBAS, Célia. **Afinal o espiritismo é religião?** São Paulo, Alameda, 2010.

_____. Autoridades espíritas: critérios para tipologias e repartições das lideranças no espiritismo. SOUZA, André R. de; SIMÕES, Pedro e TONIOL, Rodrigo (Org.). **Espiritualidade e espiritismo: reflexões para além da religiosidade**. São Paulo, Porto de Ideias, 2017.

_____. O sexo dos espíritos: gênero e sexualidade no espiritismo. **Revista USP**, n. 121, p. 97-108, 06 de maio de 2019.

_____. O caráter religioso do espiritismo. **Fragmentos de cultura**, v. 23, n. 1, Goiânia, 2013, p. 3-16.

ARBEX, Thais. “Falta coragem para enfrentar a ditadura gay”. **Veja**, jul. de 2012. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/falta-coragem-para-enfrentar-a-ditadura-gay> Acesso em: jan. de 2023.

AUBRÉE, Marion. Entre história e mito: a dinâmica da literatura espírita no Brasil. **Caminhos**, V. 10, N. 02, p. 145-156, Goiânia, 2012.

AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos**: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil. Maceió: EDUFAL, 2009.

AVILA, Maria Betânia; PORTELLA, Ana Paula & FERREIRA, Verônica (Org.). **Novas legalidades e democratização da vida social**: família, sexualidade e aborto. Rio de Janeiro, Garamond, 2005.

BAYM, Nancy K. **Personal connections in the digital age**. Cambridge: Polity Press, 2010.

BARCELOS, Walter. **Homossexualidade, reencarnação e vida mental**. Votuporanga, São Paulo, Casa editora espírita Pierre-Paul Didier, 2014.

BARROS, Sullivan Charles. As entidades brasileiras da umbanda e as faces inconfessadas do Brasil. **XXVII Simpósio Nacional de História – ANPUH Brasil – Conhecimento histórico e diálogo social**, Natal, Rio Grande do Norte, junho de 2013.

BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia**: rito nagô. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1961.

BAUMERT, Norbert. **Mulher e homem em Paulo**. Superação de um mal-entendido. São Paulo: Loyola, 1999.

BBC. **Papa defende união civil gay**: o que Francisco já disse sobre homossexualidade. Mundo, 22 de outubro de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/10/22/papa-defende-uniao-civil-gay-o-que-francisco-ja-disse-sobre-homossexualidade.ghtml> Acesso: 08 de novembro de 2020.

BENTO, Berenice e PELÚCIO, Larissa. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, V. 20, N. 2, 2012.

BESSON, Claude. Homossexuais católicos: como sair do impasse. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

BIRMAN, Patrícia. **Fazer estilos criando gêneros: possessão e diferenças de gênero em terreiros de umbanda e candomblé no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, EdUERJ/Relume Dumará, 1995.

_____. Transas e transes: sexo e gênero nos cultos afro-brasileiros, um sobrevoo. **Estudos Feministas**, v. 13, n. 2, Florianópolis, 2005.

BOSWELL, John. **Christianity, social tolerance and homosexuality**. The University of Chicago Press, 1981.

BRITO, Sabrina. Pessoas acima de 60 anos embarcam cada vez mais no universo digital. **Veja**. 19 de fev. 2021. Tecnologia. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/tecnologia/pessoas-acima-de-60-anos-embarcam-cada-vez-mais-no-universo-digital/>. Acesso em 24 out. 2021.

BURITY, Joanildo. A onda conservadora na política brasileira traz o fundamentalismo ao poder? ALMEIDA, Ronaldo de; TONIOL, Rodrigo. (Org.) **Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos**: análises conjunturais. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2018.

BUSIN, Valéria Melki. Religião, sexualidade e gênero. **Rever**, ano 11, n. 01, 2011.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

_____. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Kardecismo e umbanda**: uma interpretação sociológica. São Paulo, Pioneira, 1961.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. **Espiritismo em sete lições**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

CATECISMO da Igreja Católica. 1991. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html. Acesso em: 08 de nov. de 2020.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **O mundo invisível**: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo. [on-line] Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2008.

CECCARELLI, Paulo Roberto. A invenção da homossexualidade. **Bagoas – estudos gays**: gêneros e sexualidades, v. 2, n. 03, 2008, p. 71-93

CROMPTON, Louis. **Homosexuality and Civilization**. The Belknap Press of Harvard University Press, 2003.

CUNHA, Magali do Nascimento. **Do púlpito às mídias sociais**. Evangélicos na política e no ativismo digital. 1. Ed. Curitiba: Prismas, 2017.

CUNHA, Magali do Nascimento; BELLOTTI, K. (Org.). **Mídia, religião e cultura**: percepções e tendências em perspectiva global. Curitiba: Prismas, 2016.

DA CONCEIÇÃO, Felipe Gonçalves; CAPELLA, Ana Claudia Niedhart. Agenda-setting: mídia e opinião pública na dinâmica de políticas públicas. **Revista Compólitica**, v. 8, p. 123-146, 2018.

DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. **AIDS a terceira epidemia**: ensaios e tentativas. São Paulo, Iglu, 1991.

DENTZ, René. Sexualidade, liberdade e a tradição cristã. In. VELIQ, Fabrício (Org.). **Experiências de diversidade afetivo-sexual e de gênero**: perspectivas de diálogo. Rio de Janeiro, Metanoia, 2021.

DIAMANT, Jeff. How catholics around the world see same-sex marriage, homosexuality. **Pew Research Center**, nov., 2020. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/short-reads/2020/11/02/how-catholics-around-the-world-see-same-sex-marriage-homosexuality/> Acesso em: 21 de jan. de 2022.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo, Perspectiva, 2014.

ENDJISO, Dag Oistein. **Sexo e religião**: do baile de virgens ao sexo sagrado homossexual. São Paulo, Geração Editorial, 2014.

EVANGÉLICXS pela Diversidade. **Manifesto**. [S. l] [s. n.] [2017].

EVANGÉLICXS pela Diversidade. **Quem somos**. Disponível em: <https://evangelicxs.com/quem-somos/> Acesso em: 17 de out. de 2021.

FRANCO, Divaldo Pereira. **Sexo e consciência**. Salvador: LEAL, 2016.

_____. **Constelação familiar**. Salvador: LEAL, 2015.

_____. **Encontro com a paz e a saúde**. Salvador: LEAL, 2014.

FREITAS, Eliane Tânia. Linchamentos virtuais: ensaio sobre o desentendimento humano na internet. **Revista Antropolítica**, n. 42, p. 140-163, 2017.

FRESTON, Paul. **Protestantismo e política no Brasil**: da constituinte ao impeachment. 1993. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/69813> Acesso: 11 de abril de 2023.

FRY, Peter. Male homosexuality and spirit possession in Brazil. **Journal of homosexuality**, n. 3/4, 1986.

_____. **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

FRY, Peter; CARRARA, Sérgio. “Se oriente, rapaz!”: Onde ficam os antropólogos em relação a pastores, geneticistas e “tantos” outros na controvérsia sobre as causas da homossexualidade? **Revista de antropologia**, São Paulo, v. 59, 2016, p. 258-280.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**, volume IX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2014a.

_____. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. São Paulo, Paz e Terra, 2014b.

_____. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. São Paulo, Paz e Terra, 2014c.

_____. **História da sexualidade 3**: o cuidado de si. São Paulo, Paz e Terra, 2014d.

_____. **História da sexualidade 4**: as confissões da carne. São Paulo, Paz e Terra, 2020.

G1. **Gay vítima de abuso no Chile conta que Papa disse ‘Deus te fez assim e te ama assim’**. G1, 21 de maio de 2018, Mundo. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/gay-vitima-de-abuso-no-chile-conta-que-papa-disse-deus-te-fez-assim-e-te-ama-assim.ghtml> Acesso em: 08 de novembro de 2020.

_____. **Vaticano diz que declaração do papa Francisco sobre união civil gay não muda posição da Igreja Católica.** G1, 02 de novembro de 2020, Mundo. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/11/02/vaticano-diz-que-declaracao-do-papa-francisco-sobre-uniao-civil-gay-nao-muda-posicao-da-igreja-catolica.ghtml>
Acesso em: 09 de novembro de 2020.

GALLEGO, Esther Solano. **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil.** São Paulo: Boitempo, 2018.

GIUMBELLI, Emerson (org.). **Religião e sexualidade: convicções e responsabilidades.** Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

_____. Passado e presente do espiritismo: em torno de uma configuração de autoridade. In: SANTOS, Lyndon de A.; FERRETTI, Sérgio F.; CARREIRO, Gamaliel da S.; SANTOS, Thiago L. dos. (Org.). **Religião, carisma e poder.** São Paulo: Paulinas, 2015.

GUIMARÃES, Fernando Augusto de Souza. **Corpo e espírito: representações da homossexualidade no espiritismo de duas cidades paulistas.** 2018. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

_____. Espiritismo e homossexualidade: norteando um debate. LEÓN, Adriano Azevedo Gomes; PEREIRA, Francisco Jomário; RAMOS, Emerson Erivan de Araújo (org.) **Gênero e sexualidade em perspectiva social.** João Pessoa: Editora UFPB, 2020.

GROCHOLEWSKI, Zenon; MILLER, J. Michael. **Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao seminário e às ordens sacras.** Roma, 04 de novembro de 2005. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccat_heduc_d_oc_20051104_istruzione_po.html. Acesso em: 08 de novembro de 2020.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HINE, Christine. How can qualitative internet researchers define the boundaries of their projects? MARKHAM, A. N.; BAYM, N. K. **Internet Inquire: conversations about method.** Los Angeles: Sage, 2009. p. 1-20.

IPSOS. **89% dos brasileiros acreditam em Deus ou em um poder maior, aponta pesquisa Ipsos.** Maio de 2023. Disponível: <https://www.ipsos.com/pt-br/89-dos-brasileiros-acreditam-em-deus-ou-em-um-poder-maior-aponta-pesquisa-ipsos#:~:text=aponta%20pesquisa%20Ipsos-.89%25%20dos%20brasileiros%20acreditam%20em%20Deus%20ou%20em,poder%20maior%2C%20aponta%20pesquisa%20Ipsos&text=Aproximadamente%20nove>

[%20em%20cada%20dez.%E2%80%9D%2C%20feita%20em%2026%20pa%C3%A Dses](#). Acesso em: 24 de maio de 2023.

KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos**. Brasília, FEB, 2013.

KEMP, Simon. **Digital 2021: Brazil**. 11 de fev. 2021. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2021-brazil> Acesso em 24 out. 2021.

LADARIA, Luis F.; MORANDI, Giancomo. **Responsum da Congregação para a doutrina da fé a um dubium sobre a bênção de uniões de pessoas do mesmo sexo**. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_d oc_20210222_responsum-dubium-unioni_po.html. Acesso em: 14 de mai. de 2021.

LANDES, Ruth. Matriarcado cultural e a homossexualidade masculina. In: **A cidade das mulheres**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1967.

LEITÃO, Débora K.; GOMES, Laura Graziela. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. **Revista Antropolítica**, n. 42, Niterói, p. 41-65, 2017.

LEITE JUNIOR, Jorge. Nossos corpos também mudam: a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2011.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2005.

LEWGOY, Bernardo. A contagem do rebanho e a magia dos números: nota sobre o espiritismo no censo 2010. TEIXEIRA, Faustino & MENEZES, Renata (Org.). **Religiões em movimento: o censo de 2010**. Petrópolis, Vozes, 2013.

_____. A transnacionalização do espiritismo kardecista brasileiro: uma discussão inicial. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 28, pp. 84-104, 2008.

_____. **O grande mediador: Chico Xavier e a cultura brasileira**. Bauru, São Paulo, EDUSC, 2004.

_____. Representações de ciência e religião no espiritismo kardecista. **Civitas**, v. 6, n. 2, Porto Alegre, jul.-dez. 2006, p. 151-167.

_____. Uma religião em trânsito: o papel das lideranças kardecistas na transnacionalização do espiritismo brasileiro. **Ciencias Sociales y Religión** (impresso), v. 13, p. 93-113, 2011.

LUNA, Naara. O debate sobre aborto na câmara de deputados no Brasil entre 2015 e 2017: agenda conservadora e resistências. **Sexualidad, salud y sociedad**, Rio de Janeiro, v. 33, p. 207-272, 2019.

LUNA, Naara; NATIVIDADE, Marcelo Tavares. Religião, direitos humanos e política: balanço das temáticas e pesquisas. **Contemporânea**, v. 10, p. 503-535, 2020.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Aborto e ativismo religioso nas eleições de 2010. **Revista Brasileira de Ciências Políticas**, n. 7, p. 25-37, 2012.

_____. Discursos pentecostais em torno do aborto e da homossexualidade na sociedade brasileira. **Cultura y Religión**, v. 17, p. 48-68, 2013.

_____. O discurso cristão sobre a 'ideologia de gênero'. **Revista Estudos Feministas**, v. 26, n. 2, p. 447-463, 2018.

MACHADO, Maria das Dores Campos; PICCOLO, Fernanda Delvalhas (Org.). **Religiões e homossexualidades**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2010.

MAISONNAVE, Fabiano. 'Se uma pessoa é gay e busca Deus, quem sou eu para julgá-la?', diz papa. Folha de São Paulo, São Paulo, 29 de julho de 2013, Poder. Disponível: <https://m.folha.uol.com.br/poder/2013/07/1318313-se-uma-pessoa-e-gay-e-busca-deus-quem-sou-eu-para-julga-lo-diz-papa.shtml> Acesso: 08 de novembro de 2020.

MANUAL da Igreja Adventista do Sétimo dia. Tatuí, SP: Casa publicadora brasileira, 2023.

MARTINO, Renato Raffaele; CREPALDI, Giampaolo. **Compêndio da doutrina social da Igreja. 2004**. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html. Acesso em: 08 de nov. de 2020.

MARTINS, Eduardo S. T.; LEITE, Rodrigo L.; PORTO, Tiago S.; NETTO, Oswaldo F. L. Psicanálise e homossexualidade – da apropriação à desapropriação médico-moral. **IDE**, v. 36, n. 57, São Paulo, jun. 2014.

MATORY, J. Lorand. Homens montados: homossexualidade e simbolismo da possessão nas religiões afro-brasileiras. REIS, João José (org.). **Escravidão e invenção da liberdade**. Editora Brasiliense, São Paulo, p. 215-231, 1988.

MISKOLCI, Richard. A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 1, n. 21, p. 150-182, jan./jun. 2009.

_____. **Batalhas morais**: política identitária na esfera política midiaticizada. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

_____. Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. **Cronos**, Natal, v. 12, n. 2, p. 09-22, 2011.

_____. Pânicos morais e controle social – reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos Pagu**, v. 28, 2007.

_____. Um saber insurgente ao sul do equador. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 1, p. 43-67, Bahia, 2014.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Revista Sociedade e Estado**, v. 32, n. 3, 2017.

MOREIRA, Andrei. **Homossexualidade sob a ótica do espírito imortal**. Belo Horizonte, AME editora, 2016, 410 p.

_____. **Transexualidades sob a ótica do espírito imortal**. Belo Horizonte, AME Editora, 2017, 272 p.

MUSSKOPF, André Sidnei. **Via(da)gens teológicas**: itinerários para uma teologia queer no Brasil. 2008. Tese (Doutorado em teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2008.

NATIVIDADE, Marcelo. **Margens da política**: Estado, direitos sexuais e religiões. Rio de Janeiro: Garamond, 2016.

_____. Os evangélicos e a cura da homossexualidade. **Revista Intersecções**, n. 2, Rio de Janeiro, 2006.

_____. Uma homossexualidade santificada: etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. **Revista Religião e Sociedade**, v. 30, n. 2, 2010. Rio de Janeiro, ISER, p. 132-152.

NATIVIDADE, Marcelo; OLIVEIRA, Leandro. **As novas guerras sexuais**: diferença, poder religioso e identidades LGBT no Brasil. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, Instituto de Psicologia – UnB, v. 18, n. 2, p. 193-202, 2002.

NOVAES, Regina. Jovens sem religião: sinais de outros tempos. TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org.). **Religiões em movimento**: o censo de 2010. Petrópolis: Rio de Janeiro, Vozes, 2013.

ONFRAY, Michel. **O cristianismo hedonista**: contra-história da filosofia II. São Paulo: WMF, Martins Fontes, 2008.

PAOLIN, Mariana Monti. **A associação movimentalista Escola sem partido na cruzada antigênero**: análise de sua militância no Instagram. 2022. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022.

PAULA, P. S. R.; LAGO, M. C. S. Da peste gay ao barebackingsex: AIDS, biopolítica e risco em saúde. **Ciencias sociales y educación**, v.2, n. 4, 2013, p. 276-283.

PAULO VI. **Gaudium et spes sobre a Igreja no mundo atual**. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html#. Acesso em: 26 de nov. de 2021.

PAULO VI. **Humanae vitae de sua santidade papa Paulo VI** – Sobre a regulação da natalidade. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_25071968_humanae-vitae.html. Acesso em: 26 de nov. de 2021.

PELUCIO, Larissa. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil?. **Periodicus**, v. 01, p. 15-39, 2014.

PENNA, Fernando de Araujo. O discurso reacionário de defesa do projeto “Escola sem partido”: analisando o caráter antipolítico e antidemocrático. **Quaestio**: Sorocaba, v. 20, n. 3, p. 567-581, 2018.

PEREIRA, Francisco Jomário. A representação da homossexualidade no discurso espírita de Divaldo Franco. **Movimentação**, v. 07, p. 39-55, 2020

_____. O espiritismo brasileiro: Uma produção discursiva. **Tabuleiro de letras**, v. 14, p. 229-240, 2020.

_____. O Espiritismo no Campo Religioso Brasileiro. **CRÍTICA E SOCIEDADE**: revista de cultura política, v. 10, p. 144-164, 2020.

_____. **“Transar pode, mas você não deveria”**: a representação da homossexualidade no discurso espírita brasileiro. 2020. Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

PESTANA, Matheus. As religiões no Brasil. In: Religião e Poder. Disponível em: <https://religioepoder.org.br/artigo/a-influencia-das-religoes-no-brasil/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2023.

PIERUCCI, Antônio Flávio. O crescimento da liberdade religiosa e o declínio da religião tradicional: a propósito do censo de 2010. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org.). **Religiões em movimento**: o censo de 2010. Petrópolis: Rio de Janeiro, Vozes, 2013.

PIO XI. **Casti connubii del papa Pío XI sobre el matrimonio cristiano**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xi/es/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19301231_casti-connubii.html. Acesso em: 26 de nov. de 2021.

POUSHTER, Jacob; KENT, Nicholas. The global divide on homosexuality persists. **Pew Research Center**, 25 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/global/2020/06/25/global-divide-on-homosexuality-persists/> Acesso em: 21 de jan. de 2022.

PRANDI, Reginaldo. As religiões afro-brasileiras em ascensão e declínio. In.: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org.). **Religiões em movimento: o censo de 2010**. Petrópolis: Rio de Janeiro, Vozes, 2013.

_____. **Os mortos e os vivos: uma introdução ao espiritismo**. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

_____. **Os candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova**. São Paulo: HUCITEC, Editora da Universidade de São Paulo, 1991.

QUERO, Hugo Córdova. **12 mitos sobre as religiões e a diversidade sexual**. Plataforma Intersecções, 2018.

RANKE-HEINEMANN, Uta. **Eunucos pelo Reino de Deus: Igreja Católica e sexualidade – de Jesus a Bento XVI**. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 2019.

RATZINGER, Joseph; AMATO, Angelo. **Considerações sobre os projetos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais**. Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, Vaticano, 2003. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20030731_homosexual-unions_po.htm. Acesso em: 08 de nov. de 2020.

RATZINGER, Joseph; BOVONE, Alberto. **Carta aos bispos da Igreja Católica sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais**. Congregação para a Doutrina da Fé, Vaticano, 1986. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_1986_1001_homosexual-persons_po.html Acesso em: 08 de novembro de 2020.

REIS, Ruth; ZANETTI, Daniela; FRIZZERA, Luciano. A conveniência dos algoritmos. **Compólitica**, v. 10, n. 1, p. 35-58, 2020. DOI: <https://doi.org/10.21878/compolitica.2020.10.1.333>

RIBEIRO, Lúcia. **Sexualidade e reprodução: o que os padres dizem e o que deixam de dizer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

ROSAS, Nina; ARAÚJO, Bernardo Guimarães P.; NETO, Milton Mendes Reis; PINTO, Luiz Eduardo de S. Sexo degradante e destruidor: uma análise sobre as interdições sexuais presentes nos livros evangélicos. **Religião e sociedade**, Rio de Janeiro, v. 41, 2021, p. 243-273.

RUBIN, Gayle. Pensando sobre o sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. **Cadernos Pagu**, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, n. 21, p. 1- 88, 2003.

SANTOS, Milton Silva. Mito, possessão e sexualidade no candomblé. **Revista Nures**, n. 8, jan./abr., 2008.

SCALA, Jorge. **La ideología del género**. O el como herramienta de poder. Rosario: Ediciones Logos, 2010.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos pagu**, v. 28, 2007, p. 19-54.

SEPER, Franjo; HAMER, Jerónimo. **Declaração persona humana sobre alguns pontos de ética sexual**. Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, Vaticano, 1975. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19751229_persona-humana_po.html. Acesso em: 19 de mai. de 2021.

SERRA, Cris. **Vimos para comungar**: os grupos de católicos LGBT brasileiros e suas estratégias de permanência na Igreja. Rio de Janeiro: RJ, Metanoia, 2019.

GENERAL Conference of Seventh-day Adventists Executive Committee. **Sexual behavior**. Washington, D.C.: outubro de 1987. Disponível em: <https://www.adventist.org/official-statements/sexual-behavior/> Acesso em: 14 de fev. de 2023.

SIGNATES, Luiz. Espiritismo e racionalidade: o intelectual espírita e o lugar da ciência no espiritismo brasileiro. **Fragmentos de cultura**, v. 24, n. 4, p. 435-450, 2014.

SIMMEL, Georg. **La religión**. Argentina: Editorial Gedisa 2012.

_____. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

_____. **Religião**: ensaios volume 1/2. São Paulo: Olho d'Água, 2010.

_____. **Religião**: ensaios volume 2/2. São Paulo: Olho d'Água, 2011.

SIMÕES, Pedro; SOUZA, André Ricardo de (Org.). **Dimensões identitárias e assistenciais do espiritismo**. Curitiba: Appris, 2020.

SIMÕES, Pedro; ZUCCO, Patrícia L.; MACHADO, Maria D. C.; PICOLLO, Fernanda D.. As representações da diversidade sexual no campo religioso. **Serviço Social & Realidade**, v. 18, p. 259-296, 2009.

SPARGO, Tamsin. **Foucault e a teoria queer**: seguido de Ágape e êxtase orientações pós-seculares. Belo Horizonte, Autêntica editora, 2017.

STEPHANINI, Valdir; BROTTTO, Julio Cezar de Paula. A quebra de paradigmas religiosos em tempos de pandemia: dos templos para as casas e para as mídias. **PLURA**, Revista De Estudos De Religião, v. 12, n. 1, p. 61-79, 2021.

SOUZA, André Ricardo de. Pluralidade cristã e algumas questões do cenário religioso brasileiro. **Revista USP**, v. 120, p. 15-22, 2019.

SOUZA, André Ricardo de; ARRIBAS, Célia da Graça; SIMÕES, Pedro. “Feições expressivas do movimento espírita brasileiro”. **Religare**, v. 14, n. 1, p. 28-59, 2017.

SOUZA, André Ricardo de; BATISTA, Breno Minelli. Os efeitos políticos no Brasil dos sete anos iniciais do Papa Francisco. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 8, p. 189-206, 2020.

SOUZA, André Ricardo de; MANDUCA, Vinicius; PLACERES, Giulliano. Feições político-midiáticas da concorrência cristã brasileira. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 7, p. 261, 2014.

SOUZA, André Ricardo de; SIMÕES, Pedro; **TONIOL, Rodrigo (Org.). Espiritualidade e espiritismo**: reflexões para além da religiosidade. São Paulo: Porto de ideias, 2017.

SOUZA, André Ricardo de; TORRES, Natália Cannizza. As duas faces evangélicas do espiritismo brasileiro. **Religião e Sociedade**, v. 42, p. 221-240, 2022.

THE LAMBETH Conference – Resolutions archive from 1930. Disponível em: <https://www.anglicancommunion.org/media/127734/1930.pdf>. Acesso em: 26 de nov. de 2021.

TORRES, Marco Antônio. Os significados da homossexualidade no discurso moral-religioso em condições históricas e contextuais específicas. **Revista de Estudos da Religião**, n. 1, 2006, p. 142-152.

TORRES, Natália Canizza. “**Jesus a porta, Kardec a chave**”: a apropriação do Novo Testamento pelo segmento espírita. São Carlos, Dissertação de mestrado em sociologia, UFSCar, 2019.

VAGGIONE, Juan Marco. **La iglesia católica frente a la política sexual**: la configuración de una ciudadanía religiosa. *Cadernos Pagu*, n. 50, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/18094449201700500002>

VELIQ, Fabrício (org.). **Experiências de diversidade afetivo-sexual e de gênero**: perspectivas de diálogo. Rio de Janeiro, Metanoia, 2021.

VIECELI, Leonardo. **IBGE encerra coleta do Censo e inicia apuração final após atrasos**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/03/ibge-encerra-coleta-do-censo-e-inicia-apuracao-final-apos-atrasos.shtml> Acesso em: 08 de maio de 2023.

XAVIER, Francisco Cândido. **Vida e sexo**. Brasília: FEB, 2015.

_____. **Pinga Fogo com Chico Xavier 1971 – homossexualismo**. 2010. (04m02s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oU4pXinRYwM> Acesso: 12 jan. 2018.

XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. **Sexo e destino**. Brasília: Editora FEB, 2013.

WALKER, Mitch. **Men loving men: a gay sex guide and consciousness book**. Gay Sunshine Press, San Francisco, 1977.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. 4ª Ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2009.

_____. **Ensaio de sociologia**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.